



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC**  
**FACULDADE DE MEDICINA- *CAMPUS* DE SOBRAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

**ISABELLE MELO ROCHA LIMA**

**CULTURAS JUVENIS E A PRODUÇÃO DA SAÚDE NO COTIDIANO DE UM  
GRUPO DE DANÇA POP**

**SOBRAL**

**2017**

ISABELLE MELO ROCHA LIMA

CULTURAS JUVENIS E A PRODUÇÃO DA SAÚDE NO COTIDIANO DE UM GRUPO  
DE DANÇA POP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Adelane Monteiro da Silva.

SOBRAL

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- L698c Lima, Isabelle Melo Rocha.  
CULTURAS JUVENIS E A PRODUÇÃO DA SAÚDE NO COTIDIANO DE UM GRUPO DE DANÇA  
POP / Isabelle Melo Rocha Lima. – 2017.  
142 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação  
em Saúde da Família, Sobral, 2017.  
Orientação: Prof. Dr. Maria Adelane Monteiro da Silva.  
Coorientação: Prof. Dr. Isaurora Cláudia Martins de Freitas.
1. Juventudes. 2. Culturas Juvenis . 3. Saúde . 4. Dança. I. Título.

CDD 610

---

ISABELLE MELO ROCHA LIMA

CULTURAS JUVENIS E A PRODUÇÃO DA SAÚDE NO COTIDIANO DE UM GRUPO  
DE DANÇA POP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, *Campus* de Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Saúde da Família.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas  
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Ao meu sempre irmão, João Elias Melo Rocha, que me ensinou que a dor é inerente ao caminho, mas a gratidão e a resiliência nos sustentam diante das circunstâncias.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, autor da minha vida, a minha gratidão, por ter-se feito presente em dias escuros e claros, alimentando meu coração de esperança, e ter-me permitido chegar ao fim desse processo.

À minha incansável mãe, **Edith**, por todo esforço, dedicação e determinação em oferecer uma educação de qualidade, sempre orientando o melhor caminho a seguir.

Ao meu pai, **João Batista**, por toda sua serenidade e mansidão com que me ensina através de seus atos.

À **Lua Clara**, minha filha, por recobrar minhas forças com seu sorriso e me fazer ver o mundo através da sua pureza e maturidade, tão necessárias aos adultos. Amo você, filha!

Ao **Robson**, companheiro de vida, por ter acreditado em mim quando nem eu mesmo acreditava e por todos os ensinamentos sobre o amor que me transmite cotidianamente.

Às minhas irmãs por me fazerem sentir que não estou sozinha e me ensinarem a respeito da reciprocidade todos os dias, cada uma com sua peculiaridade: **Cintia**, por sua oração diária e serenidade, **Eglantina**, por sua resiliência, **Angélica**, pela sua determinação, e **Vânia**, pela sua amizade.

À minha sogra, **Vasti**, e ao meu sogro, **Constâncio**, que me auxiliaram nesse processo, cuidando e educando minha filha nas minhas ausências, pela paciência e compreensão dispensadas, meu respeito e carinho.

Às minhas cunhadas, **Thassália**, **Myrna** e **Yasmine**, pelas palavras de ânimo em dias difíceis e por me auxiliarem amando e cuidando da minha filha.

Aos meus amigos, que como a chuva em dias de calor amenizando a temperatura, participaram auxiliando-me com a presença e a conversa sincera, no compartilhamento do vinho e da vida.

À **Erilene**, amiga de longas datas, por sua amizade de sempre.

À **Claudenia** e à **Isabela Farias**, pelos sorrisos e o compartilhamento de angústias. Foram amigas do mestrado que eu vou levar por toda a vida.

À **Simone Passos**, por me ouvir e me aconselhar tornando o fardo mais leve.

À **Talicia**, um presente que a docência me concedeu: obrigada pela amizade e por todo o amparo em dias difíceis!

À **Lane Matos**, amiga de profissão e vida, por ter estado presente em todo o processo com sua leveza e serenidade.

À **Francisca Lopes**, pela maturidade e sabedoria nos conselhos e na presença diária.

À **Isabele Duarte**, pela determinação e por me arrancar sorrisos tão necessários a um cotidiano de trabalho.

À **Nayara Machado**, pela amizade e companheirismo.

À **Cícera**, pela amizade e cuidados de todos os dias.

Aos amigos e vizinhos, **Gilmar e Lucyany**, pela partilha da vida e cuidado.

À minha orientadora, **Adelane Monteiro**, por sua serenidade e paciência em lidar com meu tempo, tornando esse processo leve. Obrigada pela confiança e sabedoria em me conduzir, sendo uma verdadeira companheira que pretendo levar para a vida!

Aos mestres que passaram pela minha vida e me ensinaram muito sobre o aprender na docência, **Camila Holanda, Isaurora Martins, Isabel Linhares, Ivna Holanda, Elivânia Moraes, Marylúcia Mesquita, Luis Achilles e Camilla Lopes**.

Ao professor **Percy Galimbertti**, pelo apoio e amizade desde o começo desse processo, por estar sempre acessível e pela força dispensada em dias difíceis.

À **Larissa**, por ter me ajudado durante o estágio à docência, e nesta fase final, com a dissertação.

A todos os profissionais do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – **CREAS** (lócus em que se deu o início da pesquisa com as juventudes), pelo aprendizado em todos os anos de trabalho.

À **Ana Maria**, por se disponibilizar em toda a pesquisa, pela amizade e afeto em compartilhar comigo suas vivências, que muito ampliaram minhas concepções sobre as juventudes.

A todos os jovens da **Cia Marshall**, que me permitiram a aproximação e, nesse lugar de estranhamento mútuo, me concederam amizade e afeto raros de se ver.

Às **Faculdades INTA**, espaço de formação e aprendizado em que tive a rica oportunidade de me formar e depois voltar como docente.

## RESUMO

Os estudos realizados para o delineamento deste trabalho revelam a fragilidade política, institucional, conceitual e metodológica, no atendimento dado às *juventudes* pelos agentes do setor da saúde, que não dialogam na perspectiva de pensar a promoção da saúde a partir da diversidade da experiência juvenil. O objetivo geral deste estudo foi compreender como os jovens significam sua saúde no cotidiano de suas culturas juvenis. A pesquisa de campo é um estudo de caráter etnográfico de abordagem qualitativa e foi realizada em duas fases. Na primeira fase dei prioridade a uma observação mais etnográfica, através da descrição densa desse cotidiano nos diários de campo em que se deram as estratégias de aproximação dos grupos juvenis. O estudo teve como cenário a Estação da Juventude do Recanto, por ser este um espaço de sociabilidade dos próprios jovens. Meu olhar se voltou para os grupos que compartilham significados e o grupo que demonstrou essa característica de forma mais acentuada foi o grupo de dança pop Cia Marshall. A segunda fase da pesquisa foi marcada pelo uso de técnicas mais formais, como por exemplo as entrevistas que aconteceram em março deste ano (2017) e que totalizaram o número de 09 entrevistados. Senti a necessidade de saber como, em grupo, esse discurso era produzido e optei por outra técnica, que foi o grupo focal. Os jovens da Cia Marshall significam a saúde a partir do compartilhamento de uma cultura que estabelece elos de sentido diante da negação de suas identidades sexuais advindas de processos de não reconhecimento daqueles que “deveriam” ser expressão primária de atenção e afeto. É nesse compartilhar de experiências que encontram nos pares o reconhecimento de si a partir do resgate do olhar alheio, produzindo um *algo mais*, que aqui, numa perspectiva *interpretativista* (PAIS, 2003), denomino de saúde.

**Palavras-chave:** Juventudes. Culturas Juvenis. Saúde. Dança.

## **ABSTRACT**

The studies carried out to outline this work reveal the political, institutional, conceptual and methodological fragility of working with the youths in the health sector, who do not dialogue with the perspective of thinking about health promotion based on the diversity of youth experience. The general objective of this study was to understand how young people mean their health in the daily life of their youth cultures, the field research is a study of ethnographic character of qualitative approach and was carried out in two phases. In the first phase I gave priority to a more ethnographic observation through the dense description of this daily life in the field diaries in which the strategies of approaching youth groups were given. The study was based on the Recanto Youth Station because this is a space of sociability of young people themselves. My gaze turned to the groups that shared meanings and the group that possessed such characteristics was pop dance group Cia Marshall. The second phase of the research was marked by the use of more formal techniques, such as the interviews that took place in March of this year (2017) and totaled the number of 09 interviewees, I felt the need to know how in group this discourse was produced And opted for another technique that was the focal group. The young people of CIA Marshall mean health by sharing a culture that establishes links of meaning to the denial of their sexual identities arising from processes of non-recognition of those who "should" be the primary expression of attention and affection. It is in this sharing of experiences that they find in the peers the recognition of themselves from the rescue of the other's eyes, producing something more, that here in an interpretative perspective (PAIS, 2003), I call health.

**Keywords:** Youth. Youth Cultures. Health. Dance.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Atenção Básica
APS	Atenção Primária à Saúde
BVS	Biblioteca Virtual da Saúde
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EFSFVS	Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESF	Estratégia Saúde da Família
FUNABEM	Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
GEPECJU	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MS	Ministério da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PNAISAJ	Política de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens
PNBEM	Política Nacional de Bem-Estar do Menor Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
PNJ	Política Nacional de Juventude
PSC	Prestação de Serviço à Comunidade
PROSAD	Programa governamental Saúde do Adolescente
PSE	Programa Saúde nas Escolas
SNJ	Secretaria Nacional de Juventude
SUS	Sistema Único de Saúde
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1.1</b>	<b>Tecendo com eles uma história: minha aproximação com as juventudes</b> .....	13
<b>1.2</b>	<b>Justificativa e Relevância</b> .....	18
<b>2</b>	<b>AS JUVENTUDES E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: DA APARENTE UNIDADE À DISCUSSÃO DA DIVERSIDADE</b> .....	22
<b>2.1</b>	<b>A construção social da(s) Juventude(s)</b> .....	22
<b>2.2</b>	<b>Juventude e Políticas Públicas</b> .....	27
<b>2.3</b>	<b>Os Jovens e a Política de Saúde</b> .....	35
<b>3</b>	<b>“O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR”: PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO</b> .....	44
<b>3.1</b>	<b>O Estudo com as juventudes: A sociologia do cotidiano como perspectiva metodológica</b> .....	44
<b>3.2</b>	<b>“A Estação da Juventude é uma praça”: as singularidades do lócus da pesquisa</b> .....	49
<b>3.3</b>	<b>Culturas Juvenis: símbolos, pertencimento e o compartilhar de uma identidade grupal/ “Escolhida” pela Cia Marshall</b> .....	57
<b>3.4</b>	<b>As técnicas e os instrumentos de coleta como possibilidades de criação em campo: observação, diários, entrevistas e grupos focais com a “Cia Marshall”</b> .....	66
<b>3.5</b>	<b>“Entrevendo” na análise dos dados</b> .....	73
<b>3.6</b>	<b>Aspectos Éticos</b> .....	75
<b>4</b>	<b>OS JOVENS E OS MODELOS PRESCRITIVOS DOS “ESPAÇOS ESTRIADOS”: FAMÍLIA, ESTUDOS E TRABALHO</b> .....	76
<b>5</b>	<b>AS “CULTURAS PERFORMATIVAS DOS ESPAÇOS LISOS”: A DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE SENTIDO E RECONHECIMENTO</b> .....	87

6	<b>SOCIABILIDADES, SÍMBOLOS DE PERTENCIMENTO E RESISTÊNCIA: A COMUNICAÇÃO DE UMA CULTURA</b>	.....	93
7	<b>AS CULTURAS JUVENIS E A POLÍTICA DE SAÚDE: O CORPO, A ARTE E OS RISCOS SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS NÃO HETEROSSEXUAIS</b>	.....	101
8	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	.....	113
	<b>REFERÊNCIAS</b>	.....	116
	<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE PARA JOVENS ACOMPANHADOS PELA ESTAÇÃO DA JUVENTUDE DO NOVO RECANTO</b>	.....	125
	<b>APÊNDICE B: TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR</b>	.....	127
	<b>APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b>	.....	129
	<b>APÊNDICE D: ROTEIRO DO GRUPO FOCAL</b>	.....	131
	<b>ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA</b>	.....	133
	<b>ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA.</b>	.....	135

## 1 INTRODUÇÃO

Uma pesquisa realizada por um consórcio de pesquisadores de diversas universidades e instituições globais, a partir do relatório anual *Global Burden of Disease*, da Organização Mundial da Saúde (OMS), informou que há 1,8 bilhão de adolescentes e adultos jovens no mundo, cerca de um quarto da população mundial, a maior geração da história. Dois terços vivem em países em desenvolvimento, onde problemas evitáveis como HIV/aids, gravidez precoce, acidentes e violência são ameaças diárias. Até 2032, o número de jovens no mundo vai subir para 2 bilhões (BOUER, 2016).

Do ponto de vista da saúde sexual, sem proteção, o jovem fica mais exposto a doenças que podem comprometer seu futuro reprodutivo e sua saúde. As taxas de HIV na população mais jovem, principalmente dos garotos que fazem sexo com outros homens, é hoje uma das maiores preocupações de quem trabalha com prevenção. Complicações decorrentes de gravidez na adolescência, tentativas de aborto e partos estão entre os principais impactos na vida das garotas.

Ainda de acordo com o relatório, os principais problemas, para ambos os sexos, são a saúde mental e os perigos nas ruas e estradas. Depressão, por exemplo, foi a doença mais comum em 2013, afetando mais de 10% dos jovens de 10 a 24 anos. Dados divulgados recentemente pela OMS indicam que o Brasil é o país com maior número de pessoas com transtorno de ansiedade e o quinto em número de pessoas com depressão. A British Broadcast Corporation (BBC) Brasil divulgou, recentemente, que, entre 1980 e 2014, a taxa de suicídio entre jovens no País aumentou 27,2% (SOARES, 2017).

Os dados revelam as realidades que cercam a juventude na contemporaneidade, denunciando os riscos que envolvem sua saúde, constituindo-se assim um grande desafio à promoção da saúde. As representações do que venha a ser considerado saúde e não saúde pelas políticas públicas estão relacionadas a uma série de fatores construídos historicamente.

Os determinantes sociais que envolvem as trajetórias juvenis tornam-se alvo das políticas públicas no Brasil a partir dos anos 2000, quando começa uma série de estudos que trazem à pauta da agenda pública a questão da juventude. No campo da saúde as políticas destinadas aos jovens estiveram ligadas “historicamente aos significados sociais que lhes são direcionados”, isso

quer dizer, relacionada a problemas sociais, e na saúde isso se reproduz em fatores de risco. (JAGER *et al.*, 2014, p.213).

A promoção da saúde desde a reforma sanitária rompeu com a “causalidade linear do adoecimento” e passou a ser produzida nos modos de vida dos indivíduos e suas coletividades, extrapolando o discurso biologicista sobre a saúde (HORTA, 2011). Apesar do avanço conceitual sobre a concepção de saúde, os referenciais da “não saúde” são características deste setor ao se referir aos jovens. Uma dessas representações está relacionada a *adolescência* que neste campo é compreendida como sinônimo de juventude.

O enfoque centrado nos “fatores de risco”, como gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, violência, comungam com as mudanças biológicas relacionadas a essa faixa de idade, direcionando as ações e estratégias de trabalho. A Política de Atenção Integral à Saúde do Adolescente (2006) tem o objetivo de ampliar as discussões em torno da efetivação da política de saúde voltada a esse grupo populacional, não mais centrada em ações assistencialistas e reducionistas antes executadas em nível de programa.

Os resultados das pesquisas (BOAS; CUNHA; CARVALHO, 2010; RAPOSO, 2009; HENRIQUES; ROCHA; MADEIRA, 2010; ROCHA *et al.*, 2012), realizadas para o delineamento deste trabalho, revelam a fragilidade política, institucional, conceitual e metodológica, no atendimento dado às *juventudes* pelos agentes do setor da saúde, que não dialogam na perspectiva de pensar a promoção da saúde a partir da diversidade da experiência juvenil como possibilidade de compreender o “problema”, transferindo a ênfase da “marginalidade para a identidade, das aparências para as estratégias, do espetacular para a vida cotidiana, da delinquência para o ócio, das imagens para os autores” (FEIXA, 2004, p. 6).

Desse modo, parto da hipótese que a política de saúde materializada nos territórios pelos profissionais que compõem as equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) não compreende os riscos relacionados à saúde dos jovens a partir do cotidiano destes sujeitos, de seus modos de vida, enfim, de suas culturas juvenis. Os caminhos percorridos no trabalho com esse público são sustentados pelas orientações técnicas e metodológicas indicadas pela política sobre os problemas da juventude ou mesmo pelas representações sociais que carregam.

Os estudos sobre a sociologia da juventude revelam a necessidade de trazer à luz a diversidade da experiência juvenil que rompe com os paradoxos de ser jovem hoje e de se fazer

adulto, segundo Carrano (2008, p. 67), “os jovens vivem experiências concretas que se aproximam mais ou menos da condição juvenil”. Suas trajetórias evidenciam que seus percursos nem sempre serão de preparação para a vida adulta.

Pais (2003) chama a atenção para a necessidade de uma abordagem teórica metodológica de compreensão das juventudes e seus grupos a partir de um olhar “multi e interdisciplinar”, de maneira a apreender os modos de agir dos jovens no interior dos ritmos da vida cotidiana, lugar onde estes tecem “culturas juvenis”, exercício social no qual combinam continuidades/descontinuidades” (ALMEIDA, 2009, p. 125).

Dessa forma, pesquisar os jovens a partir de suas culturas, tendo o cotidiano como espaço e método de pesquisa, é fulcral para a compreensão de como as questões de saúde e riscos se corporificam na realidade desses sujeitos. A questão que se funda como orientadora desse estudo parte do desejo de compreender como jovens significam sua saúde no cotidiano de suas culturas juvenis, a partir das suas experiências; e não de conceitos que lhes são atribuídos, que repercutem no discurso governamental/formal do setor saúde, limitando as possibilidades de uma interlocução com os jovens.

O objetivo geral deste estudo é compreender como os jovens significam sua saúde no cotidiano de suas culturas juvenis e os objetivos específicos são: conhecer como os jovens vivenciam as identidades de grupo e seus símbolos de pertencimento; analisar como as questões de saúde se expressam nos seus modos de vida e em suas vivências grupais; apreender como os jovens percebem as ações de saúde a eles direcionadas.

A pesquisa visa contribuir para a ampliação das possibilidades e modos de se fazer pesquisa no campo da saúde partindo do cotidiano, elaborando estratégias de encontro que aproximem a discussão da promoção da saúde à realidade vivenciada nos grupos juvenis. Os caminhos metodológicos traçados neste estudo foram delineados no próprio processo do caminhar, que favoreceu o conhecer, o se aproximar, o estranhar, num processo interativo de “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 2000). A pesquisa de campo é um estudo de caráter etnográfico de abordagem qualitativa e foi realizada em duas fases.

Na primeira fase dei prioridade a uma observação mais etnográfica através da “descrição densa” (GEERTZ, 2008), que consiste em interpretar o cotidiano e não apenas descrevê-lo em

detalhes. O estudo teve como cenário a Estação da Juventude<sup>1</sup> por ser este um espaço de sociabilidade dos próprios jovens, possibilitando a transversalidade das políticas públicas e a aproximação com esse público de maneira a possibilitar a compreensão das identidades grupais.

Dentre as quatro<sup>2</sup> Estações da Juventude da cidade de Sobral-Ce, a Estação escolhida foi a do Novo Recanto, inaugurada no dia 10 de março de 2014, em parceria com os governos Federal e Estadual. Foi a primeira do Brasil a ser mantida com recursos municipais. Na realização do projeto de pesquisa na fase exploratória, esse equipamento foi destacado pelos gestores, pelo reconhecimento e participação dos jovens desse território, em relação às outras Estações.

A aprovação<sup>3</sup> do Comitê de Ética foi em novembro de 2016, período em que dei início à imersão no cotidiano da Estação do Novo Recanto, encerrando a coleta de dados em abril de 2017. O cotidiano me aproximou da diversidade das “culturas juvenis” (PAIS 2003) vivenciadas por diferentes grupos que utilizavam esse espaço para seus encontros, ensaios, apresentações e projetos em comum.

Para estabelecer critérios para a imersão em algum desses grupos, recorri aos próprios jovens que utilizavam esse equipamento social para os ensaios, com o objetivo de compreender seus símbolos de compartilhamento, que os diferenciavam e os identificavam como pertencentes a uma cultura. Fui “escolhida” pela Cia Marshall, grupo de dança Pop, que era muito presente na periodicidade dos encontros, na disciplina dos ensaios, na semana e nos fins de semana. Fui atraída pelo vocabulário que lhe era característico e pelo estilo que adotava.

As estratégias de aproximação se deram pelas vias de sentido do grupo, por aquilo que dizia respeito às atividades por ele desenvolvidas. E isso foi processual, até o dia em que estar perto não era tão estranho; até o dia em que as trocas aconteceram e a relação entre pesquisador e

---

<sup>1</sup>O Programa Estação Juventude oferece diversos serviços para promover a inclusão e emancipação dos jovens. São espaços espalhados pelo Brasil que têm o objetivo de ampliar o acesso dos jovens às políticas públicas.

<sup>2</sup> Existem em Sobral 04 Estações da Juventude: Tamarindo, Novo Recanto, Nova Caiçara e Cohab I. Em média, cada uma atende 200 jovens por mês, de acordo com a Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude de Sobral CONJUVE (2015).

<sup>3</sup> Cadastrado na Plataforma Brasil com o número CAAE 61360616.0.0000.5053.

pesquisados parecia confundir-se na troca, na cumplicidade em que se dava, no calor da proximidade...

Na segunda fase, após ter-me aproximado do cotidiano da Cia Marshall e me sentir mais à vontade para abordar algumas questões, optei pelas entrevistas individuais associadas a conversas informais durante o cotidiano dos jovens. As entrevistas do tipo parcialmente estruturadas foram guiadas a partir de pontos que contemplavam os objetivos pretendidos no trabalho (GIL, 2002). As entrevistas aconteceram em março deste ano (2017) e totalizaram o número de 09 entrevistados. Senti a necessidade de saber como, em grupo, esse discurso era produzido e optei por outra técnica: o grupo focal. Nesse espaço era mais do que necessário compreender como essas questões eram respondidas no grupo.

A partir desse pressuposto, fiz uma triangulação dos dados gerados pela “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” (MINAYO, 2010 p. 29), materializados nos diários de campo, entrevistas individuais, grupo focal e no grupo do *WhatsApp*. Numa perspectiva *interpretativista* (PAIS, 2003) analisei os dados, reconstruindo o real através da atenção dada às categorias manifestadas pelos jovens na pesquisa.

Este trabalho está dividido em sete (07) capítulos. No primeiro teço considerações sobre minha aproximação com as juventudes e minha trajetória profissional, que oxigenaram o desejo de compreendê-los a partir de suas culturas em diferentes realidades. Problematizo as questões deste estudo justificando sua relevância e necessidade no âmbito do setor da saúde.

No segundo capítulo faço um estudo bibliográfico sobre a construção social das Juventudes e o percurso histórico das políticas públicas que lhes são direcionadas no território brasileiro. Alguns autores, como Groppo (2000), Feixa (1996), Pais (2009) e Carrano (2008), auxiliaram nessa construção. No último ponto foco na política de saúde, suas ações, estratégias, documentos e perspectivas, que caracterizam a área da saúde do adolescente e do jovem.

O terceiro capítulo é metodológico e desenha o caminho percorrido, o tipo de estudo e as estratégias traçadas ao longo do processo, as técnicas e suas peculiaridades, os limites e a escolha do grupo no qual se desenvolveu a pesquisa. O quarto capítulo (Os Jovens e os Modelos

Prescritivos dos “Espaços Estriados<sup>4</sup>”: Família, Estudos e Trabalho) traz a fala dos jovens, demarcando a transitoriedade que não acompanha as projeções das instituições a que estão vinculados. A compreensão da saúde deveria estar relacionada ao conhecimento de seus contextos de vida. Privilegiei, assim, abordar aquilo que mais foi recorrente: a família, a escola e o trabalho. Essas foram as instâncias mais citadas na triangulação dos dados.

O quinto capítulo (As “culturas performativas dos espaços lisos”: a dança como possibilidade de sentido e reconhecimento) analisa a dança pop para os jovens da Cia Marshall, que surge num contexto marcado pela negação de suas identidades e a imposição dos modelos prescritivos: a arte como via de encontro consigo e com os outros. E nesse movimento os jovens instauram uma ordem nos “espaços lisos”, através das afirmações simbólicas, que os libertam das convenções urbanas.

O sexto capítulo (As sociabilidades, símbolos de pertencimento e resistência: a comunicação de uma cultura): os jovens têm no mundo da cultura um espaço de possibilidades de criação e de rompimento com a ordem imposta e pré-fabricada por seus vínculos de referência e afeto. Esses espaços demarcam a construção de uma identidade juvenil: no cotidiano do grupo os jovens delineiam suas realidades a partir da abertura às novas linguagens e trazem ao público a “infração” dos valores morais, vivendo na contramão de uma sociedade normativa.

O último capítulo, “As culturas juvenis e a política de saúde: o corpo, a arte e os riscos sob a perspectiva de jovens não heterossexuais”, traz a discussão sobre a saúde dos jovens não heterossexuais, revelando uma necessidade urgente que não está apenas no campo das informações sobre os fatores de riscos que envolvem as juventudes pela política de saúde. A questão foi dialogada pela via de suas culturas juvenis, a partir de suas realidades cotidianas, que se dá na compreensão do uso do corpo, na consideração de seus desejos, e não apenas na massificação e no engessamento de ações profissionais que são direcionadas aos jovens, dentro dos territórios que se voltam para o controle dos índices dos riscos à saúde.

---

<sup>4</sup> Pais (2006, p.7) cita Deleuze para explicar o conceito de “espaço estriado” e “espaço liso”, o primeiro é identificador daquilo que representa as normas sociais, de controle, ordem, em que as trajetórias são alinhadas às peculiaridades do espaço que os circundam. Em contraposição o “espaço liso” é justamente aquilo que foge à ordem e se abre ao “caos”, ao “nomadismo”, ao vir a ser, ao “performativo”, espaço de reelaboração de novas realidades.

Este estudo busca contribuir para o alargamento fulcral no campo da promoção da saúde dos jovens, a partir de uma pesquisa com base no cotidiano desses sujeitos, imprimindo seus modos de vida e tendo como via de acesso culturas juvenis. A dissertação “Culturas Juvenis e a Produção da Saúde no Cotidiano de um Grupo de Dança Pop” rompe com uma produção científica hegemônica centrada nas ações e estratégias dos tidos “problemas da juventude” no âmbito da política de saúde e considera os jovens e aquilo que se reproduz através de suas culturas como saúde e riscos.

### **1.1 Tecendo com elas uma história: minha aproximação com as juventudes**

Iniciar uma pesquisa requer, antes de qualquer coisa, estar pessoalmente envolvido com algo que traz significado ao pesquisar, algo que o arrebatava das situações que pareciam ser puramente corriqueiras e abstratas e a estabelecer hábitos de autorreflexão, num campo em que as ideias e perguntas buscavam conexões com as possíveis respostas, para, então, tentar apenas compreender o porquê das coisas e como elas acontecem.

A graduação em Serviço Social (INTA) me possibilitou trilhar caminhos que mais pareciam recortes de algo já vivido em algum lugar na minha memória. Logo no 2º semestre passei numa seleção pública da Prefeitura Municipal de Sobral, para agente<sup>5</sup> institucional do Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS<sup>6</sup>. A aprovação na seleção deu uma reviravolta na minha vida profissional, que antes se delimitava a ocupar cargos de administração de empresas. O trabalho social descrito no edital da seleção fez meus olhos saltarem com a possibilidade de fazer parte daquele universo permeado de vulnerabilidades sociais, que diziam muito sobre meu próprio universo.

Essa iniciação profissional tão “precoce” na área social me proporcionou experiências que marcaram minha vida durante os anos de 2007 a 2010. Os dias lá vividos em meio a um cotidiano

---

<sup>5</sup>O agente institucional era um dos profissionais que compunha o quadro de profissionais de nível médio do CREAS e tinha funções administrativas junto à equipe de nível superior.

<sup>6</sup>Constitui-se numa unidade pública estatal, integrante do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), tendo como uma das suas atribuições o atendimento aos adolescentes em cumprimento de Medidas Socioeducativas (MSE) em meio aberto, garantido pela Política Nacional da Assistência Social (PNAS, 2004).

atarefado, de escutas de histórias de vidas permeadas por conflitos que cortavam transversalmente diferentes públicos, como crianças, jovens, mulheres, idosos, dia após dia teceram um “artesanato<sup>7</sup> intelectual” (MILLS, 1981), num processo interativo entre a sala de aula e a realidade social, conjugando teoria e prática, ação e reflexão, num mesmo movimento. A dinamicidade e a historicidade que permeavam essa realidade não eram dadas a repetições, mas a composições reais da vida cotidiana.

A identificação com um determinado público, diante de tantas demandas que chegavam ao serviço, resultou em atribuições que fui orientada a desempenhar, como agente institucional do CREAS, acompanhando os técnicos de referência<sup>8</sup> ao Fórum, para acompanhamento social de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto<sup>9</sup>.

O acompanhamento aos adolescentes autores de atos infracionais<sup>10</sup> surgiu cercado por representações sociais, que foram se diluindo ao longo da escuta minuciosa dos relatos ali presenciados, que nada se pareciam com a apresentação fenomenológica inicial. As falas carregadas de silêncio social, de invisibilidade e conflitos, foram ao longo dos dias despertando meu mundo interior, onde a sede de investigação desejou ultrapassar o campo do significante social para um significante sociológico (PAIS, 1993).

Paralelamente ao trabalho no CREAS, ingressei no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU) da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, que é vinculado aos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais, a convite das Professoras Isabel Linhares e Isaurora Martins, com quem firmei laços de afeto que se estendem até os dias de hoje. Fazer parte das reuniões do grupo para discussões dos textos acerca das juventudes, bem como participar de pesquisas e projetos de extensão com esse público, alargou as vias para a compreensão da

---

<sup>7</sup> Para Mills(1981) o artesanato intelectual é quando o pesquisador relaciona sua experiência pessoal à pesquisa num trabalho em que suas vivências cotidianas, “pensamentos marginais”, estabelecem uma relação direta com a vida intelectual.

<sup>8</sup>Conforme Resolução do Conselho Nacional de Assistência Social-CNAS nº 17/2011, constituem profissionais de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade (CREAS): assistente social, psicólogo e advogado.

<sup>9</sup>As Medidas sócio-educativas em meio aberto são: Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade. São sanções aplicadas ao adolescente que praticou ato infracional, conforme previsto no artigo 112, do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

<sup>10</sup>De acordo com o ECA, considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal, sendo inimputáveis os menores de dezoito anos sujeitos às medidas de proteção e ao devido processo legal que não o descaracterizam dos seus direitos.

complexidade da experiência juvenil, quanto à construção histórica, social e cultural que carrega na contemporaneidade.

Discutir “juventudes” dentro de uma perspectiva sociológica e suas diferentes nuances, que tão pouco cabem nas representações históricas, sociais e culturais que o termo carrega, amplia a discussão para além do processo de manipulação que a categoria juventude tem na contemporaneidade.

O paradoxo para Pais (2003) está justamente na questão de encapsular num nome uma ideia que é colada como “verdade”, ignorando a realidade a que o nome se reporta. Os termos juventude e adolescência aqui são exemplos dessas “generalizações arbitrárias”, em que a juventude é tomada ora como sujeitos vinculados a faixa de idades ora como grupo cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações diferentes. Esta pesquisa, portanto, parte do cotidiano, para compreender as juventudes através de “conceitos e evidências empíricas” e não a partir dos nomes que a elas se destinam e das representações que comumente a elas se reportam.

Para Diógenes (1998, p.94), “essa pluralidade conceitual” que o termo juventude carrega revela a “complexidade da experiência juvenil”, marcada pela transitoriedade não só pela passagem entre o “que se é e o que deverá ser”, mas pelo caráter fluido dos acontecimentos na era da modernidade. Por isso na pesquisa adoto o termo “juventudes”, no plural, para atender à gama de sujeitos, que não se limitam a um grupo etário, considerando e discutindo os contornos estabelecidos dentro das políticas públicas para designá-lo jovens.

Pesquisar os jovens era algo peculiar para mim. Enquanto pesquisadora, remetia à minha própria história de vida. Compreendê-los em seus contextos vivenciais me arrebatava às incompreensões sofridas, quando, na minha experiência, era vista apenas pela ótica da “fase difícil”: a pesquisa aguçou minha sensibilidade a partir das reflexões do vivido. Concordo com Feixa (2009) quando diz:

Contudo, inevitavelmente, quando escutamos e tentamos interpretar as vozes dos jovens atuais, filtramos aquilo que nos dizem e nos mostram, em primeiro lugar, através de um objeto de investigação acadêmica e, em segundo lugar, através da lente de nossas próprias experiências históricas juvenis, quaisquer que elas fossem (FEIXA, 2009, p.16).

As questões que nortearam a pesquisa para a monografia na graduação em Serviço Social partiram da resistência das instituições em receber os adolescentes para o cumprimento da

medida socioeducativa, resultando no tema: “ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇO À COMUNIDADE (PSC): os *outsiders* entre a (des)ordem e o discurso institucional”. O objetivo geral da monografia foi apreender a visão dos sujeitos que acompanham os jovens na PSC<sup>11</sup> no cotidiano de duas escolas, bem como o contexto em que são executadas as ações do programa de medidas socioeducativas em meio aberto no município de Sobral-CE (LIMA, 2011).

A monografia resultou na apresentação de muitos artigos, publicações e apresentações em congressos. Sua última versão foi publicada no livro do GEPECJU: Jovens do Interior (UVA, 2015), com o mesmo título da monografia. O cotidiano foi materializado em reflexões que agora não eram mais só minhas, mas podiam ser compartilhadas com aqueles que, como eu, desejam ardentemente compreender os diferentes mundos e modos como as juventudes se expressam.

Motivada por mestres que marcaram minha vida acadêmica, como a Professora Camila Holanda, que foi minha co-orientadora na monografia e com quem compartilhei meus primeiros passos na pesquisa, dei continuidade aos estudos com juventude(s) na pós-graduação, na especialização em Saúde Integral do Adolescente na Estratégia Saúde da Família, pela Escola de Saúde da Família Visconde de Sabóia em parceria com a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, nos anos de 2010 e 2011.

Nesse período em que se deu conjuntamente o término da graduação e da especialização, o trabalho com os jovens parecia me intimar a viver experiências que me levariam a desejar conhecer e viver com eles uma história. Em 2010, logo quando saí do CREAS, fui selecionada para ser coordenadora do Projovem Trabalhador<sup>12</sup>, projeto que fazia parte da política<sup>13</sup> que se desenhava para juventude no Brasil, no governo do Presidente Lula.

---

<sup>11</sup>Conforme prevista no art.117 do ECA, a PSC consiste em serviços prestados gratuitamente pelo adolescente, por período não excedente a seis meses, junto a instituições como escolas, hospitais ou outros estabelecimentos. Possui caráter educativo, com o objetivo de que sua responsabilização se dê por meio de um processo de reflexão pelo trabalho e não de culpabilização.

<sup>12</sup>O Projovem Trabalhador é resultado da unificação de ações, como Escola de Fábrica, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Empreendedorismo Juvenil. O programa foi criado em 2005 e reestruturado em 2008. A iniciativa atende principalmente os jovens que já sabem ler, mas ainda não concluíram o ensino fundamental.

<sup>13</sup>O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou em 2005 o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), por meio de medida provisória. O Ministério da Educação participa do programa, com ações da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec). A medida provisória também cria o Conselho e a Secretaria Nacional da Juventude.

Em 2011 fui selecionada para a coordenação do Projovem Urbano<sup>14</sup> em Sobral e Nova Russas. Estar nos bastidores e perceber como as políticas para as juventudes eram pensadas e executadas enriquecia um arcabouço de histórias, pensamentos, experiências e teorias, que muito tinham a me revelar.

Após o término do contrato, em 2012, passei na seleção para assistente social do CREAS em Sobral. Experimentar aquele espaço e gozar da relativa autonomia que me foi confiada no eixo do Serviço<sup>15</sup> de Proteção a adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas me proporcionou possibilidades que antes como agente institucional ficava restrita aos limites do cargo que ocupava.

As juventudes atravessaram e atravessam meu trilhar, de forma não linear, não hegemônica, marcando itinerários que desconstruíram as representações até então elaboradas. Isso se deu a partir da experiência de imergir nos modos de ser e vivenciar das juventudes.

Como professora acadêmica desde 2013 o desejo pela pesquisa com esse público só se amplia, se complexifica, motivando outros que comigo adentram nas realidades juvenis. No Mestrado em Saúde da Família a construção do projeto de pesquisa tem uma relação com esse dever em curso. Preparar uma proposta que tem como pauta a juventude alargou as possibilidades de contribuir com o tema agora em outro campo, o da saúde. Concordo com Minayo (2010) quando diz que nada pode ser intelectualmente um problema se antes não tiver sido em primeiro lugar um problema da vida prática. O percurso atravessado pelas histórias dos jovens que tive oportunidade de conhecer em diferentes políticas públicas agora me impulsiona a compreender essa realidade.

---

<sup>14</sup>O objetivo do Projovem Urbano: elevar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso, conforme previsto no art. 81 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

<sup>15</sup>De acordo com o disposto na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, este serviço tem por finalidade prover atenção socioassistencial e acompanhamento a adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, determinadas judicialmente. Para a oferta do serviço faz-se necessária a observância da responsabilização face ao ato infracional praticado, cujos direitos e obrigações devem ser assegurados de acordo com as legislações e normas específicas para o cumprimento da medida. Este serviço deve contribuir para o acesso a direitos e para a ressignificação de valores na vida pessoal e social dos (as) adolescentes e jovens.

## 1.2 Justificativa e Relevância

A Promoção da Saúde vem sendo discutida desde o processo da Reforma Sanitária, em 1980, e com as Leis Orgânicas da Saúde (1990), ampliando os referenciais para a compreensão do processo saúde e doença, a partir de um amplo conceito que compreende a Saúde nos modos de vida, organização e produção de um determinado contexto histórico, social e cultural. Superando a lógica patológica, que percebe a saúde apenas como ausência de doença centrada nos aspectos biológicos, a integralidade passa a ser uma estratégia de produção da saúde que respeita as especificidades e as potencialidades, de modo a desconstruir a representação da doença para o acolhimento das histórias de vida dos sujeitos.

Nesse sentido, a Política Nacional de Promoção da Saúde (2015) reconhece a subjetividade das pessoas e dos coletivos no processo de atenção e cuidado em defesa da saúde e da vida, contribuindo para adoção de práticas sociais que visem à redução das desigualdades sistemáticas, injustas e evitáveis, com respeito às diferenças, dentre elas as diferenças intergeracionais.

A Atenção Básica surge nesse contexto com o objetivo de materializar a promoção da saúde no local mais próximo à vida das pessoas, das suas dinâmicas territoriais, possibilitando a descentralização e a capilaridade da efetivação da política de saúde. É operacionalizada a partir da concepção que a compreende como principal porta de entrada e centro de comunicação com toda a rede de atenção à saúde, orientada pelos princípios da universalidade, da acessibilidade, do vínculo, da continuidade do cuidado, da integralidade da atenção, da responsabilização, da humanização, da equidade e participação social.

Em 2011, com o intuito de revisar as diretrizes e as normas para a organização da política de Atenção Básica (BRASIL, 2011), a Estratégia Saúde da Família é adotada como diretriz estruturante da atenção básica à saúde no Brasil. A AB traz como princípios fundantes: o território como lócus de trabalho e a família como objeto central do cuidado. E tem a proposta de atuar através de uma equipe multiprofissional, indicando ações junto a grupos com fatores de riscos, contribuindo para hábitos/estilos de vida saudáveis, minimizando o aparecimento dos agravos (ANDRADE; BARRETO; COELHO, 2013).

De acordo com o relatório “O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades”, realizado pelo UNICEF em 2011, os adolescentes constituem-se um dos grupos mais sujeitos aos impactos das vulnerabilidades e riscos sociais, como a miséria, a violência, doenças sexualmente transmissíveis (DST), Aids, uso abusivo de drogas, gravidez precoce, homicídio, bem como a privação da convivência familiar e comunitária.

Apesar das vulnerabilidades não atingirem os 20 milhões de adolescentes apontados no Censo realizado pelo IBGE em 2010 (12 a 18 anos incompletos), o que vai influenciar no aumento dos indicadores relacionados a essa população são as desigualdades sociais. O Relatório do Unicef (2011) aponta que a pobreza no Brasil tem “rosto de criança e adolescente”: o número de jovens brasileiros de 12 a 17 anos de idade que vivem em famílias com renda inferior à metade do salário mínimo per capita é 7,9 milhões. Isso representa 38% dos adolescentes em condição de pobreza.

A atenção à saúde dos jovens dentro do Ministério da Saúde tem sido historicamente construída em aspectos da não saúde e sustentada no referencial de adolescência, entendida como sinônimo de juventude, focando as ações a partir da lógica das mudanças físicas, psicológicas e do risco atrelado às representações do discurso “formativo e curativo”, orientadas por uma abordagem biológica ligada à puberdade, à gravidez, às infecções sexualmente transmissíveis, uso de drogas e à prevenção de agravos (HORTA, 2011).

O Ministério da Saúde criou a Política de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (PNAISAJ) em 2006, direcionada para uma concepção de saúde como direito a ser garantido pelo Estado, tendo como pilares os princípios do SUS, tomando em consideração as especificidades e pluralidades dos adolescentes e jovens que advêm de suas características socioeconômicas e culturais, bem como as diferenças de gênero, raça e etnia (BRASIL, 2006).

As ações de promoção da saúde visam contribuir para a efetivação da saúde como bem-estar geral, na perspectiva de mudanças que reflitam em condições de vida saudável a partir de uma abordagem intersetorial. A política propõe que as mesmas "sejam permeadas por práticas educativas numa perspectiva participativa, emancipatória, multiprofissional, voltadas à equidade e cidadania" (BRASIL, 2006, p.11).

Apesar dos avanços legais impressos na política e nas diretrizes de atenção integral à saúde do adolescente (2010), alguns autores (BOAS; CUNHA; CARVALHO, 2010; RAPOSO, 2009; HENRIQUES; ROCHA; MADEIRA, 2010; ROCHA *et al.*, 2012) elencaram os entraves sobre a realidade do público jovem, considerando-o ainda à margem dos serviços de saúde, especialmente da atenção básica. Dentre eles podemos citar: escassez de recursos materiais, estrutura física inadequada, ausência de profissionais capacitados para o atendimento dos jovens, má organização e gestão dos serviços, aplicação do modelo biomédico ainda nas práticas atuais, bem como as representações sociais que os jovens carregam, influenciando nas práticas de saúde.

Dentre as estratégias apontadas para o trabalho com esse público a PNAISAJ prioriza as ações educativas em grupo, pois reconhece o grupo como espaço privilegiado para a promoção da saúde e prevenção dos agravos, sendo estratégico às necessidades dessa população e que alcança um exitoso resultado numérico (BRASIL, 2010).

Foi possível confirmar, a partir dos estudos de Almeida et al. (2010); Farias (2010); Santiago et al. (2012), que no desenvolvimento das ações junto aos adolescentes pelas equipes da ESF o atendimento grupal se apresenta como caminho que propiciou a expansão de sentimentos, a socialização de experiências entre os jovens e a identificação de demandas que lhes eram comuns.

As considerações expressas sobre os grupos juvenis nos documentos oficiais do Ministério da Saúde se referem apenas à metodologia no trabalho dos profissionais de saúde com esses grupos e não à relevância de compreender como estes se constituem e se estabelecem. São escassas as considerações sobre o contexto e a complexidade das vivências cotidianas, sobre os diferentes modos de organização construídos e re-significados pelos jovens nesse momento da vida e principalmente quando relacionados com o cuidado à saúde (HORTA, 2011).

Há a necessidade de compreender os contextos vivenciais dos jovens, uma vez que é nesse itinerário que os aspectos da vida social se revelam e que os jovens “constroem alternativas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação” (PAIS, 1990).

Esta pesquisa se funda na perspectiva propagada por Pais (2003), quando defende que o fundamento teórico metodológico mais fértil para compreender as juventudes consiste num olhar multi e interdisciplinar de forma a apreender os modos de agir dos jovens no interior dos ritmos

da vida cotidiana, locus onde os jovens significam “culturas juvenis”. Tal perspectiva permitiria um exame mais amplo e mais abrangente sobre os vínculos que definem “tempo pessoal e tempo histórico, o tempo de transição e o tempo de sincronização, as trajetórias individuais e as estruturas sociais” (PAIS, 2003, p.72).

## **2 AS JUVENTUDES E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: DA APARENTE UNIDADE À DISCUSSÃO DA DIVERSIDADE**

### **2.1 A construção social da(s) Juventude(s)**

Nas experiências tecidas ao longo dos anos em diferentes espaços sócio-ocupacionais, no trabalho como assistente social com as juventudes na execução de políticas públicas, os questionamentos que permeavam o cotidiano de trabalho eram (re)construídos a partir das diferentes realidades que consciente e inconscientemente deixavam um vazio nos conceitos formulados sobre esses atores até ali.

Os limites etários estabelecidos para o atendimento, os perfis para o alcance de benefícios, as situações de “risco” e “vulnerabilidade”, caracterizados em manuais técnicos e governamentais, não abarcavam a complexidade das situações reais do cotidiano dos jovens. As múltiplas e variadas formas em que estes criavam e recriavam a vida em seus limites de tempo, espaço, território, em múltiplas e determinadas condições históricas e sociais, se davam dentro de um campo imenso de possibilidades e impossibilidades resignificadas em seus contextos vivenciais.

A concepção de juventude representada pelas políticas é demarcada dentro de limites etários que variam e ganham diferentes contornos ao longo do tempo. De acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) os adolescentes são aqueles que estão entre 12 anos completos e 18 anos incompletos. Para a OMS os limites cronológicos da adolescência estão entre 10 e 19 anos. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), entre 15 e 24 anos. Usa-se também o termo “jovem adulto” para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. Para as normas e políticas de saúde do Ministério da Saúde os limites da faixa etária de interesse são as idades de 10 a 24 anos. Os jovens sujeitos desta pesquisa têm entre 14 e 20 anos de idade. A faixa de idade não foi critério para a escolha destes e sim a sua vinculação aos grupos em que se reconhecem.

A heterogeneidade da designação do período juvenil classificado por limites etários foi mencionada em vários estudos, como no de Groppo (2000), que define a juventude como categoria social. Tal definição faz da juventude algo mais do que uma faixa etária ou uma “classe

de idade”, torna-se uma “representação sociocultural”, “criação simbólica”, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios sujeitos tidos como jovens, para representar uma série de atitudes e características comportamentais a eles atribuídos. Para o autor as definições de juventude transitam por duas características principais: o etário e o sociocultural.

Feixa (1996) em seu texto “Antropologia de *las edades*” afirma que um dos caminhos cruciais para a abordagem antropológica na consideração da idade é reconhecê-la como construção cultural. As pessoas ao longo de suas trajetórias se desenvolvem física e subjetivamente em consonância com sua natureza, porém todas as culturas utilizam o curso da biografia em períodos que atribuem generalizações, no sentido de categorizar os indivíduos e orientá-los quanto ao seu comportamento em cada etapa da vida das mais variadas formas. Isso explica a natureza relativa da divisão das idades, cuja determinação é extremamente variável no espaço, no tempo e na estrutura social.

Bourdieu (1983) enfatizou que as divisões entre as idades são arbitrárias e que a fronteira entre a juventude e a velhice se dá numa correlação de forças, de disputas, em todas as sociedades. “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 1983, p.112). Segundo ele, “somos sempre o jovem ou velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p.113), enfatizando que esses cortes, sejam em faixas de idades ou em gerações, são objetos de manipulação e construídos socialmente, tornando complexa a relação entre a idade social e a idade biológica.

Pais (2009) faz referência a essa discussão quando reconhece que os marcadores de passagem não instituem uma “colagem dos indivíduos à idade” e que a juventude começa a ser uma categoria “manipulada e manipulável” quando representada como uma “unidade social” dotada de “interesses comuns” (PAIS, 1990). E indica um traçado metodológico para o estudo da(s) juventude(s) que consiste na não apreensão das similaridades e generalizações dos jovens e seus respectivos grupos e sim naquilo que os diferencia, na ultrapassagem da “unidade” para a “diversidade”.

O autor enfatiza que há duas tendências predominantes nos estudos da juventude: a primeira quando ela é tomada como um “conjunto social” em que sujeitos participam de uma mesma “fase da vida” em aspectos uniformes e homogêneos de uma geração definida por grupos etários; a segunda é quando a juventude é percebida como um grupo diversificado pertencente a

diferentes classes sociais. Essas duas tendências são denominadas, respectivamente: a corrente geracional e a corrente classista (PAIS, 1990):

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista) (PAIS, 1990, p.140).

É fulcral para o estudo das juventudes interpretar os “paradoxos” conceituais sobre o que se diz sobre elas, rompendo com a “doxa dominante” no sentido de que se desvelem as “aparentes unidades da realidade”, indo de encontro ao sentido, às representações, aos comportamentos, identidades sociais e os modos como os sujeitos vivenciam cotidianamente a juventude.

Entre os paradoxos dessas duas correntes, Pais (2003, p. 66) afirma que há como “conceito central das teorias da juventude: o de cultura juvenil” como possibilidade de compreensão da realidade dos jovens. “No sentido antropológico aquele que se reporta ao cotidiano, aos modos de vida e práticas que expressam significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida cotidiana” (PAIS, 2003, p.69).

A cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de sinais específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses significados compartilhados fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, quotidiano (PAIS, 2003, p. 70).

A pesquisa em questão parte do cotidiano dos jovens, dos seus contextos vivenciais em que estes tecem culturas juvenis não no nível das instituições políticas e práticas que a eles se destinam e dizem deles “saber”, mas dos próprios jovens e dos grupos a que se filiam, compartilhando símbolos, rituais e eventos, que lhes dão sentido para apreender nesse fluxo de seu cotidiano como vivenciam sua saúde.

Kehl (2004) em seu texto “A Juventude como Sintoma de Cultura”, diz que homens e mulheres eram mais valorizados ao adentrar no mundo do trabalho na “fase produtiva” do que quando ainda habitavam no “limbo” entre a infância e a idade adulta, considerando que o “prestígio da juventude é recente” e que o Brasil no início do século XX, parafraseando Nelson Rodrigues, era uma “paisagem de velhos” (KEHL, 2004, p.90).

Pais (1990) afirma que na década de 50 e 60 os problemas mais preocupantes para a sociedade portuguesa eram os dos jovens universitários, quanto à sua inserção no mundo do trabalho: quando não obtinham êxito, iam se associando a uma série de outros problemas, como o consumo de drogas e a delinquência. O autor coloca que nos finais dos anos 60 a juventude era protagonista de uma “crise de valores” situada dentro de um campo ético e cultural. Essas representações levam a um questionamento: será que esses problemas como “inerentes” às juventudes são encarados por esses sujeitos como sendo seus problemas?

A juventude é um mito ou quase mito que os próprios *media* ajudam a difundir e as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil ou de aspectos fragmentados dessa cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.) encontram-se afectadas pela forma como tal cultura é socialmente definida (PAIS, 1990, p. 144).

O autor propõe o conceito de “yoyogeneização” para demarcar a crescente “reversibilidade” das trajetórias percorridas pelos jovens para chegar à idade adulta, retratando que outrora existiam os “ritos de passagem”, que delimitavam a transição dos jovens para a idade adulta, e outros que foram sendo atribuídos mais recentemente como, por exemplo: o casamento, a obtenção de um trabalho, o cumprimento do serviço militar para os homens, etc. Na contemporaneidade constata mudanças no processo de demarcação das fronteiras entre as diferentes fases, mais “fluídas e descontínuas”, resultando no “prolongamento das fases da vida”.

Houve tempos em que os sujeitos tidos como jovens acreditavam numa conversão rápida à idade adulta. No século XVIII, nos meios aristocráticos, os jovens imitavam os velhos nas suas atitudes. Atualmente acontece justamente o contrário: os mais velhos tudo fazem para parecerem mais novos, ou seja, como Pais (2009, p. 373) afirma: a juventude passou a ser considerada uma “geração vanguarda”, um “modelo de referência”. Como construção social é importante considerar que o conceito de juventude(s) é formulado dentro de contextos econômicos, sociais e políticos, estando sujeito a modificações ao longo do tempo.

A “segmentação do curso da vida em sucessivas fases”, como afirma Pais, ganha novas relevâncias com o virar do século XIX, como por exemplo a compreensão da infância como fase (ARIÈS, 1981). O surgimento da “adolescência” acontece entre o final do século XIX e o início do século XX, período em que a adolescência torna-se objeto de investigação das ciências médicas e psicopedagógicas, no ápice da ciência positivista, e foi “vulgarmente” encarada como

fase de vida quando os problemas e tensões a ela associados contribuíram para a formação de uma “consciência social” (SILVA; LOPES, 2009; PAIS, 1990).

Kehl (2004) confirma que os jovens e adolescentes começam a sair de uma certa “obscuridade culposa e obediente”, oriunda de um discurso médico e moral que os havia relegado, para se tornarem “faixa etária privilegiada pela indústria cultural” (KEHL, 2004, p.90). No início do século XX, entre as duas grandes guerras mundiais, a juventude começa a adquirir uma visibilidade relacionada principalmente ao seu desenvolvimento físico (PAIS, 2009).

Na contemporaneidade, Pais considera que um dos traços que mais caracteriza a condição juvenil é a situação de “impasse” vivida por muitos sujeitos tidos como jovens em relação ao futuro; “eles até poderão galgar as fronteiras que, supostamente, permitem a passagem simbólica da juventude para a idade adulta”, porém as realidades advindas de seus contextos vivenciais não conseguem atingir o prescrito à fase na qual se encontram (PAIS, 2009, p.374).

Carrano (2008) diz que é necessário levar em consideração as diversas maneiras de “ser jovem hoje e de se fazer adulto”. Paralelo à representação dominante de faixa de idades, “os jovens vivem experiências concretas que se aproximam mais ou menos da condição juvenil”. Suas trajetórias evidenciam que seus percursos nem sempre serão de preparação para a vida adulta. Para os jovens de classes pobres, por exemplo, suas responsabilidades da vida adulta chegam ainda mais cedo, enquanto estes ainda estão experimentando “um tipo determinado de vivência do tempo da juventude” (CARRANO, 2008, p.67).

As trajetórias de vida são singulares, mas inscrevem-se em regularidades que têm marcas culturais. As fases da vida – e as representações que delas se têm – são uma clara expressão dessas regularidades. Se existem fases da vida é porque se encontram sujeitas a regularidades, embora cada indivíduo possa viver singularmente seu próprio curso de vida. Com efeito, os arranjos de transição alinham-se cada vez mais com estratégias de autonomização, na esteira das teses da individualização (PAIS, 2009, p.374).

Esta pesquisa adota o conceito de curso de vida em detrimento do conceito de ciclo de vida, levando em consideração que os sujeitos aqui entrevistados não vivem uma “repetição ritualista das etapas da vida” e sim possuem um papel ativo na construção de suas histórias de vida (PAIS, 2009), considerando que as etapas da vida, como afirma Carrano (2008), “obedecem” cada vez menos às ordens e normatizações institucionais advindas da família, da escola, do trabalho ou do Estado.

## 2.2 Juventude e Políticas Públicas

Ao se referir ao contexto democrático em que vivemos, Carrano (2011) é enfático ao afirmar que já não se admite o velho discurso proveniente da compreensão das políticas tendo como alvo de “controle social e tutela de tempos e espaços” os jovens negros, pobres e que vivem em periferias. Apesar dos avanços relacionados à pauta, há “atravessamentos políticos e sociais” que condicionam a compreensão dos seus “direitos” (CARRANO, 2011).

A realidade da condição juvenil é vivida cotidianamente de maneira desigual e diversa em função, como afirma Novaes (2007), da origem social, dos níveis de renda, das diferenças socioeconômicas, das relações de gênero, entre regiões, entre continentes e hemisférios. É possível apreender a partir dos estudos de Novaes (2007), Carrano (2011), Sposito (2003) e Kerbauy (2005), que os jovens que mais sofrem o peso da exploração advindas das injustas relações entre capital e trabalho são aqueles oriundos dos estratos sociais econômicos mais baixos, enquanto se produz um “futuro garantido” daqueles de classes superiores (CARRANO, 2011).

De acordo com Abromovay (2002), é essencial compreendermos as políticas públicas *de/para/com juventudes*, rejeitando aquilo que nos é materializado em propostas impostas pelo Estado, que minimizam a complexidade da experiência juvenil aos problemas tidos como “problemas da juventude”, obscurecendo a capacidade inventiva e autocriadora dos sujeitos.

A relação do Estado no tratamento dos sujeitos tidos como “problema social” se dá a partir da preocupação com o “saneamento social” de “tipos indesejáveis” entre essas crianças e jovens, que são alvos de políticas públicas. Entenda-se aqui que o referencial para as primeiras políticas públicas no Brasil para os jovens é o corte etário da infância e adolescência, uma vez que poucos programas teriam como indicador o ciclo de mais de 17 anos (ABROMOVAY, 2002).

No início do século XX, a ideologia burguesa defendia a “ideia do trabalho como instrumento disciplinador”, submetendo não só adultos, mas principalmente crianças em situação de pobreza, na “vadiagem” ou “delinquência”, à condição de mão de obra “dócil e barata”, com a justificativa de que, pelo trabalho, seriam distanciadas do mundo do crime (RANGEL, 2001). Rizzini (2000) enfatiza que as discussões em congressos internacionais, sobre o aumento da

delinquência juvenil serviam de apoio para que se defendesse uma “justiça” baseada na educação (para o trabalho) e a recuperação (com base no trabalho) devendo sobrepor-se à punição.

A preocupação com a delinquência juvenil se deu a partir do incômodo causado pelo contingente de crianças que vagavam pelas ruas das cidades em situação de vulnerabilidade, tornando-se, assim, objeto de intervenção do Estado, da Igreja e da polícia, e tendo, como fundamento, o “perverso binômio carência/delinquência” (SARAIVA, 2009). O alcance dessa justiça vai além dos indivíduos e recai não mais sobre o que eles fizeram, “mas sobre aquilo que eles são, serão, ou possam ser” (FOUCAULT, 1997, p.22).

O primeiro projeto a tratar diretamente da regulamentação da infância ocorreu em 1906, criado pelo deputado Alcindo Guanabara, com a participação de Mello Mattos, culminando, duas décadas depois, no que viria a ser o Código de Menores de 1927 (RIZZINI, 2000). Segundo Volpi (2001), transformando a criança vítima, infratora ou negligenciada, numa única categoria de menores abandonados, o Código de Menores de 1927 diferenciava as crianças consideradas bem-nascidas daquelas excluídas, e os problemas sociais decorrentes da má distribuição de riqueza eram tratados como patologias individuais. “O Código de Menores acabou se tornando num ‘Código Criminal’, pois criminalizou as crianças pretas e pobres no Brasil” (ALVIM, 1995 *apud* NERI, 2009, p.39).

A Era Vargas, conhecida pelo nascimento do Estado Novo (1937), inaugurou a implantação de políticas públicas para “menores”. A situação de carência da criança era associada à pobreza e, em 1941, foi criado o Serviço de Assistência aos Menores (SAM), vinculado ao então Ministério da Justiça, como medida de “recuperação e controle aos menores abandonados”, “firmando políticas compensatórias que variavam de acordo com o grau de periculosidade do menor” (RIZZINI, 2000, p. 91).

Abramovay (2002) afirma que as políticas dos anos 50 eram ligadas à profissionalização e ao disciplinamento do tempo livre, tendo como foco a educação, atendendo a uma lógica desenvolvimentista, a partir da compreensão da juventude como público a ser integrado à sociedade, com base em uma concepção de normatização social. Segundo Kerbauy (2005), o investimento em educação foi a principal estratégia na busca de “incorporação social” das novas gerações com o objetivo de disciplinar as condutas consideradas inadequadas ao mundo adulto.

As políticas criadas para a juventude, não só no contexto brasileiro, mas também em outros países da América Latina<sup>16</sup>, nas décadas de 60 e 70, nos períodos ditatoriais, tenderam a assumir um “caráter de controle político e ideológico dos jovens militantes e atuantes no movimento estudantil, como por exemplo, a Lei de Segurança Nacional em 1964” (ABROMOVAY, 2002, p.22).

Em 1964 houve uma quebra do período de inspiração liberal, com a Ditadura Militar, que, segundo Volpi (2001), abortou vários sonhos no rumo à igualdade dos direitos das crianças e jovens, fazendo nascer a Política Nacional de Bem-Estar do Menor (PNBEM), idealizada por uma gestão centralizadora e vertical. A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), instaurada pelo governo militar, passa a se constituir como órgão nacional gestor dessa nova política, que tinha como órgãos executores estaduais as Fundações Estaduais do Bem-Estar do Menor (FEBEM), regidos pela ideologia de que crianças e jovens pobres, órfãos e infratores eram um problema para o Estado, devendo, assim, ser recolhidos como objeto em potencial de intervenção do sistema judiciário.

O novo código de menores criado a partir da lei 6.697/1979, elaborado por um grupo de juristas selecionados pelo governo, não se diferenciou do antigo código, uma vez que, apesar de ter modificado apenas a roupagem, continuou reafirmando a lógica da criança pobre e despossuída como elemento de ameaça à ordem vigente, não rompendo, portanto, com a tradicional leitura da pobreza como problema do indivíduo e não social (BRASIL, 1979).

A partir dos anos 70 intensifica-se a visibilidade das representações da juventude de classes subalternas, como nos movimentos camponeses e nos agrupamentos políticos de esquerda. A imagem da participação juvenil é vista como “transformadora, idealista, inovadora e utópica” (KERBAUUY, 2005, p. 199). Essa repercussão ocasiona forte intervenção do Estado, nos anos 80, em muitos países da América Latina, surgindo novos movimentos de cunho popular e expressões de culturas juvenis urbanas e rurais (ABROMOVAY, 2002).

---

<sup>16</sup>De acordo com Abramovay (2002) o Estado aliou a discussão da juventude à segurança nacional, no contexto de períodos das ditaduras militares, da revolução cubana e da efervescência política ampliada no continente. Chegando especificamente nos jovens de classe média do movimento estudantil, jovens militantes. Sofreram influência pela Revolução Cubana bem como pela crítica à intervenção norte americana no Vietnã. “Em vários países da América Latina, foi precisamente o setor estudantil, assim como os segmentos operário e camponês organizados e juventudes relacionadas à Igreja alinhada à teologia da libertação, que se destacam, por várias formas, com o Estado”. (ABRAMOVAY, 2002, p.22)

No final dos anos 80, o controle estatal expande-se para os jovens de setores populares, como os classificados como “marginais organizados” ou grupos violentos (“pandillas juveniles”, “chavos” “bandas”, “maras” em países de língua hispânica e “ganges” e “galeras” entre outras denominações no caso brasileiro) (ABROMOVAY, 2002, p. 22).

O binômio carência/delinquência oriundo das representações da infância nas políticas públicas se estende à juventude, ainda que nenhuma destas políticas tenha se auto-denominado como sendo específica para jovens. O alvo de suas ações se expressa especificamente naqueles sujeitos oriundos de classes sociais “marginalizadas” e tidas como excluídas. Torna-se comum a correlação entre juventude, violência, drogas, pobreza e desemprego, multiplicando-se assim as orientações normativas no sentido de disciplinar a juventude.

Sposito e Carrano (2003) afirmam que a luta dos movimentos voltados para a infância no final da década de 1980 procura avançar no que diz respeito à concepção restritiva do que é ser criança e adolescente. E se aprofundam na representação que reconhece direitos e demandas políticas dos que ainda não atingiram a maioridade penal. Em 1989, com a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes da ONU, foi realizada a elaboração de um documento global com força coercitiva sobre os países signatários, dentre eles o Brasil, dando início à legislação denominada “doutrina das nações unidas de proteção integral à criança” (SARAIVA, 2009), indicando uma nova era que se aproximava.

A conjuntura política da década de 80 marcada pela discussão em torno da democracia, dando fim ao período ditatorial, resultou na revisão das práticas da PNBEM, aliado a um cenário que favorecia às reflexões em torno das políticas públicas para crianças e jovens. Como reflexo dessas discussões e pela visibilidade do público juvenil, em 1985 a ONU instituiu o “Primeiro Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento e Paz”<sup>17</sup>.

A aprovação da Constituição Federal de 1988, juntamente com a emenda popular “Criança Prioridade Nacional”, deu início ao Fórum Permanente de Entidades Não Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, que resultou no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). De acordo com Kerbauy (2005), apesar do avanço da discussão sobre as políticas públicas advindo com o ECA, este lançou “para uma zona nebulosa” a questão sobre os direitos dos jovens que atingem a maioridade penal. Carrano e Sposito (2003)

---

<sup>17</sup>“ Somente dez anos depois, em 1995, foram construídas as estratégias internacionais de enfrentamento dos desafios da juventude, por meio do Programa Mundial de Ação para a Juventude (PMAJ), aprovado na Assembléia Geral das Nações Unidas, pela resolução nº 50/1981.” (SILVA; SILVA, 2011, p. 666).

consideram que o caráter inovador do ECA entrou em conflito com a concepção dominante de “significados constituídos, que imediatamente filtram, reinterpretam e restringem a percepção” (CARRANO; SPOSITO, 2003, p. 20).

A reação conservadora que se estende até os dias de hoje na esfera política partidária e social a respeito do “excesso de direitos” relacionados à infância e adolescência, em paralelo a insuficientes “deveres”, é materializada na discussão em torno da maioridade penal<sup>18</sup>, demandando o endurecimento das medidas socioeducativas sob a justificativa que os jovens deveriam ser punidos como adultos.

Ocorre uma convivência tensa entre a luta por uma nova concepção de direitos a essa fase de vida e a reiterada forma de separar a criança e o adolescente das elites do “outro”, não mais criança ou adolescente, mas delinquente, perigoso, virtual ameaça à ordem social (CARRANO; SPOSITO, 2003, p.5).

A política pública para além de ações governamentais, guiada por uma racionalidade coletiva, na qual o Estado e a sociedade exercem papéis ativos em permanente relação de reciprocidade e contradições, é também fruto de conflitos de interesse e produto de decisões que visam administrar os conflitos (PEREIRA, 2009).

Carrano e Sposito (2003) complementam que a execução de políticas públicas de juventude é resultado da inter-relação entre Estado e sociedade civil, com traços específicos da realidade sóciohistórica brasileira<sup>19</sup>. Isso quer dizer que mesmo no interior do Estado as políticas de juventude podem disputar espaços, recursos e prioridades, e serem operacionalizadas a partir de diferentes interesses em face de outras políticas; tanto podem ser operacionalizadas a partir de uma perspectiva democrática, como também por aquilo que “tradicionalmente foi designado como cidadania tutelada ou apenas como forma de assistência e controle do Estado sobre a

---

<sup>18</sup>Pesquisa Datafolha realizada em 2015 mostra que caso houvesse uma consulta à população adulta brasileira a respeito da redução da maioridade penal, de 18 para 16 anos, 87% votariam a favor da redução. Na comparação com levantamentos anteriores, a taxa de apoio à redução da maioridade oscilou três pontos e alcançou o índice mais alto da série histórica (era 84% nas pesquisas de 2006 e 2003).  
<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2015/04/1620652-87-dos-brasileiros-sao-a-favor-da-reducao-da-maioridade-penal.shtml>: Acessado em: 28/05/2016.

<sup>19</sup>As desigualdades fincadas na realidade sócio histórica brasileira tem no viés antidemocrático assumido pela revolução burguesa no Brasil um de seus sustentáculos. As respostas políticas para as grandes decisões que conduzem a vida dos brasileiros têm sido conduzidas pelas deliberações de “cima para baixo” e pela permanente exclusão das classes subalternas, historicamente deixadas à margem da “cidadania social e política” (IAMAMOTO, 2009, p. 30).

sociedade, sobretudo para os grupos que estão na base da pirâmide social” (CARRANO; SPOSITO, 2003, p. 5).

Os autores, ao analisarem os programas voltados à juventude na década de 1990 no campo das políticas federais, reconhecem que as ações direcionadas aos jovens partem da concepção de “risco”, em que estes, oriundos de contextos de pobreza e exclusão social, são afetados, em todas as áreas de suas vidas, seja na saúde, na educação ou na segurança. A própria condição de ser jovem por si só se apresenta como problema, carecendo de estratégias do Estado para dar respostas aos “problemas da juventude”.

Os indicadores sociais relacionados ao desemprego e à intensificação de processos de precarização induzem à necessidade de políticas de inclusão na crise de um Estado que viveu durante toda a década de 90 a predominância das políticas neoliberais no Governo de Fernando Henrique Cardoso. Os dois conceitos que predominaram em documentos federais relacionados à juventude foram: *protagonismo juvenil e jovens em situação de risco social*. Segundo Carrano e Sposito (2003) essa concepção foi marcada mais pelo apelo social do que propriamente pelos diagnósticos relacionados aos jovens.

O autor considera as “boas intenções” relacionadas à juventude como protagonista de uma “pedagogização” da participação juvenil, camuflando o controle social e o ajustamento das referidas políticas. A diversidade e heterogeneidade das ações que ora tratavam do protagonismo da juventude, ora focavam em situações de risco, demonstra um caminho pautado “na base do ensaio e do erro” que sem prioridades “orgânicas e duradouras” incidem sobre projetos isolados (CARRANO; SPOSITO, 2003, p. 31).

O direcionamento que resultava da discussão sobre a agenda que tinha como pauta a juventude se intensifica na Presidência da República em 2003 com a Comissão Especial de Políticas para a Juventude (CEJUVENTE), que impulsionou a criação da PEC 138/2003, que correspondia à proteção dos direitos econômicos, sociais e culturais dos jovens. A Comissão Especial tinha como propósito realizar uma ampla discussão com a sociedade e contribuir com a construção da Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2003).

Barreiro e Malfitano (2014) e Silva e Silva (2011) apontam que em 2004 foram realizadas Audiências Públicas e Conferências Estaduais de Juventude que se materializaram na Primeira Conferência de Juventude, realizada pela Câmara dos Deputados. As demandas apresentadas nas conferências e debates desencadearam na instituição de um Grupo Interministerial constituído

pela representação de 19 ministérios, com o objetivo de realizar um estudo sobre os programas e projetos federais existentes e identificar as reais necessidades desse grupo populacional, fomentando a construção da Política Nacional de Juventude.

A partir das análises dos programas e projetos que ocorriam nesse contexto, o que se pode observar foi a execução de ações desarticuladas e fragmentadas, representadas por uma “frágil institucionalidade”,<sup>20</sup> colocando a emergência da criação de uma instância gestora que coordenasse e articulasse a Política Nacional de Juventude para evitar o “paralelismo” das ações.

Em junho de 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (BRASIL, 2005), inicia-se uma série de passos que marcam o reconhecimento da necessidade do desenho de políticas específicas para a juventude brasileira. A expressão jovem foi incluída no capítulo VII do artigo 227<sup>21</sup> da Constituição Federal, para afirmar o compromisso com a juventude agora com uma agenda específica (BRASIL, 1988).

A aprovação da ementa constitucional N°65, que estabelece a criação do Estatuto da Juventude e o Plano Nacional de Juventude é o resultado do envolvimento das várias esferas do poder público na execução de políticas públicas. Segundo Barreiro e Malfitano (2014), a pauta da juventude no governo não se limita a um programa específico; na verdade se ramifica em vários ministérios, marcada por uma não linearidade em suas proposições. Isso reflete um traçado metodológico diverso, “caracterizando mais como um conjunto de projetos, com diferenças ideológicas, do que como uma política pública”. (BARREIRO; MALFITANO, 2014, p.147).

A diversidade de programas não atende às faixas etárias indicadas pela PNJ<sup>22</sup>, demonstrando a “dispersão” existente: uma oferta que coloca como prioridade os interesses dos

---

<sup>20</sup> Totalizando 135 ações federais que estavam vinculadas em 45 programas, sendo realizadas por 18 ministérios ou secretarias estaduais. “Dessas apenas 19 eram específicas para o público jovem na faixa etária de 15 a 24 anos.” (BARREIRO; MALFITANO, 2014, p.140)”.

<sup>21</sup>“O Capítulo VII do título VIII teve a inclusão do termo “do jovem”, passando a se denominar “da família, da criança, do adolescente, do jovem e do idoso” (BARREIRO; MALFITANO, 2014, p. 139).

<sup>22</sup> “A Política Nacional de Juventude divide essa faixa etária em três grupos: jovens de faixa etária de 15 a 17 anos, denominados jovens adolescentes; jovens de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; jovens da faixa dos 25 a 29 anos, como jovens adultos. Considerando essa divisão, pode-se perceber que o primeiro grupo já está incluído na atual política da criança e do adolescente; entretanto, os outros dois não estão ” (SILVA; SILVA, 2011, p.664).

órgãos envolvidos na sua execução em detrimento ao atendimento das reais necessidades que envolvem os jovens. Segundo Silva e Silva (2011), as práticas de determinadas políticas concorrem no espaço se sobrepondo umas às outras, dificultando uma abordagem multissetorial.

Barreiro e Malfitano (2014) afirmam que as políticas públicas para a juventude têm ainda uma herança histórica, conduzida de “pobre para pobre” com “forte recorte focal” nos grupos juvenis populares, se desenvolvendo na teia da reprodução de valores morais desse público. Em 2007, quando a Política Nacional de Juventude completava dois anos de sua estruturação, começaram novas discussões em torno do redesenho, que ainda se colocava sob a sombra dos “vícios”, presos a sua constituição, em paralelo ao processo de criação da 1ª Conferência Nacional de Juventude, realizada em Brasília no ano de 2008.

A 2ª Conferência se deu em 2011, no primeiro ano do Governo Dilma Rousseff. A presidente deu continuidade às propostas governamentais do Governo Lula. A conferência envolveu temáticas que não se restringiam apenas à pauta que envolvia os jovens brasileiros, mas o conjunto de toda a sociedade. Barreiro e Malfitano (2014) colocam que essas discussões surgem como estratégia aliada a interesses na ampla divulgação de seus projetos em curso. O espelho das ações mais independentes da SNJ não alcança a juventude em sua totalidade, pois continuam se concentrando em grupos que demandam projetos segmentados. Aliado à implantação desses programas o Estatuto da Juventude<sup>23</sup> foi aprovado em 05 de julho de 2013. Os autores abordam a clara segmentação de classe social no estatuto, indicando o olhar direcionado à juventude pobre com medidas de “caráter assistencialista”.

Apesar dos patamares institucionais e jurídicos alcançados pela juventude, na última década, os autores afirmam que a construção tem se dado de modo “lento e imbricada por diferentes concepções e visões de mundo”, que perpassam a visão da própria juventude, que ainda é alvo de um direcionamento político ligado à classe social e não à universalização que possibilita a ampliação e o alargamento do olhar que se atém à diversidade das experiências juvenis (BARREIRO; MALFITANO, 2014, p. 152).

---

<sup>23</sup> “O estatuto tem por objetivo instituir os direitos dos jovens trazendo princípios e as diretrizes das políticas nacionais da juventude e o Sistema Nacional de Juventude, com a finalidade de articular uma rede de informações entre municípios, estados e a união para a consolidação de conselhos e das políticas públicas” (BARREIRO; MALFITANO, 2014, p. 150).

Foi realizada em 2015 a 3ª Conferência Nacional de Juventude, que de acordo com o portal<sup>24</sup> da Secretaria Nacional de Juventude tinha como tema: “As várias formas de mudar o Brasil”. A discussão que permeou a conferência estava relacionada ao reconhecimento da diversidade de expressões deste segmento. É importante considerar que para haver uma efetiva política pública voltada para a juventude há a necessidade de “mudar paradigmas”, principalmente sobre as concepções que permeiam a juventude, a partir de laços criativos e equitativos, que caminham na direção da viabilização dos direitos sociais e se voltam para o aumento de possibilidades que favoreçam a compreensão da multiplicidade das experiências juvenis.

### **2.3 Os Jovens e a Política de Saúde**

A concepção ampliada de saúde advinda com a Reforma Sanitária no país, na década de 1980, foi resultado da mobilização social em torno da VIII Conferência Nacional de Saúde. A aprovação do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1990), baseado nos princípios da universalidade, igualdade, integralidade, regionalização, descentralização e controle social, representou uma mudança de paradigmas, não se restringindo como outrora à população economicamente ativa, mas como direito de todos e dever do Estado (JAGER *et al.*, 2014; ANDRADE; BARRETO; COELHO, 2013).

A discussão sobre a Promoção da Saúde amplia o enfoque dos determinantes e condicionantes que refletem nas desigualdades em saúde, de modo que a organização da atenção e do cuidado resulte em ações e serviços que se pautam em uma nova concepção que ultrapassa os muros das unidades de saúde e do sistema, incidindo sobre as condições de vida e favorecendo a concepção da saúde que está intrinsecamente ligada à vida dos sujeitos (BRASIL, 2015; BUSS, 2000).

---

<sup>24</sup> Acessado em 21 de maio de 2016: <http://juventude.gov.br/juventude/noticias/3a-conferencia-nacional-de-juventude-quer-ampliar-espacos-de-participacao-social>.

Para Horta (2011, p.41), o conceito de saúde vem se tornando cada vez mais complexo, resultando em dimensões de ordens distintas como: “a dimensão ontológica, a dimensão epistemológica e a dimensão prática”. Enfatiza que a produção da saúde se efetiva, embora não exclusivamente, fora dos muros institucionais, ocorrendo no acontecer das trajetórias individuais e coletivas da vida humana. A saúde resulta nas condições concretas de vida da população e é materializada na ação política dos indivíduos sociais, que numa correlação de forças disputam espaços de afirmação ou de negação de direitos.

As políticas de saúde destinada aos jovens estiveram ligadas historicamente aos significados sociais que lhes são atribuídos; isso quer dizer: relacionada a problemas sociais. Na saúde isso se reproduz em fatores de risco. Os autores remetem à década de 70 para tratar sobre os primeiros serviços de saúde voltados a essa população, que tinham caráter assistencial e estavam ligados à Universidade<sup>25</sup>. Em 1980 surgiram os comitês que pautavam a relevância de se discutir a saúde dos jovens, vinculados às Sociedades de Pediatria Regionais, e impulsionaram a área da medicina do adolescente (JAGER *et al.*, 2014).

Em 1986 o Estado, através do Ministério da Saúde, incluiu os jovens na assistência primária à saúde, direcionada às doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS, drogadição, acidentes de trânsito e gravidez na adolescência (BRASIL, 2011). As ações eram relacionadas aos riscos inerentes aos sujeitos tidos como jovens dentro de uma perspectiva assistencial e curativa (HORTA; SENA, 2010; JAGER *et al.*, 2014).

O Programa Governamental Saúde do Adolescente (PROSAD/1989<sup>26</sup>) foi o primeiro programa dentro do Ministério da Saúde que tinha como objetivo intervir na prevenção das doenças e promoção da saúde de todos os adolescentes de idade entre 10 e 19 anos. As ações

---

<sup>25</sup>Os autores dão exemplos desses serviços desenvolvidos no Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e no Departamento de Clínica Médica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (JAGER *et al.*, 2014, p. 213 e 214).

<sup>26</sup>Instituído pela portaria do MS, nº980/GM em 21/12/1989, teve suas diretrizes revisadas em 1996, “com a finalidade de promover, integrar, apoiar e incentivar práticas em prevenção de doenças e promoção da saúde nos locais onde o programa fosse implantado (estados, municípios, universidades, ONGS ou outras instituições)” (JAGER *et al.*, 2014, p.216).

estavam voltadas para a identificação de riscos, detecção precoce de agravos, tratamento adequado e reabilitação dos indivíduos (BRASIL, 1996).

As ações do programa apesar da premissa de integralidade eram predominantemente centradas na sexualidade e na saúde reprodutiva<sup>27</sup> dos jovens, direcionadas predominantemente aos adolescentes do sexo masculino, a partir da compreensão deste sujeito como “corresponsável pela gravidez” (JAGER *et al.*, 2014).

É importante lembrar o contexto em que foi criado o programa (1980), surgindo como resposta ao impacto da epidemia do HIV/AIDS que alcançava os adolescentes. Apesar de revisto em 1996, o foco não foi alterado e pouco representava os jovens em suas dinâmicas sociais, com ações frágeis e não promotoras do protagonismo juvenil como presunha (JAGER *et al.*, 2014).

As políticas públicas em saúde, no geral, incluindo o PROSAD, dificilmente rompem com a visão estigmatizada da condição juvenil e acabam não promovendo a participação dos adolescentes e jovens na construção da cidadania. Algumas ações negligenciam as necessidades específicas dos adolescentes, pois não abrem espaço para escutá-los, seja na elaboração e execução seja nos processos de avaliação das ações (JAGER *et al.*, 2014, p. 218 *apud* LOPEZ; MOREIRA, 2013; KERBAUY, 2005).

Na década de 90 as leis orgânicas de saúde alinhadas ao ECA indicam um novo período que resulta na inclusão da pauta da juventude nas políticas públicas, levando em consideração a perspectiva de sujeitos de direito. Conforme estudo de Horta e Sena (2010), nas publicações do Ministério da Saúde direcionadas aos adolescentes e jovens, a conceituação que prevalece nos documentos oficiais é marcada por uma delimitação etária de 10 a 19 anos e se vincula às transformações físicas, delimitadas pelo crescimento, desenvolvimento e maturação sexual, concentrada nas situações ligadas ao risco (BRASIL, 1989). Embora a concepção ampliada de saúde se afirme nos discursos governamentais, a concepção de “risco” aliada à representação da juventude como problema social indica uma “certa” homogeneização de realidades e experiências ligadas ao fato de compartilharem um mesmo ciclo etário.

---

<sup>27</sup> “A saúde dos adolescentes, em seu começo, emerge de maneira indiferenciada, com estreita vinculação à área materno-infantil, com a ausência de órgão específico de coordenação política e de ações programáticas de instância governamental próprias” ( LOPEZ; MOREIRA, 2011, p. 1182).

Em 1999 com a instituição da Área de Saúde do Adolescente e do Jovem, da Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, foi demarcado o limite etário das ações de saúde: a faixa etária de 10 a 24 anos. A categorização etária no campo da saúde do que venha a ser adolescência e juventude restringe a compressão desses conceitos que precisam ser problematizados. Esses termos são tomados como sinônimo nesta política e compreendidos a partir de certa homogeneidade, que se vincula a produção científica e se estende também aos descritores<sup>28</sup> nas bases indexadas para a busca de dados na saúde, aparecendo apenas o termo adolescente para dar conta de todos os estudos que se relacionam à juventude.

Essa não problematização não leva em consideração as diferentes perspectivas e contextos em que as juventudes se inserem na realidade, fragilizando o próprio discurso da promoção da saúde que reconhece a subjetividade das pessoas e dos coletivos no processo de atenção e cuidado. Essas representações que perpassam as juventudes no campo da saúde não caminham na mesma direção da proposta da atenção básica que tem como objetivo desenvolver uma atenção integral que reverbere na autonomia das pessoas e nos determinantes de saúde das coletividades (BRASIL, 2012).

Há uma perspectiva de descontextualizar a política quando esta se distancia das realidades em que os jovens se inscrevem, a partir da não consideração de sua subjetividade e quando o significado da integração social se dá pelo lócus do mercado de trabalho, obscurecendo o problema que é de ordem estrutural e que pouco considera os contextos juvenis, sua cultura, seus valores e as formas de organização social. (ANDRADE; BOGUS, 2008, p. 3).

A proposta da Estratégia Saúde da Família como principal modelo de Atenção Primária à Saúde se coloca como capaz de mudar a “racionalidade da assistência” sendo um “instrumento de grande potencial para a elaboração, implantação e execução das ações de saúde pública que atendam aos anseios e às necessidades dos adolescentes” (HENRIQUES; ROCHA; MADEIRA, 2010, p. 254). Tem como alvo a unidade familiar e deve ser operacionalizada na esfera comunitária, como ferramenta de fortalecimento da participação popular. A análise da situação

---

<sup>28</sup> Descritores em Ciências da Saúde foi criado pela *BIREME* para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como *LILACS*, *MEDLINE* e outras.

de saúde de um território realizada pela ESF viabiliza a identificação de riscos e de grupos tidos como prioritários, potencializando o direcionamento de atividades de promoção da saúde, compatíveis com a realidade epidemiológica e social desse público.

Horta e Sena (2010) afirmam que a partir da nova racionalidade assistencial materializada na ESF o MS lança documentos<sup>29</sup> norteadores das práticas em saúde, no sentido de capacitar os trabalhadores com vistas à educação permanente, para lidar com os jovens e os riscos que os acompanham. As estratégias utilizadas dentro desse campo parecem não favorecer a compreensão da saúde em sua integralidade pelos executores da política, nem pelos próprios jovens. Os autores consideram os jovens à margem do serviço de saúde, pois as ações propostas ainda se reduzem a perspectivas “simplistas e reducionistas” (HORTA; SENA, 2010, p. 486).

Em novembro de 2004 o Ministério da Saúde promoveu em Brasília a Oficina Nacional de Elaboração do Marco Teórico Referencial da Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens, enfatizando que no “contexto mais amplo do debate sobre Saúde e Juventude no SUS, os direitos reprodutivos de adolescentes e jovens devem receber uma atenção especial” (BRASIL, 2013). Essa atenção acaba minimizando as ações do setor saúde sobre os riscos inerentes aos jovens, como gravidez na adolescência e DSTs, mesmo em outro contexto da discussão sobre saúde.

Em 2005 o Ministério da Saúde lançou o “Marco Legal: Saúde, Um Direito de Adolescentes”, tendo como primeiro instrumento legal de referência o ECA. Essas produções aconteciam paralelamente à criação da Política Nacional de Juventude. Os programas mais conhecidos que se destinam aos jovens foram mencionados no documento “O SUS e a Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens no Brasil” (2013), como o Programa Saúde na Escola, que é uma política Intersetorial do Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, e está voltado para a avaliação das condições da saúde dos jovens. Uma das ações dessa política, o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), tem a finalidade de contribuir para a formação integral dos e das estudantes da rede pública de educação básica, por meio de ações de

---

<sup>29</sup> O documento mencionado pelo autor intitulado “Marco Legal” foi criado com o objetivo da educação permanente em saúde qualificando profissionais para o trabalho com adolescentes e jovens (BRASIL, 2002; 2005; 2005b; 2007).

prevenção, promoção e atenção à saúde. Esse projeto foi implantado nos 26 estados do Brasil, no Distrito Federal e em aproximadamente 600 municípios.

A proposta do projeto é realizar ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando os setores de saúde e educação. Com isso espera-se contribuir para a redução da infecção pelo HIV e dos índices de evasão escolar causada pela gravidez não planejada na adolescência (BRASIL, 2013, p.23).

Em 2006 o MS lançou a Política de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem (PNAISAJ) e em 2010 as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Há um esforço em desenhar e materializar as ações e estratégias dentro do setor de saúde para direcioná-las ao público jovem em toda a ramificação dos serviços, programas e projetos. A Caderneta de Saúde do Adolescente para Meninos e Meninas (2009) é parte disso, com a indicação de protocolos a serem adotados e um atendimento particularizado que leva em consideração o público jovem (BRASIL, 2010).

O foco são as mudanças biológicas próprias desse período de maturação vivido pelo “adolescente”. Apesar da menção da integralidade é a saúde sexual e reprodutiva que tem centralidade nas ações voltadas aos jovens. Desvincular-se dessas representações da juventude parece ser um paradoxo longe de ser superado no âmbito da saúde. As ações e os programas dentro de uma política com caráter universal são destinados aos jovens pobres que frequentam serviços públicos, enquanto outra parcela da juventude pertencente a outras classes sociais parece passar despercebida das ações de caráter preventivo.

Com o avanço da discussão das políticas direcionadas à saúde dos jovens, o Município de Sobral vem desde 2009 implantando ações e serviços na perspectiva de fortalecer uma rede de atenção integral à saúde do adolescente. Com foco na educação permanente, a Secretaria de Saúde Municipal, através da Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia (EFSFV), realizou em 2010, em parceria com a UVA, o Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde do Adolescente na Estratégia Saúde da Família. Na ocasião tive oportunidade de fazer parte da turma e o objetivo foi promover a formação de gestores, técnicos e profissionais da rede sobre a nova concepção de adolescência de acordo com o SUS, bem como o estabelecimento de protocolos pautados na particularidade de um atendimento voltado a este público.

Soma-se a isso a adesão ao Programa Saúde nas Escolas (PSE)<sup>30</sup>, em 2011, como estratégia de melhorar o acesso desse grupo aos serviços de saúde. No artigo “Programa Saúde na Escola”: um olhar sobre a avaliação dos componentes” (MACHADO *et al.*, 2016), que trata sobre a realidade do Programa no Município, os resultados consideraram que os educadores conseguiram identificar os principais problemas de saúde dos jovens, mas confirmou que estes não se sentiam capacitados o suficiente para lidar com as diferentes situações relacionadas à realidade de saúde deste público. Os contextos vivenciais dos jovens e as questões relacionadas à sua “não saúde” não são compreendidos pelos executores das políticas. Por mais estratégias que esse programa possa utilizar as representações da juventude ligadas aos riscos fragiliza as ações direcionadas aos jovens.

O Projeto Flor do Mandacaru é uma iniciativa do Município para atender o público juvenil e funciona como Centro de Apoio ao Adolescente, implantado em 2008 pela Secretaria Municipal de Saúde. O serviço é um espaço de escuta, atendimento e reflexão sobre questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Esse projeto atende crianças e jovens na faixa etária de 10 a 19 anos e oferece os seguintes serviços: acesso facilitado a preservativos e outros métodos anticoncepcionais; exame de Prevenção do Câncer Ginecológico (PCG); teste rápido indicativo de gravidez (TIG); tratamento de DST; teste Anti-HIV e outros exames; pré-natal sigiloso; orientações sobre saúde sexual e reprodutiva; atendimento Psicológico (SILVA *et al.*, 2013).

É perceptível nesse tipo de projeto que os problemas ligados à juventude que interessam continuam relacionados às questões que envolvem a perspectiva da prevenção de riscos, enfaticamente ligado ao controle da sexualidade. Esse foco, que se estende principalmente aos jovens pobres, está relacionado às representações ligadas à juventude de um determinado perfil, que não adota a perspectiva do direito, mas sim do controle de riscos ligados aos problemas que são encarados pelas políticas como sendo problemas da juventude.

---

<sup>30</sup>Em 2007, o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, através do decreto presidencial nº 6.286/2007, lançaram o Programa Saúde na Escola (PSE) com o objetivo de articular as ações entre saúde e educação, tendo o território como locus de produção social da saúde e a escola como o “lugar” privilegiado para a prática de promoção da saúde e de prevenção de agravos à saúde e de doenças em articulação com as unidades de saúde (BRASIL, 2013).

Os questionamentos que brotam diante da realidade das ações voltadas à saúde dos jovens no âmbito municipal são: Será que os jovens se sentem expostos aos riscos? Será que esses problemas relacionados à sua não-saúde são problemas para eles? Perceber as realidades dos grupos juvenis pode levar a discussão para a visão dos atores e não dos executores das políticas. O que eles dizem sobre as políticas que lhes são direcionadas? O que os jovens dizem sobre eles mesmos? Sobre a sua saúde?

Em uma visita para conhecer de perto a realidade do projeto Flor do Mandacaru, a coordenadora me informou que foi iniciado um projeto piloto para capacitar os profissionais da Estratégia Saúde da Família em algumas unidades que mais encaminhavam jovens para os atendimentos. Essa capacitação tinha como objetivo dar uma visibilidade maior para as questões que envolviam os jovens, na perspectiva de um protocolo diferenciado. As unidades capacitadas foram: Sumaré, Sinhá Sabóia, Aprazível e Expectativa. Em cada uma das unidades se elegeu um profissional de referência para as demandas ligadas a esse público. No início de 2017 procurei a coordenadora do Flor do Mandacaru e descobri que ela já não estava mais no serviço e que o projeto piloto, que era acompanhado por uma assessoria especializada, teve seu contrato encerrado na atual gestão municipal, resultando no congelamento dessa iniciativa.

Apesar de todo o discurso governamental, que coloca o jovem como co-partícipe nas políticas públicas, essa participação acontece dentro de um contexto de “baixa capacidade de induzir mudanças, ainda se concentrando num campo de ações programáticas pontuais que não avançam para o delineamento de uma política voltada para a saúde dos jovens” (HORTA; SENA, 2010, p. 486).

O lugar que o Estado criou para que o jovem atuasse e se desenvolvesse, a partir da execução de políticas públicas que lhe são direcionadas, representa um avanço, porém houve uma fragilização na forma como esse lugar foi de fato ocupado. A dinâmica da vida desses sujeitos e suas formas de existência não são levados em consideração pelos objetivos fins das políticas (ANDRADE; BOGUS, 2010).

Apesar da inclusão no plural dos termos “adolescências” e “juventudes” na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (PNAISAJ) e nas Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e

Recuperação da Saúde (2010), ainda é necessário ampliar o debate e trazer à luz as questões que envolvem as juventudes, que vêm acompanhadas “não só de estigmas de natureza psicológica ou patológica (HORTA; SENA, 2010 *apud* SPÓSITO *et al.*, 2006, p.255).

Nesse sentido, é importante considerar a necessidade de pesquisas contextuais que viabilizem a ultrapassagem do discurso ideológico da promoção da saúde e uma descaracterização da “explicação linear do adoecimento”, que não respondem à complexidade das experiências juvenis, tecidas no cotidiano inventivo onde os jovens encontram possibilidades reais de produzir saúde, seja individualmente ou em seus agrupamentos sociais.

### **3 “O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR”<sup>31</sup>: PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO**

#### **3.1 O Estudo com as juventudes: a sociologia do cotidiano como perspectiva metodológica**

Na trajetória pessoal, acadêmica e profissional da minha história, não precisamente nessa linearidade e ordenação, interagem simultânea e variavelmente a produção intelectual com aquilo que vivencio enquanto sujeito histórico e social de um determinado tempo. A composição desse “artesanato intelectual”, conforme descrito por Mills (1981), é fruto das reflexões que transitam na memória entre o passado e as aspirações do devir, no resgate desses marginais pensamentos que mantêm o eu reflexivo desperto.

Os jovens transitam nessa composição que fala da minha própria história, nas sensações que dão sentido ao que se quer conhecer, ao desejo de ir além das superfícies, das técnicas que supõem a neutralidade. Concordo com Brandão (2007) quando afirma que o estudo de campo é antes de tudo uma “vivência” que ultrapassa o terreno científico e tem uma relação intrínseca com a subjetividade.

A abordagem qualitativa que remete ao campo se propõe a um olhar “de perto e de dentro” como bem indica Magnani (2002, p.18). A pesquisa foi tecida a partir dos “arranjos” dos próprios jovens e das formas pelas quais transitam pelos territórios, usufruem dos serviços, utilizam equipamentos, criam oportunidades e estabelecem laços e encontros na relação do “eu” com o “nós”, em contraposição com outros, olhados como “eles” (PAIS, 2011, p. 247).

Para Magnani (2002) isso se dá de forma estratégica no diálogo entre dois polos. Num dos lados estão os sujeitos sociais, os grupos e as trajetórias que estão sendo investigadas, e no outro, a “paisagem” em que acontecem essas histórias, compreendida não como uma realidade puramente factual, mas como constituinte da composição de análise. Diante desse universo simbólico que compõe as culturas juvenis, aproximando o que está “distante” e “estranho” (BEAUD; WEBER, 2000), a partir da necessidade de clareza quanto à complexidade das

---

<sup>31</sup> Poesia de Antônio Machado.

experiências coletivas dos jovens no caminho de uma “ciência interpretativa” à procura de significado, o que se pretendeu realizar foi uma pesquisa de caráter etnográfico (GEERTZ, 2008).

No levantamento metodológico dos estudos com grupos juvenis explicitado no Estado da Arte sobre a Juventude Brasileira na pós-graduação (SPOSITO, 2009), a maioria dos estudos definiu as pesquisas como sendo de “características etnográficas”, de “enfoque etnográfico” ou ainda de “contornos etnográficos”, devido à complexidade das experiências juvenis que não seriam interpretadas se restritas a outras metodologias, mas como método em “sentido amplo” possível na etnografia (MAGNANI, 2009). Isso representa as “estratégias de contato”, a imersão no campo, condições que o autor coloca tanto para a “prática continuada” como para a “experiência etnográfica” (MAGNANI, 2009, p.136).

A etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado por uma descrição densa. (GEERTZ, 2008, p. 15).

Magnani (2009, p.136) afirma que a etnografia só acontece por uma presença “continuada em campo” e com uma atitude de “atenção viva” que se limita ao tempo disponível após a aprovação do comitê de ética para a realização da pesquisa como uma etnografia. A justificativa de fazer uma pesquisa de *caráter* etnográfico se dá pelas características de uma pesquisa etnográfica que vai ao encontro do que se pretende compreender sobre a constituição das identidades dos grupos juvenis e sua relação com a saúde.

A pesquisa de campo é composta da tríade que Oliveira (2000) tematizou para apreender os fenômenos sociais, formadas pelo “olhar, o ouvir e o escrever”, como partes indissociáveis de uma pesquisa empírica, que pretende ter acesso aos sistemas simbólicos reelaborados pelos próprios jovens, na construção de identidades de grupo.

A pesquisa parte do cotidiano dos jovens e suas interações, compreendendo a vida cotidiana como “um tecido de maneiras de ser e de estar, em vez de um conjunto de meros efeitos secundários de “causas estruturais” (PAIS, 2003, p. 30). As “maneiras de fazer” dos jovens em seus grupos de pertencimento onde compartilham experiências, linguagens, posturas, eventos, ensaios, festas, *rave*, são tão significantes quanto os resultados das práticas cotidianas.

O que consiste a perspectiva metodológica do cotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos, limitando ou anulando as suas relações recíprocas (PAIS, 2003, p. 30).

Compreender os jovens e suas culturas juvenis e apreender os significados que estes atribuem à saúde é dar a eles a possibilidade de serem vistos a partir de outra perspectiva, em que serão colocados em pauta os “paradoxos da juventude” (PAIS, 2003), interpretando os significados que os sujeitos atribuem aos símbolos, decodificando-os. Isso requereu uma aproximação de seus territórios de sociabilidade, onde tive que me desprender do meu tempo cronológico para viver outro tempo: o dos jovens que aqui são pesquisados. A relação destes com o corpo, o tempo e seus grupos de pertencimento me afetaram e continuam a me afetar, me confrontaram a partir de um estranhamento em que a minha cultura de origem se defrontou com outras culturas juvenis e me impulsionou a “compartilhar desses horizontes”, numa “relação de troca”, que só é possível de perto e de dentro (MAGNANI, 2009, p.135).

Estar lá não obedeceu a um trajeto linear, conforme previsto inicialmente no projeto. O cotidiano dos jovens e suas culturas não seguiu em linha reta, mas antes uma “lógica de descoberta, na qual a realidade social se insinua conjectura e indicia” (PAIS, 2003, p.32).

A aprovação pelo comitê de ética em novembro/2016 limitou o tempo em que poderia já estar imersa no cotidiano dos jovens. As pesquisas na área da saúde devem ter para a imersão dos pesquisadores em campo a aprovação pelo comitê de ética (Plataforma Brasil), não que os projetos de pesquisa não devam ser avaliados por comitês, mas em pesquisas dessa natureza a própria pergunta de partida se faz a partir do conhecer da realidade, do passear por ela e não apenas por concepções teóricas.

As descobertas em campo mudaram alguns dos objetivos que inicialmente foram propostos, como, por exemplo, o mapeamento dos grupos juvenis, que pelo tempo de imersão ficou inviável. A observação se deu em um único grupo, a Cia Marshall, que compartilhava “sentidos comuns” e símbolos de pertencimento: esta foi uma das realidades postas pelo campo de pesquisa (PAIS, 2003). O método só se delineou de fato no cotidiano dos jovens, quando estava lá, quando os observei, despreziosamente, quando me desprendi dos métodos inicialmente elaborados para a pesquisa; na hora em que compreendi que “o caminho se faz ao caminhar”, “como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente

pelos aspectos anódidos da vida social, percorrendo-os sem, contudo, neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando nada se passa” (PAIS, 2003, p. 29).

A primeira fase da pesquisa iniciou em novembro de 2016. Essa fase exploratória para conhecer os grupos de jovens existentes nesse território teve como porta de entrada a Estação da Juventude. Aproximar-me dos grupos exigia um grau de confiabilidade dos jovens. A gestão favoreceu esse processo, mas também compreendi, depois de algum tempo, que isso também poderia ser um risco a essa proximidade. No começo, sempre era percebida com a coordenadora desse equipamento: minha imagem acabava por ser associada à instituição.

Na primeira fase assumi uma postura de investigação mais etnográfica, descomprometida, partindo do cotidiano da Estação da Juventude na realização de suas atividades, para compreender como se davam os encontros dos grupos de jovens e por eles ser conhecida. A observação e os diários de campo deram suporte para compreender as vias de pertencimento e identidades assumidas pelos grupos. Adotei também algumas estratégias de aproximação, que favoreceram as escolhas e a delimitação dos objetivos, que só se deram no cotidiano dos jovens.

Nessa fase privilegiei os horários tidos pelos jovens como mais apropriados para observá-los, segundo suas falas: “à noite é onde tudo acontece”. Durante o dia as atividades eram institucionais e ligadas à execução de programas e projetos sociais, ou mesmo atividades de instituições parceiras desse equipamento. À noite se davam os encontros informais, não institucionais, e o espaço parecia ser extensão da praça que fica ligada à Estação. Os pequenos grupos de jovens se aglomeravam em vários tipos e quantidades em pequenas ilhas, naquele território. E esse lugar era o ponto de encontro dos grupos de dança, que se juntavam para ensaiar e fazer reuniões. Também se encontravam ali o grupo da capoeira, os grupos de bike na praça... Os sons polifônicos emitidos naquele espaço e as culturas vivenciadas nesses grupos me colocavam um grande desafio. O tempo era o fator limitador para a compreensão das ilhas de dissidências marcadas pelas culturas juvenis. Na observação do cotidiano desses grupos o campo me revelou os símbolos de pertencimento e os critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa.

O cotidiano é um lugar privilegiado da pesquisa, seja nos ensaios, apresentações, preparação para os espetáculos, nas conversas no grupo do *WhatsApp*... Esse “trotar a realidade” me conduziu para longe dos conceitos e métodos até então formulados sem a aproximação dos

mundos e modos de viver dos jovens. A desordem aparente entre o caminho pensado e aquele no qual era conduzida pelos jovens, mesmo que indiretamente, causou-me angústia e a própria indagação sobre os “métodos científicos”, que precisam ser constantemente reavaliados à luz da dinâmica realidade dos sujeitos protagonistas da nossa interpretação. A “lógica da descoberta” só se deu por essa disposição em não se prender ao estabelecido, como turista com itinerário certo, mas sim como uma curiosa bisbilhoteira, que num “vadiar sociológico” tem na busca seu constante objetivo, que só se dá por meio do cotidiano (PAIS, 2003).

Na segunda fase assumi uma postura mais formal, pois a aproximação e a naturalização da minha presença já era representada na fala dos jovens. Quando uma das funcionárias da Estação questionou o uso de algumas gírias faladas na minha presença por um dos jovens, ele respondeu: “Tia, a Isabelle quer saber como a gente é de verdade. Então não precisa se preocupar”. Essa fase mais formal se deu após cinco meses imersa no cotidiano dos jovens, no período de março a abril de 2017.

Algumas questões não eram tão claras e utilizei métodos mais formais para suscitar a reflexão. Nessa fase foram realizadas entrevistas semiestruturadas e um grupo focal com questões muito próximas para cruzar o discurso emitido pelos jovens individualmente e perceber como se davam os discursos na coletividade. O período em que fiquei em campo era contínuo... Estar lá era uma necessidade real e não se encerrava com o fim da pesquisa e das observações em campo. Não tenho a pretensão de acreditar que as questões abordadas foram em sua plenitude apreendidas, mas as contribuições deste estudo são frutos da aproximação das realidades dos jovens da Cia Marshall e dos sentidos que eles atribuem à sua saúde, a partir da cultura por eles compartilhada.

As duas fases da pesquisa dialogaram e foram interpretadas não linearmente, mas num dialógico e simultâneo movimento. A obtenção da informação, seja pela via etnográfica seja por métodos mais formais, aconteceu paralela à sua análise. A questão de partida, as hipóteses levantadas e a construção dos objetivos: tudo só se deu estando lá, olhando de perto e dentro das culturas juvenis, quando me aliei aos elos de sentido para adentrar em seus mundos e modos de existência.

Interpretar esse todo sociológico exigiu uma reflexão cotidiana constante, me colocando necessidades de recorrer a outros caminhos de discussão dessas realidades, como a criação de um grupo de estudos sobre juventude e saúde, com meus alunos na graduação em Serviço Social. Com esse grupo foi possível a transcrição das entrevistas e do grupo focal e a discussão sobre as culturas juvenis e realidades dos jovens da Cia Marshall, a partir dos seus símbolos de pertencimento e estratégias de resistência, em territórios marcados pela desigualdade social.

### **3.2 “A Estação da Juventude é uma praça”: as singularidades do lócus da pesquisa**

Segundo o Censo de 2010, o estado do Ceará possui 847.464 adolescentes entre 10 e 14 anos e 846.653 adolescentes entre 15 e 19 anos. Sobral, de acordo com o Censo, possui 188 mil habitantes, com 10.048 (5,3%) de adolescentes do sexo masculino, de 10 a 14 anos, e 9.684 (5,1%) entre 15 e 19 anos; 9.598 (5,1%) são adolescentes do sexo feminino, entre 10 e 14 anos, e 9.863 (5,2%), de 15 a 19 anos (IBGE, 2010).

No Município existem 65 equipes de saúde da família que correspondem a cerca de 90% de cobertura da população. Aliado a isso o município, que possui 42 escolas de ensino fundamental, vem investindo fortemente na ampliação da oferta de vagas e na melhoria da qualidade do ensino fundamental, obtendo nos últimos anos um dos melhores índices de desenvolvimento do ensino básico (IDEB) no estado do Ceará e no Nordeste.

O sistema de saúde do município, desde 1998, está caracterizado como Gestão Plena do Sistema Municipal, segundo a Norma Operacional Básica-NOB 01/96 e Norma Operacional de Assistência à Saúde- NOAS (2002), e integra uma rede assistencial hierarquizada e regionalizada do Sistema Único de Saúde (SUS) no estado do Ceará, com capacidade instalada para a realização de serviços em seus diferentes níveis de complexidade, conforme o Relatório de Gestão Municipal de Sobral-CE.

Na gestão municipal anterior (2013-2016) foi criada a coordenadoria especial de políticas públicas de juventude. Inicialmente a coordenadoria estava vinculada ao gabinete do prefeito e sua atuação articulava e potencializava programas, projetos e ações voltados para o público jovem. O resultado do grupo de trabalho deu início à Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude de Sobral- COOJUV, indicando caminhos para a criação de um

programa<sup>32</sup> amplo e diversificado de inclusão social dos jovens sobralenses. A Estação da Juventude é indicada como um espaço de sociabilidade e encontro de jovens, com serviços e atividades para apoiá-los na ampliação de suas escolhas e no acesso a políticas que fortaleçam seus percursos de inclusão, autonomia e participação. A Estação da Juventude tem como objetivos:

Ampliar o acesso de jovens de 15 a 29 anos a políticas, programas e ações que assegurem seus direitos de cidadania e ampliem a sua capacidade de inclusão e participação social; Criar redes de suporte para a promoção da emancipação da juventude, em especial a juventude em situação de vulnerabilidade; Oferecer tecnologia social para o desenvolvimento de políticas para juventude por meio de ações que instauram conexões sociais e geram novos serviços (SOBRAL, 2015).

Na atual gestão municipal, assumida em 2017, houve um enxugamento de algumas secretarias municipais, sendo estas remanejadas e/ou acopladas à outras secretarias, resultado de um cenário de crise política e econômica, que vem se arrastando pelo país. A crise, que teve como ápice o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, e a posse do atual Presidente Michel Temer, tem seus reflexos nos projetos<sup>33</sup> de lei que resultam diretamente na execução de políticas públicas. A crise econômica, longe de ser estabilizada, reflete na gestão do orçamento municipal, como no caso de Sobral, que passou a contar com uma Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Juventude. Políticas distintas agora são geridas por uma única secretaria, para otimizar o recurso público, com previsões cada vez mais nefastas no atual governo.

A Estação da Juventude foi escolhida como porta de entrada para a aproximação dos grupos juvenis, por ser este um espaço que preconiza ser de sociabilidade dos próprios jovens, possibilitando a transversalidade das políticas públicas. Compreender os significados que os jovens atribuem à saúde está intrinsecamente ligado ao cotidiano das culturas juvenis e o uso

---

<sup>32</sup>Ciente de que cada localidade do Brasil possui necessidades e características específicas, o projeto Estação Juventude articula as diretrizes nacionais com as particularidades do território. (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, <http://juventude.gov.br/estacaojuventude>, acessado em: 10/05/2016).

<sup>33</sup>A PEC 287, que prevê a reforma da Previdência Social, exigirá 49 anos de contribuição e haverá regras de transição. Além disso, benefícios pagos a idosos de baixa renda e deficientes, uma parte essencial da assistência social que no Brasil faz parte do sistema da Previdência, serão achatados, para que não haja "concorrência" entre esta modalidade (que não exige contribuição) e a aposentadoria. A Câmara dos Deputados e o Senado aprovaram a proposta de emenda constitucional que cria um teto para os gastos públicos, a **PEC 241** ou PEC 55, dependendo da Casa Legislativa, que congela as despesas do Governo Federal, com cifras corrigidas pela inflação, por até 20 anos.

que estes fazem dos espaços ditos como “seus”. Minha inserção neste cotidiano carecia de pontes de aproximação e a Estação era uma delas. É importante ressaltar que a pesquisa não ficou restrita ao espaço da Estação, mas ela foi a ponte para a aproximação com o público juvenil, pelo fato deste equipamento funcionar como articulador das políticas públicas e dos grupos juvenis dentro dos territórios. Os eixos da Estação da Juventude são:

Reconhecimento do território, com suas possibilidades e disponibilização das informações para que os jovens se movimentem e criem/aproveitem redes de conexão e circulação; Orientação, encaminhamento e apoio para construção das trajetórias individuais e/ou coletivas dos jovens na perspectiva da inserção, autonomia juvenil; Respostas a demandas específicas localmente identificadas, por meio de uma Ação Específica Local (SOBRAL, 2015).

Existem em Sobral 04 Estações da Juventude: Tamarindo, Novo Recanto, Nova Caiçara e Cohab I. Em média, cada uma atende 200 jovens por mês, de acordo com a CONJUV (2015). Os horários são adequados e o pessoal é capacitado para o atendimento dos jovens. A Estação da Juventude funciona como lugar de livre acesso, com ambientação, programação de atividades de sociabilidade e cultura. É um espaço de participação, que estimula processos interativos e de comunicação, através da proposta do comitê gestor, que incorpora gestores, atores da sociedade civil e os próprios jovens na construção de uma agenda coletiva, elaborada para a realidade do território e desenvolvendo ações específicas para além das linhas nacionais, para dar resposta à demanda dos jovens, conforme diagnóstico de necessidades e potencialidades locais.

A Estação escolhida foi a do Novo Recanto, inaugurada no dia 10 de março de 2014, uma parceria com os governos Federal e Estadual. Foi a primeira do Brasil a ser mantida com recursos municipais. Na realização do projeto de pesquisa na fase exploratória, esse equipamento foi citado pelos gestores pelo reconhecimento e participação dos jovens desse território, em relação às outras Estações. É a única das Estações que funciona à noite e que tem suas atividades acontecendo em tempo integral.

Os relatos justificam que esse fato está relacionado à própria história do bairro, que segundo a Territorialização (2015), realizada pela Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia – EFSFVS, através da Residência Multiprofissional em Saúde da Família-RMSF, o surgimento do Bairro Recanto II ou Novo Recanto ocorreu por volta de 1940 e uma das

marcas mais vivas desse território é a forte organização comunitária, que favoreceu o seu desenvolvimento e o fortalecimento de uma identidade coletiva.

Em conversa informal com o primeiro Agente Comunitário de Saúde (ACS) do bairro que participou de todo esse processo e é atualmente o presidente do conselho local de saúde, a criação, em 1997, da Associação dos Moradores do Vila Recanto pressionou o poder público local à destinação de políticas de habitação para o bairro. Havia forte pressão por parte dos latifundiários, através de processos judiciais, para a desocupação dos moradores, devido à ocupação clandestina que só aumentava. O apoio de parceiros nesse processo foi determinante para as conquistas da população, como a Cáritas Diocesana, o Rotary Clube e políticos envolvidos com a causa dos movimentos dos sem terra e sem teto.

A conquista do espaço se deu na luta que continuou pela reivindicação da urbanização, saneamento básico, coleta de lixo, enfim, dos serviços públicos que foram conquistados pela população, através da luta organizada. Segundo o ACS, os moradores saíram pelas ruas de Sobral, mostrando as dificuldades, com cartazes feitos artesanalmente de papelão com algumas frases de efeito, e foram até a Câmara de Vereadores. A partir daí surgiu realmente um projeto. Os gestores perceberam as necessidades e constataram o problema. Em 2000 foi aprovado um projeto de urbanização para o Novo Recanto e em 2006 iniciaram as construções das casas, o saneamento básico e toda a rede de iluminação e água potável em todos os domicílios.

Magnani (2002) coloca que a paisagem em que as práticas sociais se desenvolvem é parte constitutiva da análise que esse olhar de “perto e de dentro” requer um investimento estratégico de compreender como os atores sociais transitam pela cidade, usufruem dos seus serviços e utilizam seus equipamentos. Conhecer de perto como se dá a realidade dos grupos juvenis me levava a conhecer a constituição desse território, pois sua historicidade é viva e é representada nas falas dos sujeitos com quem me relacionei no trânsito da pesquisa, bem como no próprio prédio da Estação da Juventude.

Após a aprovação<sup>34</sup> do Comitê de Ética, em novembro de 2016, dei início à imersão no cotidiano da Estação do Novo Recanto, que foi previamente autorizada pela coordenadora desse serviço, através do termo de anuência. Esta, por sua vez, foi uma informante valiosa no processo

---

<sup>34</sup> Cadastrado na Plataforma Brasil com o número CAAE 61360616.0.0000.5053.

da pesquisa e estabeleceu comigo laços de afeto que se fortaleceram ao longo dessa trajetória. Nossas trocas não se restringiam à pesquisa nem ao espaço da Estação. Sua simplicidade e disponibilidade também me comunicavam outra cultura, que se revelava nas relações sociais que se estabeleceram com ela e outros atores sociais ao longo da pesquisa.

A Estação da Juventude citada na Territorialização (2015) como espaço de organização social e cultural da comunidade é considerada um dos pontos centrais de convívio da população. Nas primeiras idas à Estação fiquei surpresa com a quantidade de pessoas transitando ou mesmo sentadas na praça em frente a esse equipamento. Existem alguns bancos com mesas em que se amontoam jovens rindo e conversando, como se aquele lugar lhes fosse familiar. Vi também pequenos grupos com bicicletas, crianças correndo e brincando na reforma ao lado da Estação, e uma igreja evangélica onde nas noites sempre se realizava cultos, ao lado esquerdo do prédio. A praça, apesar de escura e nunca ter sido inaugurada, parecia ser sua extensão da Estação, já que não há nada que as separa: ela parece continuar dentro da Estação. É notório que o local é bastante freqüentado pelas pessoas que moram no bairro e o público não está restrito aos jovens.

A Estação tem duas placas: uma central, com sua identificação e o símbolo da Prefeitura, e a outra do seu lado esquerdo, com o símbolo do Alcoólicos Anônimos (AA). Aquelas placas são representativas daquele espaço em que se dá o diálogo entre o público e o privado. O trânsito congestionado de crianças e jovens de todas as idades e a música nas salas, como se vários ensaios acontecessem ao mesmo tempo, faziam ecoar um som bem representativo da visão daquele lugar, que me falava da riqueza de um cotidiano que eu desejava conhecer.

Nos primeiros encontros para entender a dinâmica da instituição, vaguei como um “pesquisador viajante” que não estava preso às rotas estabelecidas entre a multidão de atores sociais que transitavam por ela, com um “olhar impressionado”, percebendo como eles utilizavam aquele espaço. E nesse fluxo e refluxo das pessoas e acontecimentos cada vez mais a rotina institucional me comunicava algo que era apreendido para além da repetição das atividades, algo que estava estreitamente relacionado a esse “lugar de inovação” (PAIS, 2003, p. 78).

O prédio da Estação é bem antigo. Havia 05 anos que estava fechado e antes funcionava como um memorial do bairro. Até hoje são preservadas as primeiras 04 casas de taipa, que são conservadas e utilizadas como salas nas atividades com os jovens. O prédio é simbólico para toda a comunidade daquele território e as atividades que lá acontecem não se restringem aos jovens. A

comunidade utiliza esse espaço para a realização de festas infantis, para as reuniões dos Alcoólicos Anônimos, grupos de idosos, grupos de capoeira, ensaios de festas juninas e aulas de ginástica e zumba. A placa apagada com o nome Estação da Juventude carrega significados que revelam a historicidade daquele lugar, que é reconhecido pelos atores sociais que o utilizam todos os dias da semana, sem exceção. Funciona integralmente durante a semana e à noite é o turno mais movimentado. Nos fins de semana serve para encontros de grupos do bairro, ensaios dos grupos de dança e realização de eventos das famílias.

Na noite do dia 28 de novembro de 2016 havia três grupos de dança ensaiando e a coordenadora afirmou que eles eram da estação: os jovens formam grupos de dança sem necessariamente estarem ligados a algum projeto ou programa social. Para ela, “o forte do Recanto é a dança e abrimos às noites porque o maior funcionamento deste equipamento é durante a noite”. “A Estação da Juventude é como se fosse uma praça”: esta expressão da coordenadora foi utilizada neste capítulo para denominar este lugar em que se deu boa parte das observações. Complemento que a Estação é extensão da praça. As paredes institucionais parecem não existirem para as crianças que imitam os jovens dançando, principalmente quando a música é swingueira, e para aqueles que passam e ficam admirando os ensaios, dentro e fora, pelas janelas. As casas preservadas como memória daquele lugar materializam para mim que observo uma íntima relação dos sujeitos com aquele espaço, que o utilizam de forma livre e onde “os horários tidos como institucionais” são transformados pelo tempo daqueles que deles se utilizam, transformando a noite da “Estação Praça” em um som polifônico de músicas, que torna vivo aquele espaço e cheio de sentido e realidade, que se sobrepõe à escuridão dos postes que não funcionam e à precariedade do prédio que abriga histórias vivas.

Antes da Estação as atividades de diferentes serviços, projetos e programas voltados para a juventude aconteciam no “salão do reino”, cedido por uma igreja evangélica. A Prefeitura cedeu o prédio que estava inutilizado para o funcionamento desse equipamento e posteriormente todos os projetos envolvendo jovens no bairro foram transferidos para lá. A Estação do Recanto foi a segunda a ser criada, depois da do Mucambinho. Hoje acontecem parcerias com o SESC, com turmas de capoeira e Educação de Jovens e Adultos (EJA); com a Secretaria de Direitos Humanos, Habitação e Assistência Social, com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (grupos de crianças, jovens e idosos) e o grupo de Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família-PAIF, do Centro de Referência de Assistência Social-CRAS. A Secretaria de

Cultura, Esporte, Lazer e Juventude oferece aulas de ginástica e de zumba nos finais de tarde para toda a comunidade.

A coordenadora afirma que existe um trabalho desenvolvido nesse equipamento social relacionado à retirada da Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), à inserção no cursinho pré-vestibular e informações sobre cursos profissionalizantes. Em nossas conversas ela sempre mencionava sua alegria, quando era informada sobre jovens que foram acompanhados e que tiveram êxito na inserção no mercado de trabalho ou quando passavam no vestibular. Considera que há mais dificuldades em inserir as meninas do que os meninos. Esses dados compõem relatórios e discursos sobre o equipamento, para falar sobre seu êxito e a sua própria finalidade naquele território. Isso me causava algumas inquietações, principalmente aquelas relacionadas aos jovens que não conseguiam adentrar no mercado de trabalho e nem na Universidade.

Por saber que meu trabalho estava interessado nos grupos juvenis, a coordenadora mencionou que existiu um “grupo de jovens” da Estação (35 jovens), que se desfez devido às buscas dos jovens pelo mercado de trabalho. A preocupação dos jovens com o trabalho parecia ser um impeditivo à continuidade das atividades no grupo, principalmente quando se encerra o ensino médio e as cobranças começam a se intensificar.

Nestas idas e vindas à Estação e nas longas conversas com a coordenadora sobre os grupos que transitavam pelo equipamento, percebi que havia um grupo que se constituiu há quase dois anos, a Cia Marshall. Esses jovens começaram a frequentar projetos sociais desde os 10 anos de idade, antes mesmo da abertura da Estação. A partir daí eles foram desenvolvendo habilidades e talentos, passando a conhecer espaços de cultura e lazer pouco acessados por eles que residem em zonas tidas como “periféricas”, distantes do “centro”, onde também se centraliza a agenda cultural da cidade. Segundo a coordenadora, conheceram o teatro, frequentaram o ECOA, participaram de campanhas, conferências: tiveram muitas “oportunidades”. Isso lhes possibilitou a visão de “outros horizontes”, motivo a que atribui o fortalecimento do grupo.

Esse grupo não foi criado por iniciativas institucionais, mas sim pelos próprios jovens, detentores de uma identidade que se afirma na escolha do pop, no estilo de roupas, nas tatuagens e na postura que assumem em suas coreografias. É interessante perceber que os projetos sociais

fazem parte da trajetória dos jovens, fato este que a coordenação relaciona à própria existência e consolidação do grupo.

Novaes (2006) ao falar da realidade de “jovens do projeto” enfatiza que a inclusão em projetos sociais pode “contribuir para supressão de certas marcas da exclusão pelo aumento da escolaridade, da capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero, de pertencimento local comunitário” (p. 113). Os projetos sociais acabam influenciando nas trajetórias dos jovens marcados por contextos de exclusão social, proporcionando novas formas de estabelecer relações sociais que resultam em novos projetos de vida, diferenciados daqueles que não têm acesso a essas oportunidades.

Ter ou não ter acesso aos projetos sociais diferencia entre si os jovens mais pobres e também cria uma diferenciação entre os jovens de diversas áreas pobres e violentas da cidade. Isso porque um projeto chama outro, e com as melhores intenções. Afinal, a idéia de “desenvolvimento local” implica criar sinergias, complementaridade e integração dos projetos variados. Enquanto isso, jovens de outras áreas ficam cada vez mais invisíveis (NOVAES, 2006, p.114).

As oportunidades mencionadas fizeram diferença na vida desses jovens que formam os seus grupos sem necessariamente estarem vinculados às atividades institucionais. Eles ensaiam, participam de competições de dança, compõem figurinos, realizam bingos e sorteios para arrecadar dinheiro na montagem de um espetáculo, se vinculam a gêneros musicais e ressignificam o espaço da Estação a partir dos seus campos de significação.

Carrano (2008) confirma essa interação dos corpos juvenis com os espaços da cidade em territórios delimitados nos seus campos de significação; “uma praça se transforma em campo de futebol, sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate ou um baile de blackmusic, o corredor da escola se torna ponto de encontro e sociabilidade”. Esses espaços são além de tudo “simbólicos”, para a apreensão de identidades que comungam de uma mesma experiência que os tornam comuns. “É em torno de determinado território que se constitui o grupo de iguais” (p.65).

Os locais em que transitaram os jovens ao longo da pesquisa, na maioria das vezes em que os observei, foi na “Estação Praça”, pois os afetos com o espaço tinham uma relação histórica e social para todos que compartilhavam daquela realidade social no Recanto. Em uma conversa no *WhatsApp*, ao se referir sobre a organização de uma *rave* para a arrecadação de dinheiro para um

espetáculo, um dos jovens falou: “*Temos a Estação ao nosso favor*”. Os grupos não só ensaiavam ou faziam reuniões, o espaço tinha significado, simbolizado na forma como os jovens viam esse equipamento, que não estava restrito ao uso de atividades institucionais ou mesmo relacionadas às atividades do grupo. “Todos estes pequenos espaços que materializam certas formas de existência e de relação social e que a inscrevem num lugar são, de facto, fatores inegáveis de sociabilização e de socialização (PAIS, 2003, p. 86 e 87).

Os jovens em suas vivências em grupo transitavam pelo bairro dando significados e mudando o panorama; os espaços eram os cenários onde se dava o acontecer de suas trajetórias. O que antes era vazio se transforma pela significação de suas histórias: a quadra e a praça para ensaiar, o anfiteatro para apresentações artísticas; numa relação destes com o espaço público que lhes servia de cenário para o acontecer cotidiano de suas culturas, que eram produzidas e reproduzidas na interação com o lugar em que viviam e com a realidade que partilhavam.

### **3.3 Culturas Juvenis: símbolos, pertencimento e o compartilhar de uma identidade grupal escolhida pela Cia Marshall**

A imersão na Estação me dava pistas sobre a diversidade das “culturas juvenis” (PAIS, 2003) vivenciadas por diferentes grupos que utilizavam este espaço para seus encontros, ensaios, apresentações e projetos em comum. Os jovens se encontravam para conversar em grupos, em pequenos trios, em bandos para andar de bicicleta: esse lugar era acima de tudo um ponto de encontro, enfim, um espaço de sociabilidades.

Percebi que o turno noturno era estratégico para estar mais perto de suas realidades cotidianas. Durante um ensaio, um jovem, ao ser questionado sobre a possibilidade de estender o horário, que já estava no limite, respondeu: “*meu horário à noite vai até às 06h da manhã, quando tenho que me arrumar para trabalhar*”. A relação com o espaço e o tempo estava relacionada ao significado que os jovens davam às suas ações nos grupos e compreender esses significados era fator preponderante para a pesquisa (PAIS, 2003).

Os ensaios dos três grupos de dança aconteciam sempre nos mesmos horários: das 19h00min às 21h00min. Esse fato chamava a atenção de outros jovens, que sempre ficavam como expectadores, às portas e janelas do prédio. Como a 1ª fase da pesquisa no projeto inicial tinha o objetivo de mapear os grupos existentes no bairro, sempre me vinha a preocupação sobre os demais grupos existentes, e comecei a seguir as pistas que me eram dadas pelos próprios jovens. Os critérios para o mapeamento dos grupos estavam relacionados a como estes eram representados nos seus processos de sociabilidade, através da linguagem, dos símbolos, dos rituais e/ou dos eventos, que os identificavam como pertencentes a esses grupos.

Para conhecer seus grupos era necessário “ir na pegada de vestígios” (PAIS, 2003, p. 69). Nesse caminhar na Estação fui me aproximando dos grupos de jovens e aproveitando as oportunidades que tinha para ser conhecida por eles, de modo que minha presença não lhes causasse tanta estranheza: tarefa quase impossível nessa 1ª fase.

Os olhares dos jovens me lembravam que eu era uma estranha, causando certo incômodo para mim e para eles. Observá-los de modo que eles não se sentissem observados era uma tarefa difícil, mas necessária para compreender seus modos de vida. Nesse percurso fui me tornando o mais acessível possível. Uma dessas ricas oportunidades foi a confraternização de fim de ano. A coordenadora da Estação comentou sobre a falta de recursos para o lanche, pois algumas das atividades ela custeava do seu orçamento pessoal, e estava pensando em cancelar o evento pela falta de dinheiro. A Prefeitura já havia sinalizado que não havia como liberar verba de última hora para esse fim. Em conversa com alguns amigos sobre essa situação, consegui um patrocínio de 100 *kits* de lanches para os jovens, ajudei a servi-los e contribuí para que a noite da confraternização fosse especial como eles esperavam.

A confraternização do dia 20 de dezembro de 2016 foi uma grande apresentação dos grupos artísticos do bairro: momento muito oportuno para identificá-los pelas apresentações. Aconteceu no anfiteatro em frente à Estação, logo depois da praça, com uma platéia de cerca de 300 pessoas. Aquela noite me comunicava a riqueza dos significados das diferentes culturas juvenis que transitavam por aquele lugar. Fiquei próxima à caixa de som, fiz questão de registrar com fotos pelo celular todos os grupos e as disponibilizei depois, para aqueles que tivessem interesse em resgatá-las. Encontrei nessa oportunidade uma estratégia de saber quem eram os grupos e seus líderes, para depois mapeá-los. Primeiro se apresentaram os dois grupos de

*swingueira* (Suingue Sedução e Suingue Dance) e, como estava nos bastidores, acompanhei de perto o frisson da plateia nas apresentações, boa parte formada por jovens que na hora das coreografias pareciam congelar diante dos passos e das músicas que eram cantaroladas por todos.

O anfiteatro iluminado do Bairro Recanto tinha arquibancadas pintadas de amarelo e vermelho, simbolizando as cores do município de Sobral, e estavam lotadas de jovens e crianças. Os adultos ficavam como se não fizessem parte daquele cenário, sempre ao redor, como quem passa ao longe para “espiar” o que está acontecendo. A cena da noite foi roubada pelos grupos de jovens que se apresentaram com seus estilos de dança, com roupas que deixavam à exposição suas barrigas “chapadas” (como eles dizem) e as tatuagens, com maquiagens carregadas e olhares marcados pelo preto e muito rímel. Os grupos de *swingueira* eram muito parecidos na composição do figurino; um deles era misto e outro composto só por meninas. Nesses grupos os jovens tinham entre 12 e 15 anos de idade. Alguns pareciam crianças pela estatura e eram aprendizes de um outro grupo de jovens com maior faixa etária, que aguardavam sua apresentação. O público enlouquecia quando os passos da coreografia se arriscavam na sensualidade, na postura do corpo e na afirmação: aquelas apresentações diziam muito sobre os símbolos que eram compartilhados. Após a apresentação desses dois primeiros grupos a apresentadora (coordenadora) chamou o AKD (Aki é Delícia) e a platéia vibrou muito. Eu não entendi por que e perguntei que grupo era esse? E ela impressionada me perguntou: “*você não conhece a febre da swingueira de Sobral?*”. E mencionou que esse grupo envolve jovens de vários bairros, já existe há alguns anos e ganhou o último campeonato cearense de melhor grupo de *swingueira*.

A apresentação envolvia quase todos os jovens, inclusive os do grupo de pop. A quadra ficou lotada e eles, tomados pelo calor da dança e do público que os ovacionava com assobios e gritos, pareciam compartilhar “universos simbólicos” materializados nas uniformidades da ação (PAIS, 2003).

Nesse dia, para finalizar a noite, houve a apresentação da Cia Marshall, que adotava outro gênero musical: o pop. As músicas remixadas embalavam a coreografia e exigia muita flexibilidade dos corpos e técnica: eles não erravam nos passos. Tudo na dança era muito sincronizado, causando silêncio no público e em mim. Com blusas de cores diferentes e com as iniciais do grupo pintadas à mão, eles arriscavam aderir a um gênero diferente, diante da “febre da *swingueira*”. Registrei tudo e me disponibilizei a passar pelo *WhatsApp* depois. O responsável

pela Cia Marshall foi o único que me procurou: pegou meu número de telefone e me adicionou. Naquele momento senti que aquele lugar que eu ocupava ficava cada vez menos desconfortável.

Continuei indo à Estação e nos dias de ensaio, como estávamos nas últimas semanas do ano, a frequência aos encontros pelos grupos diminuiu. Sempre encontrava a Cia Marshall ensaiando e indagava sobre os outros grupos: eles me respondiam que estavam de recesso, devido às festas de fim de ano. Perguntando onde eles se encontravam, descobri que os dois grupos que se apresentaram tinham sido criados pelos jovens há pouco tempo com a finalidade de fazer apresentações de *swingueira*. A “febre da *swingueira*” tinha muitos adeptos entre os jovens. O AKD era referência para muitos, mas a irregularidade dos encontros dos novos grupos indicava caminhos na compreensão daquilo que a pesquisa tinha pretensão de investigar: eram as regularidades, as uniformidades da ação, que caracterizam o compartilhamento de significados e pertencas a identidades grupais.

Nas primeiras semanas do ano (2017) os grupos de *swingueira* não eram mais vistos pela Estação e o mapeamento ficava cada vez mais inviável, pois tinha dificuldade de reencontrar os grupos. Inserir-me neles apenas para mapeá-los me remetia a uma relação de exterioridade e superficialidade não pretendida em estudos do cotidiano. O mapeamento pretendido não foi possível pela inviabilidade de imersão e participação em todos os grupos que eram caracterizados pelos símbolos compartilhados. Mapear os grupos para conhecê-los exigia decifrar os códigos de pertencimento para além de aglomerações de acontecimentos passageiros ou para fins institucionais, sejam eles religiosos ou mesmo ligados às políticas públicas. Meu olhar se voltava para os grupos que compartilhavam significados como vias de sentido e pertencimento.

Pais (2011) afirma que nem toda concentração de pessoas pode ser nomeada como um grupo. Os envolvidos em determinada “aglomeração” não partilham das mesmas “cumplicidades sociais” que os vincula para além dos acontecimentos passageiros, aproximados apenas fisicamente. Os grupos para o autor se reconhecem na afirmação por comportamentos que almejam a expressão e legitimação de identidades, numa corrida pela “significação”. As identidades grupais se entrelaçam com as identidades pessoais em processos de reconhecimento que expressam a “interseção” de um “eu” com um “nós”, em contraposição com outros, olhados como “eles” (PAIS, 2011, p. 247).

Há grupos por toda parte das mais variadas naturezas e, com o desenvolvimento de redes sociais, esse universo se torna impossível de ser quantificado, pela sua variabilidade que é

composta nas teias da modernidade, com aplicativos de comunicação como WhatsApp, onde se inscrevem “grupos de famílias”, “grupos de trabalho”, “grupos de estudo”, enfim, grupos. Nem todos esses grupos são iguais e possuem características semelhantes, embora em sua grande maioria haja interações entre um número restrito de pessoas. “A natureza das afiliações”, a inscrição de uma “identidade própria” ou mesmo a frequência dos contatos são características que diferenciam os grupos sociais entre si de um “outro tipo de associações ou agregados sociais em que os influxos sociais podem ser mais difusos ou até mesmo inexistentes” (PAIS, 2011, p. 247).

Para estabelecer critérios para a imersão em algum desses grupos, recorri aos próprios jovens que utilizavam a Estação para os ensaios, para compreender seus símbolos de compartilhamento que os diferenciava e os identificava como pertencentes a uma cultura juvenil. Não quero reduzir os grupos de jovens existentes no bairro apenas àqueles que transitam no espaço da Estação, mas o tempo e o caráter do estudo não me possibilitaram transitar pelos demais grupos sem que existisse uma “ponte” de aproximação, como a Estação me proporcionou. A partir das falas dos jovens que transitavam por este equipamento público ia percebendo como eles viam esses grupos que por ali passavam e segui as pistas por eles indicadas.

Para Feixa (2004) os estilos próprios são comumente representados por meio de produtos da cultura de massa, como vestimentas, acessórios, expressos nos gostos musicais, no lazer, etc. Pais (2011) complementa que isso não quer comunicar que os jovens sejam “cabides ambulantes de estilos e visuais”, mas que estes tecem traços e reelaboram as suas sociabilidades.

As variadas formas com que a juventude se expressa, no uso das roupas, por exemplo, nos remete ao significado “simbólico” daquilo que pode parecer um simples estilo, e desvendar esses significados perpassa pela compreensão de como esses são representativos para os próprios jovens e como fazem uso desses símbolos.

A identidade de grupo precisa se mostrar publicamente para se manter e, assim, cada grupo cria suas próprias políticas de visibilidade pública que podem se expressar pela roupa, pela química corporal, em vocabulários e gramáticas exclusivos ou num novo estilo musical (CARRANO, 2008, p. 65).

Fui “escolhida” pela Cia Marshall, grupo de dança Pop que parecia estar em todos os horários e lugares... Eles estavam lá: na periodicidade dos encontros, na disciplina dos ensaios, na semana, no fim de semana, no vocabulário que lhes era peculiar e nas conversas pelo *WhatsApp* sobre as apresentações. Os jovens me escolheram e me suscitaram o desejo de conhecê-los de

perto, na compreensão de suas vias de sentido, representadas pelos símbolos de pertencimento. Não poderia perceber os significados atribuídos à saúde dos jovens sem que antes conhecesse sua identidade grupal. Os símbolos que tornavam pública sua identidade estavam na orientação sexual de grande parte dos integrantes, pois rompiam com a heteronormatividade, no gênero musical assumido pelo grupo, que vai na contramão do modismo da *swingueira*, na fabricação artesanal do figurino, na química corporal representada pela dança, nos passos em formato de pirâmide, em gramáticas exclusivas e mapas de significação.

O grupo é formado por 09 participantes (03 mulheres e 06 homens), destes, 03 moram em outros bairros e o restante é do Bairro Recanto. Apenas 01 menina se reconhece como heterossexual e todos os outros se reconhecem homossexuais. O grupo assume sua identidade sexual com liberdade, mas demonstra em suas conversas que o mesmo não acontece em casa quando estão com a família.

Em conversa com o coreógrafo do grupo e que foi um dos participantes-chave deste estudo, quando questionado sobre o perfil para entrar no grupo, respondeu que as pessoas entram por indicações uma das outras e por gostarem de dançar. Apesar de não ser diretamente afirmado pelo discurso do jovem, quando falei sobre a orientação sexual da maioria, disse: “*é mesmo somos todos homossexuais*”. Há códigos de pertencimento que não são afirmados claramente pelos jovens, mas que são interpretados neste estudo pelas generalizações, materializados nas “uniformidades observáveis, isto é, de cursos de ação relativamente semelhantes” (PAIS, 2003 p. 98).

Quando questionei um jovem que está desde o começo do grupo sobre o nome Cia Marshall, ele me respondeu que fazia alusão a um dançarino francês, Yanis Marshall, que juntamente com Arnaud e Mehdi formam um trio de dançarinos que pratica suas coreografias em cima de um salto alto. Seu vídeo interpretando algumas músicas de Beyoncé acumulou mais de 1 milhão de acessos<sup>35</sup> em apenas cinco dias. Depois de assistir ao vídeo desse dançarino percebi que grande parte das coreografias do grupo são inspiradas nele e em outros artistas do pop americano.

---

<sup>35</sup> Vídeo da apresentação do trio francês: Yanis Marshall, Arnaud e Mehdi <https://www.youtube.com/watch?v=kc17H68IKMs>

Quando entendi que Cia Marshall seria o grupo escolhido na pesquisa, comecei a comparecer aos ensaios durante a semana e fins de semana, para me aproximar dos jovens. Percebi que, no começo, na companhia da coordenação, minha presença ficava muito relacionada à gestão da Estação, conforme os jovens que me observavam. Essa estranheza que havia me colocava sempre à parte de suas conversas, risadas e cochichos ao pé do ouvido. Foi necessário estabelecer algumas estratégias de aproximação.

O grupo sempre ensaiava a portas fechadas e tinha muito cuidado quando alguém registrava alguma fotografia, para não publicar. E a justificativa era a necessidade de manter sigilo por ocasião da produção do novo espetáculo, que participaria de competições. Não desejavam imitações por quaisquer outros grupos existentes: a exclusividade e o ineditismo da coreografia era o que eles almejavam. Esse ineditismo falava muito sobre a dificuldade que tinham em aceitar novos membros. Um dos jovens ao falar sobre um integrante novo respondeu: *“eu tenho medo, sabe? Agora tudo eu desconfio! Essas pessoas que querem entrar na Marshall”*. Isso explicava bem que não seria tão fácil minha permanência nos ensaios e em suas atividades.

Os primeiros ensaios que presenciei no fim de semana, sem a presença da coordenação e dos outros funcionários da Estação, foram oportunidades muito boas de me aproximar, sem estar vinculada à gestão do equipamento. Antes e após os ensaios eles sempre ficavam conversando sobre diversos assuntos e o que predominava eram as atividades do grupo, apresentações, viagens, as músicas, a coreografia, a confecção das roupas e as novas coreografias. Percebi que deveria me aproximar pela via daquilo que dava sentido ao grupo e essa via era a Cia Marshall.

As estratégias de aproximação se deram pelas vias de sentido do grupo, aquilo que era importante para os jovens. E isso foi processual, até o dia em que estar perto não era tão estranho, até o dia em que as trocas aconteceram, até o dia em que eles se interessavam por mim e a relação entre pesquisador e pesquisados parecia confundir-se na troca, na cumplicidade que se dava no calor da proximidade. A partir de diversas iniciativas como: me disponibilizar ao grupo para o registro das apresentações em fotos e vídeos, conduzi-los a outros bairros para as apresentações, participando do grupo de *whatsapp*, vendendo rifas para os espetáculos ou mesmo conversando com a gestão municipal para o apoio de transporte nas apresentações, contribuindo com roupas para o bazar... Enfim, as estratégias de aproximação só se deram através do grupo e não individualmente, naquilo que oxigenava suas ações.

Na apresentação da noite do dia 17 de fevereiro de 2017, na Praça do Garrote, no Bairro Alto da Brasília, em Sobral, auxiliei os jovens no transporte, pois não tinham como se deslocar devido à distância e o horário. Na apresentação filmei tudo apoiada no batente que ficava em frente ao centro da praça onde eles estavam posicionados. A plateia fez silêncio, aguardando o início da música que demorou um pouco para começar. Depois do início da apresentação o público, que antes silenciava diante daquele grupo, aplaudia, gritava, diante dos movimentos que cobravam maior empenho dos corpos. A afirmação do grupo tinha forte expressão que não estava só nos passos, mas no olhar, na postura, na sensualidade e identidade, que os jovens assumiam enquanto dançavam. Os passos, às vezes centrados em sujeitos individuais, davam o tom de cumplicidade, pela sua repetição conjunta, que era figurada em forma de pirâmides e filas. E eu, que os observava agora não mais como estranhos, os reconhecia em suas individualidades e coletividade. A câmera do celular na mão quase imóvel, para não tremer, representava bem minha posição naquele momento e me fez sentir que estava próxima do “algo mais”, que aquele lugar que havia conquistado até ali me dizia muito sobre o compasso da pesquisa. A aproximação tornava a estranheza cada vez mais distante e me dava sinais de que eu por um momento fazia parte do cenário daqueles sujeitos.

Os poucos recursos financeiros eram uma das grandes dificuldades dos jovens, pois haviam perdido a última competição “por falta de estrutura”. Esse fato era lembrado e relembado com tristeza em suas falas; por isso neste ano esta era a grande pauta de suas conversas e reuniões: a montagem do espetáculo. Disponibilizei-me a ajudá-los a escrever sobre a Cia, já que para concorrer a editais era necessário escrever sobre a proposta, bem como sobre as características do grupo. Pedi ao coreógrafo que reunisse todas as informações sobre o grupo e recebi esta mensagem pelo WhatsApp:

A Companhia Marshall, criada em 2015 no dia 27 de março, é um grupo de street dance, hip hop e branke dance, que dança músicas pops da atualidade. Criada apenas por adolescentes da comunidade o grupo começou com cinco dançarinos e hoje tem 09, jovens de 12 a 21 anos. O grupo ensaia na estação da juventude do novo recanto um local aberto para atrações culturais. O objetivo do grupo apesar de não existirem profissionais da dança coordenando o grupo, é reunir jovens através da dança pop. Além disso mostrar o talento dos dançarinos da Companhia Marshall para fora é dos ícones importantes para a comunidade, pois há uma certa discriminação em relação ao bairro. Portanto a companhia Marshall, é considerada um ótimo grupo pop, que ensaia duas vezes na semana e apresenta em vários eventos. (Coreógrafo do grupo).

Os jovens re-significam territórios antes anônimos e constroem pontes que servem como inscrição, elo, ligação a uma determinada identidade. Essas marcas, como Carrano (2008) afirma, podem estar relacionadas ao corpo, que representam traços de uma identidade que se quer comunicar, e estão sujeitas a julgamentos de terceiros, por não compreender os “signos que representam a extensão da própria subjetividade dos jovens” (CARRANO, 2008, p. 65).

Segundo Pais (2011), os “estilos juvenis” poderiam ser compreendidos como uma resposta dos jovens em situação de “marginalidade” ou “subalternidade” em que estão inseridos, as contradições, por exemplo, ligadas às classes sociais seriam representadas através de “estilos” e simbolicamente resolvidas no “nível das aparências”. (p. 278).

O texto breve que me foi passado pelos responsáveis pelo grupo é cercado por esses simbolismos de resistência. A arte é esse elo que representa uma identidade que precisa se reafirmar diante da exclusão sofrida em relação aos processos de desfiliação social relacionados à classe social, ao espaço territorial e à orientação sexual. O grupo se reafirma na exclusividade das coreografias, na produção do figurino, nas tatuagens, nos cabelos pintados, nas maquiagens escuras, e torna pública uma identidade apresentada nas páginas das redes sociais.

Pesquisar a Cia Marshall estava ligado ao desvendamento de suas “sensibilidades performativas”, do seu acontecer cotidiano, aliado ao desapego dos “modelos prescritivos”, idealizados em projetos institucionais, nos quais os jovens não se reconhecem mais. É nessa perspectiva: de compreender como se dá o “espaço liso” em que os jovens tecem as interações do “eu” com o “nós” e constroem identidades de grupo. Compreender e possibilitar diálogos, pontes, que favoreçam o reconhecimento de sua cultura e os significados da saúde neste cotidiano, se constituiu o principal desafio dessa aproximação, exigindo o cruzamento das estratégias etnográficas às metodologias mais formais, para dar materialidade aos objetivos propostos.

### **3.4 As técnicas e os instrumentos de coleta como possibilidades de criação em campo: observação, diários, entrevistas e grupos focais com a “Cia Marshall”**

Quando descobri que a Cia Marshall era o grupo no qual a pesquisa se desenvolveria, comecei a observá-los de perto e focando em suas atividades. Nessa 1ª fase dei prioridade a uma observação mais etnográfica, através da descrição densa desse cotidiano nos diários de campo. Passei a ir à Estação, lugar onde os encontrava para ensaiar, durante a semana e nos fins de

semana. Acompanhei também as apresentações desenvolvidas ao longo dos meses em que se deu a pesquisa. Como estratégia de aproximação me inseri no grupo do *WhatsApp* e ficava informada de todas as apresentações, via as conversas acerca do espetáculo produzido, bem como acompanhava as conversas sobre namoros e novas descobertas que permeavam seu cotidiano.

O diário de campo representa bem o “estado de aprendiz” desta pesquisadora, numa postura de estranhamento, desconhecimento e “nesse processo em tudo anotar sem deixar passar nada” (MAGNANI, 1997, p. 3). O diário fez parte de todo o processo da pesquisa, devido à necessidade de compreender através da interpretação do comum, do ordinário, o cotidiano desse grupo.

As estratégias de aproximação já citadas anteriormente tinham como objetivo me tornar acessível aos jovens, tarefa difícil nessa 1ª fase, pois as resistências estavam nos olhares de desconfiança quanto à minha presença. Apesar de deixar claros os objetivos da pesquisa e o porquê de estar ali, me sentia uma estranha que incomodava. Evitava levar o caderno de anotações e a tarefa de escrever se dava apenas quando chegava em casa, pois eles me observavam e anotar poderia causar ainda mais distanciamento.

Nesse período o que foi determinante para a aproximação foi minha disponibilidade em ajudá-los em suas necessidades de transporte. Numa tarde de trabalho, em minhas atividades como docente, recebi uma mensagem do coreógrafo do grupo pedindo auxílio e eu prontamente me disponibilizei.

Eu era a única “estranha” que os acompanhava nos ensaios e nas apresentações meu olhar estava lá. Esse olhar foi questionado no início por uma das integrantes do grupo que me perguntou: “*Como você veio parar aqui?*” Durante as conversas, quando respondia aos questionamentos sobre a pesquisa, eles não conseguiam compreender os objetivos com clareza, então comecei a dizer que falaria sobre a Cia Marshall. Essa foi uma das estratégias que causava empolgação nos jovens. Eles ficavam eufóricos quando me interessava pelas suas histórias e notava que eles se interessavam por se mostrarem. O fato de ter alguém que imprimiria no papel a história do grupo revelava uma afirmação de algo que compartilhavam: um sentimento de pertença, que eles desejavam tornar público.

Minhas estratégias para me tornar acessível e familiar àquele cenário foram repensadas várias vezes no curso da pesquisa. Houve momentos em que pensei em mudar de metodologia, pois eles pareciam resistir sutilmente à minha presença. No começo minha permanência nos

ensaios causava certo incômodo e só quem me recepcionava com um sorriso era o coreógrafo do grupo. Os outros pareciam me ignorar. Sentar no chão na hora dos ensaios e me disponibilizar a filmar os passos para que eles percebessem os erros da coreografia foi uma das formas encontradas para não ficar tão apática naquele cenário e participar da cena. Os dados qualitativos da pesquisa originaram-se, primeiramente, da observação e dos diários de campo oriundos do cotidiano do grupo. Estar lá me remetia a uma observação ativa como parte da cena e do cenário e neste movimento estabelecia relações, observava informantes, transcrevia falas, através de um esforço intelectual e vivências cotidianas que me transportaram a uma imaginação sociológica<sup>36</sup> (GEERTZ, 1989; MILLS, 1981).

Fui tecendo processualmente laços de aproximação e afeto, ao passo que o campo se tornava um prazer, um lugar que me permitia demorar, lugar em que levei a minha filha para brincar com as crianças na praça, em que vivi dias de feriado, como, por exemplo, o carnaval no “mela mela<sup>37</sup>” do Recanto. Pedi água na vizinhança quando estava com sede, sentei com as pessoas que faziam parte do AA (Alcoólicos Anônimos) para saber de suas histórias, tomei café e água em copo compartilhado por mais de 10 jovens. Ao final, quando minha presença já não era tão constante, fui recebida com abraços de saudades e senti que o acolhimento e a aproximação não são diferentes na pesquisa, exige de nós pesquisadores sensibilidade e desprendimento, para não ficarmos presos às técnicas e metodologias científicas, que fragmentam e exteriorizam as relações com aqueles que são o oxigênio propulsor de nossas reflexões e interpretações. Concordo com Pais quando afirma: “o campo era uma espécie de porto que me abrigava das tormentas”. (PAIS, 2003, p. 93)

Participar do cotidiano do grupo nos ensaios e nas apresentações foi alargador na compreensão da identidade assumida, símbolos e códigos de pertencimento, mas algumas questões exigiam direcionamento e uma abordagem mais direta e formal. E como o tempo era um fator limitador da pesquisa tive que traçar, na segunda fase, técnicas mais formais para abordar algumas questões que ainda não eram tão claras. Na segunda fase, após ter-me aproximado do

---

<sup>36</sup> Mills (1981) diz que a imaginação sociológica consiste na capacidade de transpor uma perspectiva, assumindo uma outra, e, durante o processo, estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total de seus componentes.

<sup>37</sup> “Mela Mela” é uma expressão muito utilizada no carnaval para falar das brincadeiras com a utilização de maizena lançadas pelas pessoas umas nas outras.

cotidiano da Cia Marshall e me sentir mais à vontade para abordar algumas questões, optei pelas entrevistas individuais associadas a conversas informais durante o cotidiano dos jovens. As entrevistas do tipo parcialmente estruturadas foram guiadas a partir de pontos que contemplavam os objetivos pretendidos no trabalho, explorados ao longo do curso da pesquisa (GIL, 2002).

As entrevistas aconteceram nos ensaios, após a assinatura do Termo Livre Esclarecido (Apêndice A) pelos jovens maiores de 18 anos e dos outros jovens e seus responsáveis assinarem o termo de assentimento em anexo (Apêndice B). As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos jovens. Dei a eles a alternativa de não participarem caso não se sentissem à vontade, mas todos prontamente se disponibilizaram. E, quando demorei a fazer as últimas entrevistas, os jovens que faltavam me cobravam dizendo que ainda não tinham sido entrevistados.

Durante as entrevistas, tive a sensação de tecer fios artesanais na composição de uma melódica história, que parecia combinar e repetir frases que, apesar da singularidade do vivido, compartilhavam da mutualidade de sentimentos expressos em vias de pertencimento a este todo que comunicava uma identidade grupal.

As pautas (Apêndice C) partiam primeiro das informações relacionadas ao grupo e se detinham a perceber como foi a entrada na Cia Marshall e como é fazer parte do grupo, concordando com Becker (2007), que afirma que devemos partir do uso do *como* em vez do *por que*, da liberdade do convite, que permite às pessoas responder da forma como desejarem, incluindo aquilo que lhes dá sentido, sem que isso estivesse atrelado a algum tipo de resposta esperada.

As pautas seguintes se detiveram a compreender os modos de vida dos jovens expressos nas relações com a família, estudos, trabalho, território, na acessibilidade aos equipamentos públicos e na compreensão acerca da saúde, bem como sobre as ações desse setor que lhes são direcionadas.

As entrevistas aconteceram em março deste ano (2017) e totalizaram 09 entrevistas. Foram gravadas pelo celular com a presença do entrevistador e entrevistado. Durante as entrevistas foi perguntado aos jovens como queriam ser identificados, para resguardar seus nomes originais, ficando identificados dessa forma: Ali Dilaurentis, Hannah Marin, Spencer Hastings, Pablló Vittar, Aria Montgomery, Tony, Mar, Chell e Vitória.

Quando questionei sobre a criatividade dos nomes eles explicaram que era uma alusão aos atores da série americana do Netflix: *Pretty Little Liars*<sup>38</sup>. “É uma série que a gente vive”, se referindo às imaginativas experiências dos jovens atreladas à série, e cada um relatou porque escolhia esse ou aquele personagem, revivendo fatos que aconteceram na série e em que eles se espelhavam. As meninas do grupo não se identificaram com personagens da série, dando outros nomes. A ficção ficou restrita aos jovens homossexuais do grupo, com exceção de Pablo Vittar, que é recém-chegado ao grupo, escolhendo este nome, que é de um cantor, compositor, performer e *drag queen* brasileiro. Dar aos jovens a oportunidade de escolherem o nome que queriam receber na pesquisa era uma questão de ser justa com suas histórias e possibilitá-los a chance de participar ativamente deste estudo, não sendo apenas meros informantes.

As entrevistas aconteceram de forma individual e começavam com questões mais objetivas, que permitiram traçar o perfil do grupo, representado no quadro a seguir:

Quadro 1: Perfil dos jovens entrevistados da Cia Marshall

Nome	Idade	Bairro	Composição Familiar	Nível de Escolaridade	Renda Familiar	Orientação Sexual	Cor/Raça
<b>Ali Dilaurentis</b>	17 anos	Novo Recanto	Mãe e o irmão	3º ano do ensino médio	01 salário mínimo	Homossexual	Negro
<b>Hannah Marin</b>	15 anos	Novo Recanto	Avós	1º ano do ensino médio	02 salários mínimos	Homossexual	Pardo
<b>Spencer Hastings</b>	18 anos	Novo Recanto	Mãe, pai e irmãos	Ensino médio completo	02 salários mínimos	Homossexual	Negro
<b>Pablo Vittar</b>	16 anos	Novo Recanto	Mãe e o tio	2º ano do ensino médio	02 salários mínimos	Bissexual	Pardo

<sup>38</sup> *Pretty Little Liars* é uma série de televisão norte-americana baseada na popular série literária de mesmo nome escrita por Sara Shepard. Rosewood é uma pequena, tranquila e bela cidade na Pensilvânia. De tão tranquila e intocada, nunca se adivinharia que detém tantos segredos. Há um ano, a popular Alison DiLaurentis desapareceu, deixando todos acreditarem que fora vítima de um assassinato. Depois desse grande fato na cidade, a amizade entre suas quatro inseparáveis amigas nunca mais foi a mesma. De forma trágica, o destino une Spencer, Hanna, Aria e Emily novamente. Mas o caos se instala na vida das quatro garotas quando elas começam a receber mensagens de texto de alguém que se auto intitula "A" ameaçando-as a contar todos os seus segredos. Essas garotas farão de tudo para descobrir quem é A. (Retirado: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pretty\\_Little\\_Liars\\_](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pretty_Little_Liars_))

<b>Aria Montgomery</b>	14 anos	Alto da Brasília	Mãe e três irmãs	1° ano do ensino médio	03 salários fixos	Homossexual	Pardo
<b>Tony</b>	16 Anos	Novo Recanto	Mãe, pai e irmãos	2° ano do ensino médio	01 salário mínimo	Homossexual	Negro
<b>Vitória</b>	16 Anos	Recanto	Mãe, pai e irmãos	2° ano do ensino médio	02 salários mínimos	Heterossexual	Negra
<b>Chell</b>	20 anos	Vila União	Mãe, pai e irmã	Superior incompleto	03 salários mínimos	Lésbica	Negra
<b>Mar</b>	19 anos	Vila União	Pai e mãe	Ensino médio completo	01 salário mínimo	Lésbica	Parda

Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes possuem entre 14 e 20 anos, estão concluindo o ensino médio ou já concluíram; as famílias são bem heterogêneas e a ausência da figura paterna é uma constante em suas vidas, ficando a mãe em sua grande maioria como a principal responsável. Os baixos salários são característicos dessa classe social que tem apenas a força de trabalho para garantir sua subsistência e moram em bairros tidos como “periféricos”. Mais da metade se reconhecem como negros e quase 90% dos jovens foram acompanhados em algum momento por projetos ou programas sociais. Dos 09 entrevistados: 07 se reconhecem como homossexuais, 01 heterossexual e 01 bissexual. A orientação sexual dos jovens demarca a identidade do grupo e é fator de reconhecimento público e de pertencimento pelos próprios jovens.

Em todas as entrevistas a orientação sexual era um assunto que sempre vinha em questão, era algo sufocante e, por vezes, acompanhado de lágrimas que imergiam da necessidade de falar. As entrevistas foram momentos de aprendizagem mútua: silenciar e ouvi-los era importante para eles, que pareciam querer muito comunicar-se. E essa comunicação era resistência a toda forma de opressão sofrida. Após o grupo focal, ao compartilhar uma foto daquele momento no grupo do *WhatsApp*, eles falaram da leveza que sentiram. Que as falas dos jovens neste estudo sejam as vozes de muitos que como eles necessitam ser ouvidos, precisam ser olhados, precisam de reconhecimento alheio.

As respostas foram acompanhadas de lágrimas e algumas afirmações como: “*nunca disse isso a ninguém, você é a primeira pessoa que confesso isso...*”. Essas afirmações me revelavam

que aquele era o momento certo das entrevistas, pois era acompanhado de respostas advindas de um processo de aproximação que tinha estabelecido com os jovens até ali. Durante as entrevistas senti a necessidade de saber como, em grupo, esse discurso era produzido. Como a pesquisa buscava compreender os jovens e suas identidades de grupo e como significavam a saúde, nesse espaço era mais do que necessário compreender como essas questões eram respondidas no grupo.

Com esse pressuposto, fizemos uma triangulação dos dados gerados pela “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” (MINAYO, 2010 p. 29), a partir dos diários de campo, das entrevistas individuais, do grupo focal e do grupo do *WhatsApp*. O grupo focal aconteceu dia 18 de março, um sábado à tarde, e teve duração de 01 hora e 15 minutos. Para Flick (2009) a principal característica que define o uso de grupos focais na pesquisa qualitativa é a interação: a materialidade de dados e *insights* seriam menos observáveis sem a possibilidade da interação com o grupo. Para Gaskell (2002, p. 75), “a emergência do grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade, que está ligada a um sentido compartilhado, presente quando dizemos ‘nós’”. Em referência ao conceito de esfera pública de Jurgen Habermas, Gaskell (2002) concorda que o grupo focal pode ser definido como uma esfera pública ideal, pois dá oportunidade de uma participação equitativa e aberta a todos.

Para Neto, Moreira e Sucena (2002), a fala nos grupos focais não é simplesmente “descritiva”. Ela é uma “fala em debate”, pois todas as pautas são discutidas pelos participantes. Por esse motivo devem ser capazes de instigar a participação e a interação. Nas pesquisas qualitativas o uso dessa técnica pode ser associado às entrevistas e à observação, como é o caso deste estudo.

Com dia e horário marcados, de acordo com a disponibilidade dos jovens, o grupo focal aconteceu na Estação da Juventude, após o ensaio, para não atrapalhar a programação da Cia Marshall. Combinei tudo e pelo grupo do *WhatsApp* acertamos os detalhes. O grupo foi remarcado por duas vezes por causa das chuvas, que acabavam por impedir a realização do encontro. O grupo focal aconteceu às 16 horas, após o ensaio do grupo. Foi servido um lanche antes, para que os jovens se energizassem um pouco, já que estavam cansados por conta das atividades desde o início da tarde.

Para Neto, Moreira e Sucena (2002), o local onde devem acontecer os grupos focais é de extrema importância para que os participantes se sintam em plena condição de participar sem interferências, proporcionando um ambiente agradável para o desenvolvimento efetivo do debate. Flick (2009) afirma que os moderadores precisam proporcionar um clima de informalidade para que os participantes expressem suas opiniões e experiências com espontaneidade.

Preparei a maior sala da Estação e com mais entrada de ar, tendo em vista as precárias condições do prédio e nenhum ventilador funcionando. Um pano colorido serviu como tapete para que todos pudessem sentar no chão, a fim de favorecer um ambiente agradável e que proporcionasse o pleno desenvolvimento do grupo.

A realização do grupo focal contou com um planejamento prévio, que se deu primeiramente na elaboração de um Roteiro de Debate (Apêndice D), com pautas que se aproximavam muito daquelas abordadas na entrevista, para atender aos objetivos deste estudo. As primeiras pautas partiram de questões mais simples, que se reportavam ao universo dos jovens, favorecendo assim a participação imediata de todos, e gradativamente avançou para questões mais complexas (BOMFIM, 2009).

O Roteiro de Debate estabeleceu um tempo para cada questão, totalizando a duração de 01 hora e 15 minutos, seguido rigorosamente. As quatro (04) questões-chave destacadas em negrito estão acompanhadas de subitens que direcionaram o debate. As questões foram: como foi o início da Cia Marshall? (15 min); Como é fazer parte do grupo? (20 min); Como vivenciam a juventude? (20min); O que é ter saúde? (20 min).

Bomfim, (2009) Neto, Moreira e Sucena (2002) concordam sobre as funções desempenhadas no grupo focal, colocando o moderador no ponto central dos papéis, exigindo que este tenha domínio das questões que serão abordadas, sendo responsável pela motivação, desenvolvimento e conclusão do debate. “A qualidade dos dados e das informações levantados no GF está intimamente vinculada ao seu desempenho, que se traduz no favorecimento da integração dos participantes” (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 7).

O grupo focal contou com uma equipe mínima para a sua realização, pois houve a preocupação em não se colocar pessoas que não faziam parte do universo dos pesquisados, para que não se alterasse a participação dos jovens no grupo. A coordenadora da Estação me ajudou

com o preparo do lanche e cedeu o espaço para a realização do momento. Uma orientanda da Residência Multiprofissional da Escola Saúde da Família lotada nesse território me ajudou como observadora/relatora e operadora de gravação: seu papel foi essencial no desenvolvimento do grupo. Esteve atenta em anotar as falas, nominando-as e relacionando-as à linguagem não verbal dos participantes, ficando responsável por gravar as falas dos jovens no gravador de voz de dois celulares, que estavam em pontos fixos diferentes, para captarem as falas com qualidade. Alunos integrantes do grupo de estudo sobre juventude e saúde do Curso de Serviço Social das Faculdades Inta transcreveram o grupo focal e eu desempenhei o papel de mediadora.

Participaram do momento os 09 jovens da Cia Marshall e não houve nenhum participante que não quisesse se expressar, todos contribuíram, cada um com sua singularidade e lugar no grupo, uns mais participativos do que os outros.

### **3.5 “Entrevendo” na análise dos dados**

De acordo com Pais (2003) “a observação sociológica é mais que uma técnica ou um método de recolha e acumulação de dados”. Era preciso reconstruir o objeto dentro de uma complexidade de fragmentos que pareciam formar um caleidoscópio que precisava ser interpretado.

O primeiro momento da pesquisa em que se deram as observações e a transcrição dos diários de campo do cotidiano dos ensaios e apresentações dos jovens, possibilitou o direcionamento e a apreensão de categorias que foram traçadas a partir dessa realidade. A aproximação destes contribuiu para perceber os caminhos através dos quais os jovens internalizam, recusam, resistem ou criam as estratégias que conduzem a sua vida cotidiana.

A entrada no campo foi determinante, pois compreendi através da observação e da transcrição dos diários os significados que dão sentido aos processos de socialização e a própria constituição dos modos de vida dos jovens. Foi através da apreensão desses significados que conheci a Cia Marshall e os símbolos compartilhados pelos seus membros, que os diferenciavam de outros grupos, a partir de uma perspectiva *interpretativista* (PAIS, 2003), reconstruindo o real através da atenção dada aos pontos de vista manifestados pelos jovens. “Esta busca de sentido das

falas cotidianas é, pois, uma busca dos seus significados mais profundos, feita através da transfiguração das palavras, fazendo nelas parecer o seu sentido profundo” (PAIS, 2003, p. 101).

Essa fase orientou as dimensões estruturantes das entrevistas e do que deveria ser abordado no grupo focal, para apreender os resultados almejados nos objetivos deste estudo. A família, os estudos e o trabalho eram pautas sempre mencionadas no cotidiano dos jovens, por isso a necessidade de abordá-las na segunda fase. As entrevistas individuais e o grupo focal foram realizados a partir das necessidades advindas do campo.

Para Pais (2003) as entrevistas têm como função chegar ao encoberto, desconhecido, ao “não visto”. “O entrevistado é justamente o visto imperfeitamente, o mal avisado, o apenas previsto ou pressentido” (p.101). As entrevistas também revelaram através desse processo o que Pais chama de *entrever* a internalização das representações sociais provenientes da influência de fatores sociais, emocionais e projeções, que vão repercutir diretamente nas falas. Nessa perspectiva a análise do conteúdo deve ser encarada como uma *técnica de ruptura*, pois muitas dessas respostas nem sequer atingem a projeção da subjetividade de quem as produz (PAIS, 2003, p.102).

O processo de análise de conteúdo para Pais (2003, p.102) tem como “objetivo des-cobrir, des-ocultar, a realidade através de processos de reconstrução a partir da matéria prima informativa”. A imersão no cotidiano dos jovens possibilitou uma abertura às suas realidades, permitindo certa intimidade que favoreceu a condução das entrevistas e do grupo focal.

Os dados dessa fase mais formal tiveram um caráter de complementaridade, pois as entrevistas e o grupo focal partiram de questões semelhantes, devido à necessidade de compreender os discursos produzidos individualmente e em grupo.

O material produzido foi transcrito individualmente, no caso das entrevistas, depois das narrativas do grupo focal, e reunido dentro de um mesmo arquivo, gerando as categorias a partir das falas dos jovens. O cruzamento dessas diferentes técnicas possibilitou uma melhor análise dos dados.

### 3.6 Aspectos Éticos

De acordo com a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, todas as pesquisas envolvendo seres humanos deverão atender aos seus fundamentos éticos e científicos. A presente Resolução incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Para atender a esses pressupostos este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa.

A Resolução esclarece também que a pesquisa em qualquer área do conhecimento, envolvendo seres humanos, deverá observar as seguintes exigências: a) contar com o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal; b) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro.

O termo de consentimento livre e esclarecido obedeceu aos seguintes requisitos: a) ser elaborado pelo pesquisador responsável, expressando o cumprimento de cada uma das exigências acima; b) ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa que referenda a investigação; c) ser assinado por todos e cada um dos sujeitos da pesquisa; d) ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa e uma arquivada pelo pesquisador (BRASIL, 2012).

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos esta foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sendo aprovada (nº CAAE 61360616.0.0000.5053). Aos adultos que participaram solicitamos a leitura e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aos adolescentes disponibilizamos o Termo de Assentimento e o TCLE aos pais.

#### 4 OS JOVENS E OS MODELOS PRESCRITIVOS DOS “ESPAÇOS ESTRIADOS”: FAMÍLIA, ESTUDOS E TRABALHO

No cotidiano das observações da Cia Marshall tive oportunidade de conhecê-los de perto e nessa aproximação foram muitos os momentos em que ouvi atentamente suas histórias de vida, que demarcavam a construção de suas identidades. Delimitar e analisar os resultados, diante do universo de dados que se gerou no ponto central deste estudo, não foi uma tarefa simplória.

Pais (2006, p.7) em seu texto “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis” menciona que há duas maneiras de percebermos as culturas juvenis: “através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas”. Cita Deleuze para explicar o conceito de “espaço estriado” e “espaço liso”: o primeiro é identificador daquilo que representa as normas sociais, de controle, ordem, em que as trajetórias são alinhadas às peculiaridades do espaço que os circundam; em contraposição o “espaço liso” é justamente aquilo que foge à ordem e se abre ao “caos”, ao “nomadismo”, ao vir a ser, ao “performativo”, espaço de reelaboração de novas realidades.

Nos tradicionais estatutos de passagem da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se a formas prescritivas que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida. Diríamos, então, que essas transições ocorriam predominantemente em espaços *estriados*. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativas que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. Ou seja, as culturas juvenis são vincadamente *performativas* porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas que a sociedade lhes impõe (PAIS, 2006, p.7).

O autor traz uma reflexão macro-societária relacionando as culturas juvenis às estruturas sociais em que estas estão inscritas, com características cada vez mais “fluidas”, marcando a vida desses sujeitos por “inconstâncias”, “flutuações”, “descontinuidades”, “reversibilidades”, movimentos verdadeiros e transitórios que não acompanham uma certa linearidade de experiências. “Temporalidades ziguezagueantes e velozes, próprias de uma sociedade”, são muitos desses “contratempos” que identificam a condição das juventudes na contemporaneidade (PAIS, 2006, p.9).

As falas dos jovens demonstram essa transitoriedade que não acompanha as projeções das instituições a que estão vinculados. Compreender a saúde estava ligado ao conhecimento de seus

contextos de vida. Privilegiei assim abordar aquilo que mais foi recorrente em suas falas: a família, a escola e o trabalho foram as instâncias mais abordadas na triangulação dos dados, produto dos diários de campo, das entrevistas e do grupo focal.

A família como berço de idealização futurística é mencionada pelos jovens da Cia Marshall nos discursos que demarcam as descontinuidades intergeracionais e o distanciamento que decorre dessa incompreensão que traz para a pauta das discussões a família. Não falar sobre suas famílias significa não considerar suas histórias e os espaços estriados e prescritivos por elas determinados. De acordo com Sarti (2004) falar de família é se reportar a um “fenômeno universal” abordado geralmente de maneira naturalizante, em que as relações familiares estão relacionadas a uma perspectiva hegemônica, vista sob a ótica biológica de reprodução (pai, mãe e filhos).

A análise das falas dos jovens sobre a família não se baseará num discurso normativo, ou em modelos, neste “dever ser” por vezes reproduzido pelos mecanismos disciplinares (SARTI 2004, p.116). Não buscarei definir família, mas considerarei o que os jovens falam da própria família e suas interrelações, como veem seus conflitos e como re-significam essas relações a partir das experiências vividas dentro dela.

É bem complicado, mas eu amo minha família, acho que a família é a base e o alicerce de tudo, porque sem apoio da família a gente não é nada. (Ali)

Minha família, eu tenho um pai e uma mãe bem ausente. Minha mãe nunca foi presente nem meu pai. Moro com os avós desde pequeno. Mas é bom, apesar de ter a ausência, porque tipo assim: ela só aparece de vez enquanto, mas querendo ou não ela é ausente. Mas é bom! Acho que minha vó, meu vô, minha tia preenche muito essa ausência, entende? (Hannah)

Minha família, problemas em casa, porque eu sempre tive... A minha família ela... representa tudo né, querendo ou não, com as brigas e tal... ela foi inspiração, ela ainda é uma inspiração pra mim. (Spencer)

Eu me assumi quando tinha 15 anos e foi muito cedo pra ela, porque ela...a filha mais nova, aí ela achou ruim, brigou comigo e tudo, mais depois me aceita de boa, minha mãe ela conversa comigo, claro que toda mãe tem aquelas briga, aquelas coisas, mais a minha mãe é... tudo pra mim. Meu irmão é como se fosse meu pai, meu irmão tudo que eu preciso, ele tá comigo. (Mar)

Acho que minha mãe meu pai em tudo né? Meu pai eu não sou muito chegada ao meu pai tanto não. O meu irmão ele é tipo como fosse meu pai, meu irmão. Ele, pra mim minha referência de pai é meu irmão. (Vitória)

Maravilhosa, me apoiam em tudo. Quando eu preciso de ajuda elas estão lá me apoiando. (Aria)

A minha família é assim, como eu falei eles são muito religiosos, eles não são evangélicos, nem nada, nem são católicos, minha mãe principalmente, eles me apoiam em tudo, o que eu sinto é que eles não vão apoiar essa parte, que eu acho que eles não vão apoiar nunca e nem aceitar, e por isso eu tenho medo, mas eles são tudo pra mim. (Chell)

Em todas as falas é perceptível que há “modelos” de família colocados em questão e que um universo de relações é representado pelas realidades vivenciadas pelos jovens dentro da família ou pela ausência daquilo que se espera dela. As falas estão centradas na idealização do que se espera da família, como apoio, presença, inspiração, aceitação e referência. Na maioria das falas as referências são influenciadas pelo modelo biológico e “natural” de família, que é desconstruído na vida real.

Sarti (2004) considera a família como um mundo de relações, que se constitui pela história que é absorvida pelos sujeitos desde que nascem, que ao passar do tempo serão re-significados à sua maneira, em virtude das experiências vividas e dos lugares ocupados dentro da família. A figura paterna pode ser referenciada ao “irmão”; a ausência dos pais pode ser vivida com os avós e tios; há que se considerar um espaço entre o que se idealiza e o que se prescreve, as representações do ser família e o que de fato se vivencia.

Para Sarti (2004) a família não é representada pelos sujeitos unidos por laços biológicos, mas pelos “elos de sentidos nas relações”. Sem esse sentido as relações caem na ausência, na perda, no esquecimento e no vazio. Hannah, ao falar sobre sua família, logo se reportou à ausência dos pais, aquilo que falta, aquilo que abortou diante do esperado. Mas a experiência a levou à compreensão de que as referências podem ser exercidas por outros sujeitos, que apesar de ocuparem outros “lugares” contêm sentido, pois se constituem como referência e afeto a partir do cuidado e da orientação a ela dirigida. “Crescer significa precisamente poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite, no mundo moderno, o processo de singularização do indivíduo (SARTI, 2004, p.120).

Os limites do mundo familiar são retratados nas falas principalmente quando isto se dirige às escolhas dos jovens, ao processo de construção da identidade, que contradiz aquilo que lhes era prescrito, como no caso de Mar, que menciona ter-se assumido como lésbica aos 15 anos. Na ocasião sua mãe se indignou pela idade precoce. Chell, que não chegou a falar em casa sobre sua orientação sexual, afirma ter consciência de que a família não irá apoiá-la “nessa parte”.

As falas transitam entre a expectativa do que se espera de uma família e daquilo que ela representa na realidade. Os laços se fragilizam e são estremecidos pela ação individualizadora dos sujeitos que compõem essa aparente unidade familiar, quando respondem com peculiaridade às relações internas e como materializam através da autonomia a experiência única e intransferível com o mundo exterior (SARTI, 2004).

Spencer é homossexual. Chell e Mar formam um casal de lésbicas. Ao se referirem à família trazem no discurso a luta simbólica travada acerca da orientação sexual assumida, que trata da existência desse “outro”, que, de acordo com Sarti (2004), é condição de possibilidade da existência do “nós” na família. “Sem deixar entrar no mundo externo, sem espaço para a alteridade, a família confina-se em si mesma e se condena à negação do que a constitui, a troca entre diferentes” (SARTI, 2004, p. 120).

Nas conversas e nos ensaios, os jovens sempre faziam menção às relações estabelecidas nas redes sociais e relatavam situações de marcações de fotos no facebook de “crush”<sup>39</sup> em que os pais os viram, ocasionando grandes brigas e sermões, motivo pelo qual a grande maioria bloqueia e diz aos pais que não está mais nas redes sociais. Alguns dos jovens bloqueiam a família inteira (pais, irmãos, tios, primos) e permitem acesso apenas àqueles com quem têm uma relação de amizade e com quem possam falar abertamente da sua orientação sexual.

Os jovens da Cia Marshall expressam o compartilhamento de símbolos que são vivenciados. Essa experiência é estranhada pelos membros da família, pois este “outro”, que é externo, que vem de fora, fragiliza o “discurso oficial”. Apesar das reações diversas que vão ser experienciadas de maneira singular por cada um, seja através do diálogo, seja através do silêncio, seja assumindo uma outra identidade em casa, isso caracteriza a busca por outros referenciais que compõem o processo de individuação.

Por que sei lá, minha família é... não é que eu possa dizer que é preconceituosa, mas eles são... sei lá, são uma família tradicional, e eu sei que se eu falar o que eu sou eles não vão me aceitar. Meu maior sonho é uma coisa mais particular, porque eu acho que eu

---

<sup>39</sup> Esse nome é dado àqueles com quem os jovens têm relacionamentos amorosos rápidos, ou paqueras. A palavra em inglês significa: paixão súbita.

vivo pela metade e eu quero viver por inteiro, pra mim é mais em questão da minha família do que profissional, pra minha família eu vivo pela metade. (Chell)

Meu pai tem a cabeça meio dividida porque ele não... assim... ele não aceita, né... Até porque ele não sabe, eu nunca falei pra ele... Nunca falei pra ele, mas ele... tipo, pra mim ele sabe e não aceita, eu acho que ele espera que eu fale pra ele, só que... às vezes ele tem uma atitude tal assim...homofóbica. (Spencer)

Hoje, hoje eu me sinto muito bem. Eu falei sobre a minha opção sexual pra minha mãe, foi muito difícil no começo, claro né, nenhuma mãe aceita de primeira, acha ruim, briga. (Mar)

Apesar de alguns probleminhas, porque sempre tem, ainda mais quando você é adolescente, querendo ser libertado, talvez sua família não queira isso, ainda mais pela minha orientação sexual. (Ali)

Bom, mudei tudo, porque antes os meus atos eram muito exagerados, aí eu me quietei, minha mãe também não gostava muito desse negócio de viado escandaloso. (Aria)

Sarti (2004) caracteriza a construção da identidade dos jovens nos processos de individuação com a busca de outros referenciais fora da família. A questão que se coloca é como a família lida com este que lhe é estranho. E aqui o estranho não precisa ser “alguém”, mas pode ser a frustração daquilo que foi projetado por uma construção antecipada, idealizada, de trajetória, que se alinha a uma projeção de valores, nisso incluindo a heteronormatividade. Os jovens rompem na busca de sentido nas transições da sua existência pessoal, apesar desse rompimento gerar sofrimento e uma lacuna, que impedem a plenitude de ser quem se é, como no caso de Chell, que se referiu à sua vida como vivida pela metade.

A negação, o não reconhecimento da família em aprender com o jovem, respeitando seus processos de individualização, suas escolhas, que agora fazem parte deste outro que não decide mais sobre si a partir do discurso oficial que lhe é dirigido desde a infância: tudo isso será determinante nas interrelações estabelecidas entre os jovens e suas famílias. É importante ressaltar que essa relação entre pais e filhos é composta dentro de um conflito ocasionado por discontinuidades intergeracionais. Pais (2012) considera que “as novas correntes socioculturais abalaram velhas hierarquias sociais, entre as quais a família, que inibiam a afirmação da individualidade” (p.30).

A importância fundamental da família para o jovem está precisamente nesta possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas que a família representa - como lugar de afetividade e, assim, palco de conflitos- e que neste momento, mais

radicalmente ainda do que os outros momentos do ciclo de vida familiar, precisa abrir espaço para o outro, justamente para continuar a ser ponto de referência (SARTI, 2004, p. 121).

Nas experiências em que os jovens relataram ter confessado à família sua orientação sexual, resultaram em sentimentos de aceitação e de satisfação, como se confirma no relato de Mar sobre se sentir bem ao falar para sua mãe sobre sua orientação sexual. O diálogo estabelecido entre os jovens e seus familiares dá sentido às relações de afeto que continuam a ser referência em suas decisões, quando se desenvolvem pela alteridade no “palco de afetividade e conflitos” que, apesar de dicotômico, é próprio das relações humanas e dão sentido aos jovens nos processos de construção identitária. O depoimento de Aria ao tratar sobre a “polda” da mãe, acerca do seu comportamento, revela que há diálogo e consenso sobre sua orientação sexual, necessários às relações, e nesse caso, a mãe continua ser referência para esse jovem, que considera ter mudado por causa da orientação dela.

As projeções do mundo adulto designam aos jovens um lugar determinado, referenciado por construções idealizadas pelos que detêm experiência e autoridade. Grande parte dos conflitos gerados no seio da família se dá pela incompatibilidade de lidar com as questões que são limitadoras para os adultos, pois são questões suas também, como, por exemplo, a sexualidade. Objetivada como “problemas de jovens”, próprio de uma fase da vida, que consiste na não inclusão do adulto nestas questões, negando assim a possibilidade do diálogo e mutualidade (SARTI, 2004).

Os discursos dos jovens acerca de suas famílias caracterizam-se por uma rigidez velada, pois não é acompanhada por correções físicas como “surras”, tão características de outras gerações, mas há algo velado, não expresso, representado simbolicamente pelo silêncio. Esse espaço de negação transparece no discurso religioso da família de Chell: em um dos ensaios ela me revelou que sua família sempre pergunta pelo seu namorado, apesar de sempre vê-la com “Mar”, sua namorada. Quando se fala em namoro negam a possibilidade dela ser lésbica. Outra demonstração disso é o silêncio do pai de Spencer, que sabe que ele é *gay* e prefere não tocar no assunto: espera que isso seja afirmado por ele verbalmente. Ignora que seu filho faça parte de um grupo de dança pop, impedindo-o de andar na Estação. Spencer frequenta os ensaios escondido do pai e o bloqueou no Facebook, para que ele não veja suas fotos nas apresentações.

Na minha casa sou assim... Não danço, porque meu pai não gosta de ver eu dançar, não gosta assim de ver eu... eu, me soltar muito... Fico normal do jeito que eu sou, eles nunca me viram dançando. Acho que por eu ser gay assim minha mãe não gosta, mas ela já tá se acostumando, graças a Deus (Spencer).

Minha mãe fala muito assim: que um dia eu vou me arrepender de ter dançado, acho que todo mundo, toda mãe (Tony).

Muito complicado, tudo ela coloca culpa na dança. Ela não quer que eu dance, a minha mãe faz de tudo pra mim desistir de dançar. Acho que no dia que minha mãe for ver eu dançando, eu não danço nada, vou ficar só olhando pra cara dela. Ai o meu pai nunca viu eu dançando não né, sei nem se ele vai ver um dia, porque ele não gosta não (Pablo).

Ai ela falou que eu tava dançando né no lugar de tá estudando, ai ela só reclama por causa disso mesmo (Aria).

A mãe sempre põe defeito quando vê a gente, pessoal vê que a gente dança bem, mas a mãe da gente não (Vitória).

Meu pai me mata se ele me ver dançando, ele odeia gay, ele (Ali).

De acordo com Pais (2012), a casa é um território de constantes negociações e conflitos emocionais entre os adultos e os jovens, a partir do momento em que o jovem decide tomar a pauta e fazer uso da palavra. Isso indica uma travessia à juventude, pois a criança, o tido “menor”, é aquele cuja palavra é negada, pela própria condição de imaturidade que lhe é inerente. Os jovens em suas redes de sociabilidades constroem pontes com o mundo lá fora, colocando em constante tensão a autoridade dos pais imposta por regras e a autonomia requerida nos “espaços lisos”.

A dança faz parte dos elos de sentido para os jovens que, apesar das resistências dos familiares e do tensionamento gerado, percorrem “rotas de ruptura” e desobedecem aqueles que são oriundos de uma geração orientada por caminhos e valores de “segurança e rotina” (PAIS 2012). A dança como expressão da arte é carregada por um significado que vai de encontro aos modelos prescritivos com os quais os jovens não se vêem: modelos idealizados nos estudos, em carreiras profissionais, tão almejados pelos adultos que o cercam. Estes, por sua vez, acabam negativando aquilo que lhes é estranho, aquilo que não compõem suas ilhas de identificação e sentido.

A dança traduz as “sensibilidades performativas” das culturas juvenis aqui representadas pelos jovens da Cia Marshall nos hits criativos da música pop, representados por artistas como Rihanna, Beyoncé e Lady Gaga. As performances corporais parecem denunciar a resistência da

família e da sociedade acerca da orientação sexual assumida, que contagia e se transforma em ecos de sons que formam uma coletividade, partilhando experiências que encontram na arte possibilidades de afirmação e invenção.

A dança aparece como “tentativa de fuga dos espaços cerrados”, como Spencer afirma. “Em casa não dança, fica normal”: esse jogo duplo representado através de “estratégias de ocultação” é causa de conflitos, tornando o espaço familiar expressão da negação da autonomia, a partir das tidas “culturas de margem” (PAIS, 2012). O que os jovens esperam daqueles que os cercam é reconhecimento e pertencimento. Pablllo diz que no dia em que sua mãe lhe ver dançando, vai ficar olhando “pra cara dela”.

O pop, de acordo com os jovens é “dança de gay”. A identificação com esse estilo musical afirma uma identidade sexual, que é assumida nos espaços fora do convívio familiar e que é velada no ambiente da casa, como expressa Ali ao afirmar que o pai pode “matá-lo” se chegar a vê-lo dançando. A menção à dança está relacionada à orientação sexual. Nesse sentido o pop cultiva uma autoafirmação negada nos espaços estriados e anuncia outros caminhos e possibilidades, rompendo com identidades baseadas no gênero e nas formas de ser homem e mulher.

Os cotidianos dos jovens são geridos sob a vigilância da família. O grupo acaba servindo de alvo diante das projeções de futuro tão almejada pelos pais. Aria relata as reclamações da mãe ao se referir à dança como fora das suas atividades tidas como necessárias, colocando o “estudo” como caminho reconhecidamente sobreposto. Pais (2012) afirma que as relações familiares se expressam em experiências e tensões, cuja estratégia de equilíbrio permeia o uso que os jovens fazem dos “tempos cotidianos” ligados à maneira como são geridos seus tempos de estudo e lazer (PAIS, 2012 p.104).

Mas eles acham que eu tenho que procurar um emprego, e para mim o meu planejamento, eu pretendo trabalhar, é muito bom ter seu dinheiro, mas eu não queria trabalhar agora. Eu queria ter o tempo para eu estudar, eu queria ter tempo para eu dançar enquanto eu sou jovem (Ali).

Porque tipo, tá todo mundo no ensino médio, aí vai chegando a hora que todo mundo vai ter que trabalhar (Pablllo).

Estudar, curso, prova. Aí tem a dança. É sempre assim, uma coisa bem complicada, eu fico com muito medo de chegar na prova e não fazer uma coisa boa. Eu já faço esse curso pra colocar no meu currículo, pra mim conseguir um emprego melhor e conseguir alguma coisa na minha faculdade também (Tony).

Já, eu quero arrumar um emprego. Poder me sustentar e também tem Marshall que eu quero... quero ajudar financeiramente (Spencer).

Eu já vou fazer 21 anos, tenho muita coisa pra fazer. Antes era só a Marshall pra mim, agora eu tenho que trabalhar, fazer curso, eu tenho que correr atrás das coisas que eu quero e o que eu posso fazer por eles eu faço. Infelizmente a vida cobra e aí a gente tem que... não que eu deixei de dançar, eu quero fazer de tudo (Chell).

Calvo (2011) afirma que outrora a juventude servia ao *ser* adulto, um vir a ser que era condição própria para adquirir tal direito. Mas vivemos num tempo em que a juventude nega a possibilidade de consegui-lo, optando por ser jovem o máximo de tempo possível. “Já não se preocupa a sair da juventude para alcançar a desejada maturidade adulta, mas apenas acomodar-se a ela para perpetuar-se indefinidamente na sua gratificante continuidade” (CALVO, 2011, p.48).

Ali retrata bem essa realidade, em que procurar um emprego, estudar, faz parte de expectativas projetadas pela família, mas que ele deseja adiar: “eu não queria trabalhar agora”. O jovem se vê dividido entre o trabalho, o estudo e a dança. O desejo de permanecer sendo jovem adia pelo menos neste tempo a realidade da vida de adulto, que parece se distanciar daquilo em que encontra prazer. Pablllo menciona as expectativas em relação ao futuro: as cobranças relacionadas ao trabalho, o distanciamento da dança, a preocupação com a renda, uma necessidade e não uma escolha. “*A vida vai cobrar mais de todo mundo e aí a Marshall não vai poder tá tão presente na vida de todo mundo*” (Pablllo).

Para Dayrell (2003) é através do *rap*, do *funk*, e, no caso desta pesquisa, do *pop*, que os jovens vivem a possibilidade de poder alargar o período da juventude ao máximo de tempo que puderem, numa “moratória”. As narrativas retratam bem esse dilema que está entre dançar e as “responsabilidades” prescritivas que indicam necessidades de sobrevivência. Assim, visualizar este futuro é também pensar que o grupo Cia Marshall e todo o sentido que representa para os jovens, seja através da dança ou da rede de sociabilidades, pode ser substituído.

O sentido dessa tentativa não é tanto de uma suspensão da vida social ou de irresponsabilidade, como geralmente é vista, mas de garantir espaços de fruição da vida, de não serem tão exigidos, de se permitirem uma relação mais frouxa com o trabalho e investir tempo na sociabilidade e nas trocas afetivas que esta possibilita (DAYRELL, 2003, p.51).

O desejo, que é expresso num espaço de criação e fruição proporcionado pela arte, é simbólico, pois representa espaço de pertencimento, afirmação de uma identidade, de reconhecimento, tensionado por questões de sobrevivência em contextos de pobreza e de poucas oportunidades: esses jovens se veem em intensa pressão. *“Porque eu fico na escola o dia todo né, aí... bicha é bem difícil. A minha alma tava descansando, só meu corpo tava presente”* (Hannah).

Segundo Dayrell (2003, p.51), no contexto de transformações socioculturais pelas quais vem passando o Brasil há um leque de novas possibilidades para os jovens, em que tempos, espaços e experiências são caminhos para afirmação de identidades, mas complementa que a “modernização cultural” não é acompanhada pela “modernização social”. A cultura é, portanto, um espaço liso, de fruição e afirmação, em paralelo aos demarcados espaços estriados que a vida social lhes apresenta, em que o trabalho, logo ao terminar o ensino médio, é uma necessidade. É a realidade de Spencer, que estava ansioso por completar 18 anos para conseguir um trabalho.

Chell deixou o curso de Educação Física para trabalhar e com 21 anos considera que tem *“muito o que fazer”*, como trabalho e cursos, numa busca frenética pela inclusão no mercado de trabalho, expressa no *“correr atrás”*, e conclui colocando a sua infelicidade nas cobranças próprias da sua condição juvenil. *“Dessa forma, o trabalho não constitui fonte de expressividade. Reduz-se a uma obrigação necessária para uma sobrevivência mínima, perdendo os elementos de uma formação humana que derivavam de uma cultura que se organizava em torno do trabalho”* (DAYRELL, 2002, p. 122).

Stecanela (2010) afirma que o processo seletivo das escolhas pelos jovens em contextos de pobreza é condicionado pela situação social. As questões que envolvem a sobrevivência material caminham paralelamente ao desejo de fazer aquilo que encontram prazer, causando por vezes intensa pressão. Uma situação que retrata bem essa questão foi a seguinte: numa das apresentações da Cia Marshall, Tony havia sumido na hora da foto e, quando o achei para vir se posicionar, ele estava recluso com um caderno na mão. Segundo ele, estava aproveitando o espaço de tempo que restava para estudar: disse estar dividido e não queria faltar à apresentação, por isso levou o caderno para não reprovar na prova.

Os jovens da Cia Marshall desconstroem muitas visões acerca da trajetória escolar de jovens de classes pobres, geralmente relacionada a evasões e abandono escolar. Todos estudam

em escolas de ensino médio, alguns em escolas em tempo integral, que requerem uma seleção para a admissão. Sempre em suas falas retratam a dificuldade em administrar o tempo dedicado aos estudos com a dança. Alguns relataram ter que acordar às 05 horas da manhã para estudar. Apenas três dos jovens não estão mais no ensino médio, pois dois concluíram e 01 passou no vestibular, mas abandonou a faculdade por causa do trabalho. A realidade do trabalho se sobrepõe à inserção na universidade, pois está relacionada à possibilidade de suprir a própria subsistência e de suas famílias, bem como ao consumo de bens materiais e à autonomia, atrelada à independência financeira.

Em suas escolhas, a dança aparece como alternativa nesse contexto, como suporte e alívio para fugir daqueles espaços de não reconhecimento, sendo expressão mais viva da liberdade tão almejada e não expressa, em virtude das determinações dos espaços estriados. A dança é um forte componente estruturador de seus processos identitários, possibilitando encontros com a arte de criar, de se recriar, na inteireza e no pertencimento que dão verdadeiros elos de sentido à vida desses jovens na sua condição juvenil.

## **5 AS “CULTURAS PERFORMATIVAS DOS ESPAÇOS LISOS”: A DANÇA COMO POSSIBILIDADE DE SENTIDO E RECONHECIMENTO.**

Na tarde do sábado do dia 21 de janeiro de 2017, sob o sol escaldante que media cerca de 40 graus em Sobral, fui ao ensaio da Cia Marshall. A Estação com as portas fechadas e o som alto anunciavam que havia jovens ensaiando. Bati na porta e ninguém conseguia me ouvir. Pela janela fiz gestos para que alguém me abrisse a porta. Chell, um pouco apressada para voltar ao salão onde a música tocava, veio abrir e deixou o cadeado para que eu fechasse o portão. Entrei um pouco deslocada. Na entrada do salão retirei as sandálias, saudei a todos e me acomodei no chão, como Chell, Pablo, Tony e Mar, com as pernas entrelaçadas no piso de cimento frio, que amenizava a temperatura daquela sala quente, com dois ventiladores que não funcionavam. Eles ouviam as músicas que seriam ensaiadas e todos faziam gestos das coreografias. A música de fundo embalava movimentos individuais, em dupla, em trio... Passos feitos e refeitos várias vezes... Não tinha como estabelecer diálogos diante daquela concentração e minha presença era irrelevante, pois o foco e atenção eram voltados à nova coreografia do espetáculo.

Aos poucos chegaram todos os que faltavam e ao tempo que iam chegando se aproximavam uns dos outros e ensaiavam os passos sem que ninguém lhes dissesse ou cobrasse. O coreógrafo do grupo foi um dos últimos a chegar, mas os que já estavam não necessitavam da sua presença para repetir os passos. Durante o espaço de uma música à outra, Ali, Hanna e Spencer começaram a falar sobre um homicídio ocorrido no Novo Caiçara, um conjunto habitacional da cidade. Na ocasião, um jovem foi assassinado e junto com ele foi encontrada uma carta na sua boca que dizia: “a guerra começou”. Perguntei o que aquilo queria dizer? Hanna falou da pacificação que havia ocorrido outrora, a mando de uma organização criminosa, e agora essa pacificação havia acabado.

Depois de me responderem, a música da coreografia começava, e eles, interrompendo a conversa, saíram dos seus lugares de repente e se posicionaram: começaram o ensaio com todos os integrantes, na produção de uma totalidade antes fragmentada da coreografia, sem ser necessário ninguém dizer que aquele era o momento... Não necessitou da regra, da formalidade a que eu estava acostumada.

Começaram a dançar e as distintas realidades que cortam transversalmente a vida daqueles jovens pareciam desaparecer no momento da dança, que movimentava não só os corpos flexíveis daqueles jovens, mas a inteireza deles, estampada nos sorrisos largos, nos olhares mútuos, no desejo consumado de ser exatamente aquilo... E o grupo, nos embalos dos compassos minuciosamente ensaiados, davam sentido às suas histórias.

É bom, muito bom, sabe. Lá em casa... às vezes eu tô... muito... assim... problema, e tal... com sexualidade, às vezes... Aí eu venho pra cá... Começo a dançar, eu me solto, me inspiro... Já pelas... Os meus problemas que eu tô só... Na minha felicidade que é a dança, eu me sinto muito bem, me sinto vivo... É uma coisa boa... Que nasce dentro de mim. E... junto com... isso, ainda vem o... a galera que reconhece... e tal, aí... vê a gente... aí começa a falar, -olha, você dança na Marshall, né!/? Aí eu, -Danço. Aí ela, -Parabéns! Você dança muito bem! (Spencer).

Representa tudo, a gente precisa da dança, a dança é... faz parte da gente, né. Porque quando a gente dança, a gente pode mostrar o que é que a gente é mesmo de verdade (Mar).

A pessoa pode tá mal, cansada, a gente chega aqui no ensaio, começa a dançar... é um antidepressivo... Eu acho que a dança é o modo que a gente encontra de superar qualquer coisa que deixa a gente abalado (Pablo).

Acho que a gente era tímido, eu pra mim eu sempre aceitei o que eu sou, agora sempre as pessoas em cima de que você não tem que ser desse jeito, eu acho que a dança ajudou, porque quando você tá dançando ninguém pode ir lá e te tirar não, até pode, mas ninguém vai fazer isso. Quando a gente dança, praticamente se transforma em outra pessoa (Ali).

Eu estudo e não aprendo isso aqui não, e às vezes eu tenho medo de me influenciar muito no estudo e acabar esquecendo a dança porque a dança ela já faz parte de mim, desde pequeno que eu danço, desde sempre, eu sempre gostei de dançar, eu num paro de dançar não, eu vivo dançando... (ARIA).

Desde pequeno eu sempre coloquei uma blusa na minha cabeça e uma frauda na minha cintura, ligava o DVD da Joelma e ficava lá dançando. Dançar é minha vida. Acho que eu quero trabalhar com isso. O amor que eu sinto pela dança me faz vim pro encontro (Hannah).

A dança proporciona aos jovens uma experiência difícil de ser encaixada dentro de um conjunto de palavras. As pausas nas falas e o uso frequente da expressão “a gente” tornam o ato de dançar para eles não apenas individual, mas uma experiência que se vive com o outro. Nesse outro me reconheço, nesse outro vivo a arte que não está apenas na técnica, nos passos tão repetidos por eles nos ensaios em que pude presenciar por horas, até chegar na perfeição almejada. A dança exige tempo, empenho, esforço desmedido, que faz os jovens se deslocarem em pleno sábado ou domingo, às 13h, para ensaiarem numa sala quente e sem ventilador. A dança é esse algo mais, esse campo de encontro com a própria subjetividade: é um encontro

consigo que proporciona nos jovens da Cia Marshall sentido e pertencimento, em que os esforços não se calculam.

Hannah e Aria retratam bem isso, quando em suas narrativas expressam esse encontro com a dança, remetendo à infância e representando a historicidade dessa experiência que compõe a construção da própria trajetória, que no entrecruzamento com outras trajetórias encontram a troca e o compartilhamento de símbolos de pertencimento. Pais (2006) afirma que a consciência individual somente é possibilitada pelo olhar do outro, pelo seu reconhecimento. A arte possibilita aos jovens esse encontro, negado em espaços tidos como de referência.

Spencer fala sobre o reconhecimento alheio em que alguém o elogiou por dançar bem. Ali diz se sentir outra pessoa quando está dançando, fala sobre sua auto aceitação, que parece ser incompleta pelo não reconhecimento do olhar alheio, e a dança o faz experienciar, numa espécie de preenchimento de lacunas, aquilo que pode ser anulado pelos espaços de não reconhecimento. A liberdade é a expressão dessa totalidade própria do ser, que só é mediada pela plenitude da criação, do ser artista e compositor da própria história. *“Então quando a gente tá dançando a gente se sente livre, ninguém vai poder te empatar de fazer isso e tu vai mostrar tudo que tu sabe”* (Ali).

Na tese de doutorado de Amaral (2015), com o tema “Jovens de periferia - a arte de construir a si mesmo: experiências de amizade, dança e morte”, o autor coloca que em espaços de limitações e restrições da vida material a arte surge como possibilidade. Superando limites e barreiras e colocando na vida cotidiana a produção de sentidos, a arte transforma através de um processo de “produção criativa, de forma autônoma e singular, emergindo como uma prática de liberdade” (AMARAL, 2015, p. 170).

A dança é mencionada pelos jovens como “antídoto” para resistir à dor e ao sofrimento cotidianos, para resistir aos espaços de negação de suas escolhas na construção de suas trajetórias. Como Spencer afirma que, apesar dos problemas ligados à sexualidade, quando dança “se inspira”. Pablllo menciona a dança como “antidepressivo” e nesse contexto a arte é um caminho, possibilidade, fenda que rompe com o instituído, em que os jovens expressam outros sentidos, formas de sociabilidade e compartilham vias de pertencimento.

A dança é a arte de (re) criar-se a partir daquilo que se é e vive. Dor e sofrimento, felicidade e alegria, dúvidas e tristezas, êxitos e fracassos, o que se vive e o que se sente tornam-se elementos para construir a dança, para isso é necessário operar com emoções e sentimentos, mas também o corpo, tornando-se ágil, forte, flexível para executar os movimentos e os passos que se criam e se (re) produzem. Essas construções que o sujeito realiza possibilitam não apenas a construção de uma expressão artística, mas também sentir-se parte de uma cultura que é compartilhada pelos seus pares, integram-se em práticas comuns àqueles que consideram amigos, produzindo um reconhecimento de si e do outro (AMARAL, 2015, p.170).

Esse reconhecimento possibilitado pela dança emerge no contexto dos jovens da Cia Marshall, oxigenando suas apresentações, que são aplaudidas por quem as assiste, com gritos e assobios, e que fazem o público delirar com as performances ousadas da coreografia. Acompanhei muitas apresentações e percebi que esse preparo para os espetáculos, os novos passos, bem como o figurino, fazem parte do desenvolvimento artístico dos jovens, que criam e recriam a todo o momento, inventando moda, idealizando novos passos, compartilhando símbolos de pertencimento de uma determinada cultura juvenil.

“Desvendar as sensibilidades performativas das culturas juvenis” é não nos prendermos a modelos prescritivos com os quais os jovens não se veem. Pais (2006, p. 13) dá como exemplo o *hip hop*, como uma cultura performativa, a partir das mesclagens criativas das músicas, nas performances corporais e no grafitismo. O *rap* alimenta uma sensibilidade justiceira ao resistir a situações de injustiça, denunciando-as, como se anunciasse um novo devir.

A dança pop para os jovens da Cia Marshall surge num contexto marcado pela negação de suas identidades e a imposição de modelos prescritivos. A orientação sexual dos jovens colocada em pauta nas entrevistas e no grupo focal é representada por eles como algo ainda passível de reconhecimento pelos campos de referência, como por exemplo a família, e é afirmada por outros campos de significação, como o grupo. É negada pelos familiares, que se fecham diante daquilo que emerge de fora do convívio familiar, restando a dança e os grupos de pares, que através do compartilhamento de uma cultura, constroem possibilidades de resistir e suportar a vida. A arte possibilita esse encontro consigo e com os outros e nesse movimento os jovens instauram uma ordem nos “espaços lisos”, através de afirmações simbólicas que os libertam das convenções urbanas.

O rebolado do corpo, o batom escuro, o dedo na boca como quem seduz, as ditas “caras e bocas” dos jovens denunciam a negação de uma cultura heteronormativa, a não aceitação de suas identidades sexuais; denunciam que não há um jeito único de homem e mulher dançar; denunciam que a arte comunica resistência e anuncia possibilidades de liberdade. Na realidade desses jovens isso acontece no compartilhamento de símbolos e campos de significações coletivas.

E eu acho que assim atrai mais esse público por conta da dança porque é muita sensualidade, e num mundo o homem machista até hoje, o homem, não pode rebolar, o homem tem que ficar duro, não pode ter aquela flexibilidade, aquela dança, é por isso que a gente tem mais esse público, lésbica e o gay, e às vezes travesti e... e remexer o corpo, se soltar e num tô nem aí pro que os outros vão falar (Spencer).

Na sociedade a lésbica é... porque assim, pra sociedade, quem é lésbica tem que ser macho, não pode ser mulher e outra coisa, por eu ser lésbica ou não, tem gente que se admira por eu dançar pop (Chell).

Eu acho que infelizmente já é uma coisa padronizada. Acho que o pessoal de fora sempre vê, sempre em grupo... logo a gente dança o que, divã do pop, acho que a sociedade vê como um padrão, vê só mulher ou homossexual dançando esse tipo de dança. É tanto que quando vê, tipo dançando na Marshall, é gay. Eles generalizam (Hannah).

Eu acho que as pessoas de fora já generalizaram isso, que pra dançar pop você precisa ser gay e tal (Ali).

Nas narrativas dos jovens, ao se referirem à dança, levantam questões relacionadas à imposição dos padrões heterossexuais representados na dança de “homem e de mulher”, que são desconstruídos na experiência vivida no grupo de dança pop em que os homens rebolam, sensualizam e quebram padrões de um determinado modo de ser heterossexual “válido”. Na pesquisa de Santos (2013) sobre os percursos escolares e as culturas juvenis de rapazes não-heterossexuais o autor parte do pressuposto que a heterossexualidade é uma espécie de:

Centro gravitacional que mobilizará toda a órbita das identificações, experiências e práticas afetivo e/ou sexuais, exercendo efeitos de pressão, simbólicos ou físicos, deixando um espaço vazio sideral preenchido com a gramática pós-moderna das sexualidades fluidas e abertas na fuga a uma homossexualidade exclusiva (SANTOS, 2013, p.21).

A heterossexualidade aqui questionada pelos jovens homossexuais da Cia Marshall nos coloca um determinado modo de ser jovem: uma cultura juvenil vivenciada e comunicada pelo grupo composta de sentidos, em que a dança representada pelo pop como “dança de gay” aparece como via possível, um modo de vivenciar uma cultura tida como marginal diante da imposição heteronormativa.

Para Santos (2013), instaura-se uma “norma majoritária (*straight*)”, que é a heterossexualidade, e a minoritária, a homossexualidade, como desvio à ordem. A heteronormatividade, tida como “princípio universal” ao qual todas as pessoas devem seguir, é um “subterrâneo e ardiloso” mecanismo de dominação da heterossexualidade. Em consequência disso todas as outras formas de expressão da sexualidade são marginalizadas, pois fogem dos padrões heteronormativos (SANTOS, 2013, p.21).

Os jovens aqui pesquisados têm a dança pop como elos de reconhecimento da orientação sexual assumida, negado nos espaços tidos como referência, e são orientados por novas sociabilidades, que se constroem a partir do compartilhamento de símbolos. Nas apresentações da Cia Marshall e nos ensaios era visível que o público que os seguia era atraído por ver no grupo símbolos de reconhecimento de uma cultura de margem, uma cultura de jovens não heterossexuais. Santos (2013) afirma que há na produção científica sobre as culturas juvenis um “caráter excessivamente masculinista”, que parece aprofundar ainda mais o que na realidade se vivencia como um “quadro normativo da heterossexualidade”, resultando numa ausência de produções científicas das culturas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT).

A adesão ao pop, a esse estilo, à moda representada pelos piercings, tatuagens, cabelos com luzes e calças coladas, faz parte de uma “complexa trama”, na qual estão presentes os determinantes sociais, a orientação sexual, enfim, a expressão das subjetividades que são compartilhadas pelo grupo. (DAYRELL, 2002).

## **6 SOCIABILIDADES, SÍMBOLOS DE PERTENCIMENTO E RESISTÊNCIA: A COMUNICAÇÃO DE UMA CULTURA**

A experiência dos jovens aqui pesquisados revela múltiplos significados que compõem uma teia de sentidos que estão interligados. Apreendê-los dentro de uma ordem não os hierarquiza, dada a sua complexidade. Compreender os sentidos que estes atribuem à saúde, através do compartilhamento dos símbolos de pertencimento a uma determinada cultura juvenil, me levou a organizar fragmentos, num trabalho artesanal que foi sendo apreendido a partir dos sons polifônicos do cotidiano. De acordo Dayrell (2002) os jovens têm na dimensão simbólica uma das principais vias de comunicação: “se reúnem ao redor de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, entre outras, e tornam-se visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios” (p.119).

Os jovens têm no mundo da cultura um espaço de possibilidades de criação e de rompimento com a ordem imposta e pré-fabricada por seus vínculos de referência e afeto. Esses espaços demarcam a construção de uma identidade juvenil distanciada dos familiares e mestres, colocando-os em vias de protagonização de suas histórias (DAYRELL, 2002). Estar inserida no cotidiano dos jovens da Cia Marshall me proporcionou uma experiência de aprendizagem, a partir dos símbolos por eles compartilhados, que não faziam sentido senão a eles mesmos. Desprender-me dos meus sentidos e me conectar aos deles foi um processo pedagógico, de aprendizagem de suas linguagens e modos de existência, e o grupo me comunicava que isso se dava por meio dos processos de sociabilidade estabelecidos.

De acordo com Pais (2003), os jovens na contemporaneidade estão cada vez mais imbricados em processos difusos de socialização, dirigidos por círculos bastante complexos e heterogêneos, em que as instituições de socialização como a família e a escola têm enfraquecido seu poder de influência, abrindo possibilidades de inserção em “contextos informais ou subterrâneos de socialização como aqueles que envolvem os grupos de amigos” (PAIS, 2003 p. 110).

A importância atribuída pelos jovens aos grupos de amigos é vista por Pais (2003) como uma espécie de “socialização secundária”. Isso se dá pelo próprio desenvolvimento dessas relações, que ocorrem nos “vazios da sociabilidade” deixados pelas instituições tidas como referência. Os jovens da Cia Marshall, diante da negação da orientação sexual no âmbito da

família, das preocupações em relação a estudo e trabalho, bem como da invisibilidade daquilo que consideram espaços de sentido e criação, encontram no grupo de amigos elos de sentido, que parecem criar outros espaços de referência que preenchem um vazio de expectativas.

Eu passo o dia na escola aguentando muita coisa, chamado de viadão e tudo, mas aí quando eu venho para cá, é meu único jeito de me expressar. Eu tenho muito dever para fazer agora, mas eu estou aqui, aí eu madrugo e tudo mais para estar aqui. Então é muito bom! Porque, tipo assim: além de ser um grupo eu considero como se fosse minha família, é todo mundo junto, todo mundo unido, o sabe? E é muito bom! (Hannah).

Essas pessoas já viraram família pra mim assim, minha segunda família, porque a gente sempre tá junto, a gente sempre... passa momentos juntos é, festas, apresentações, essas coisas, a gente sempre tá junto, e cada um ajuda um o outro, faltando algo, a gente vai lá e dá um jeito de conseguir, a gente vai lá e... se ele tá apanhando, problemas a gente... discute junto com os outros nos grupos e tal (Spencer).

Pra mim, é como se o que eu vivo... sei lá, porque aqui eu posso ser o que eu sou, porque em casa eu não consigo... (se emocionou) Mas não é só dançar, porque sei lá, todo mundo aqui compartilha o que sente, todo mundo sabe da vida de todo mundo, sabe como é, e aqui todo mundo é o que não pode ser lá fora (Chell).

O grupo no momento ele é a coisa mais importante que eu tenho, porque é o lugar onde eu posso expressar e tirar todo peso dos meus problemas, onde eu tenho pessoas que gosto muito, eu posso dizer que eu amo e que são muito importantes para mim, como a dança, o grupo em si é um grupo maravilhoso (Ali).

Bom, o grupo é uma segunda família né, tipo, depois que a Marshall veio, assim, com eles eu tive os melhores momentos da minha vida, com a Marshall, porque eles são amigos, é minha família, são meus irmãos, dão conselhos né e tal e é isso (Vitória).

A experiência comum a todos, vivenciando contextos de não reconhecimento, os faz desfrutar de uma sociabilidade, de partilhas que encontram no outro sua referência. A palavra “família” ganha outra dimensão, sendo utilizada pela maioria dos jovens ao se referir ao grupo. Isso retrata que as relações tidas como secundárias por Pais (2003), dentro desse contexto, alcançam centralidade na vida dos jovens, que se veem acolhidos e amparados em “seus” outros.

Os jovens comunicam que o grupo de pares, a dança pop e o estilo que assumem estão se constituindo cada vez mais como “parâmetros de avaliação e organização das relações interativas com a realidade externa” (DAYRELL, 2012, p. 121). Na narrativa dos jovens é perceptível que as relações em grupo os capacitam a enfrentar o cotidiano exaustivo dos estudos, a aprender a lidar com os preconceitos na escola, bem como a discutir e reelaborar suas realidades no processo que aqui identifiquei como de aprendizagem mútua.

Esse processo de sociabilidade se fortalece tendo como pano de fundo a dança e as referências culturais constituem uma rede de significados que adquirem sentido na ação da vida cotidiana, não interpretadas pelos adultos que os cercam. Mal compreendidos, pobres e oriundos de bairros tidos como periféricos, distantes do centro de acontecimentos da cidade, os jovens não heterossexuais reelaboram suas realidades na convivência com outros que como eles compartilham de experiências limites, que os colocam numa zona de invisibilidade. “Assim ele interpreta a sua posição social, dá um sentido ao conjunto das experiências que vivencia, faz escolhas, age na sua realidade: a forma como ele se constrói é construída socialmente, como se apresenta como sujeito, é fruto desses múltiplos processos” (DAYRELL, 2002, p. 121).

Numa das apresentações da Cia Marshall, quando tive a oportunidade de transportar sete integrantes do grupo, eles relataram um episódio que aconteceu num festival de dança em que estavam concorrendo com outros grupos. Na ocasião havia dois jovens que não estavam se falando devido a conflitos que não foram expostos. Antes da apresentação, que era assistida por um público considerável de pessoas, os dois jovens se abraçaram chorando e pediram desculpas um ao outro. Spencer disse que antes desse momento todo o grupo fez uma concentração e relembrou juntos tudo o que eles haviam passado até ali, todas as privações, sem ter condições de montar um espetáculo, sem dinheiro nem para se locomoverem até o local da apresentação: todos se emocionaram. Dentro do carro, um a um, todos falaram com emoção daquele momento e que, apesar de não terem alcançado o prêmio, concordavam que aquele esforço gerava neles mais que competitividade. O caminho, o compartilhamento dos sonhos ligados à dança, o esforço desmedido dos ensaios e a sociabilidade gerada pela convivência eram cercados por símbolos de pertencimento de um grupo, que parecia se afirmar em cada apresentação, tornando pública sua identidade.

A maioria se conheceu no grupo e não antes dele. Ali e Chell não sabem explicar porque jovens não heterossexuais são os que mais se aproximam com interesse em entrar no grupo. A compreensão desse fato está na identificação daqueles que de fora enxergam a possibilidade de se sentirem reconhecidos com jovens da sua mesma orientação sexual. O processo de sociabilidades se deu a partir da dança pop, que foi referência para o estabelecimento de vínculos. Nesse percurso se deu o fortalecimento da criatividade, a ocupação do tempo livre e a adesão a um estilo. As apresentações proporcionam aos jovens a elevação da autoestima e a ampliação da rede

de relações que os reconhecem como sujeitos. Essa apropriação os torna visíveis, gerando um processo político de reconhecimento de si e do mundo ao redor, levando os jovens a questionar os preconceitos, o estabelecimento de normas e padrões e as políticas a eles direcionadas, na compreensão dos determinantes sociais que os cercam (DAYRELL, 2012).

Os jovens, durante o processo da pesquisa de campo, participaram de uma das reuniões do Conselho Local de Saúde do Bairro Recanto, que tinha como pauta as políticas para juventude. A maioria dos integrantes da Cia Marshall compareceu ao evento e fez requisições para a construção de espaços de lazer, para a reforma do prédio da Estação. Eles tinham a preocupação com as questões do seu contexto social e se envolviam nessas discussões, que iam além das atividades desenvolvidas pelo grupo de dança.

A consciência de si e dos outros, possibilitada pela construção de “identidades positivas” como homossexuais, pobres e negros, ultrapassa a subjetividade e concorre para a concepção ampliada de mundo e da sociedade na qual estão inseridos. A ocupação dos espaços da cidade e a ultrapassagem dos seus territórios para as apresentações levam os jovens a problematizar suas realidades.

É bem complicado, hoje em dia as coisas são mais central, as periferias são mais isoladas do centro, aí que fica meio complicado para a gente, fica complicado para a gente ir para o centro, até porque não tem transporte, fica complicado para você ir para qualquer diversão. A prefeitura não proporciona coisas tão boa para o bairro, aí você tem que se deslocar para lugares muito longe, para poder de divertir, fazer alguma coisa. Tudo é fora, ainda mais pra gente do grupo, as apresentações, viajar para fora, sempre tem alguma coisa em outros bairros e a gente tem que se deslocar (Ali).

A inserção na cena pública conecta os jovens ao reconhecimento dos limites que se apresentam dentro da oferta de possibilidades dos circuitos culturais em seus territórios e fazem uma leitura crítica acerca da centralidade dos acontecimentos da cidade, em que as classes sociais menos favorecidas sofrem pelo não alcance de uma política cultural em Sobral.

Presenciei muitas reuniões acerca do espetáculo que eles planejavam para agosto deste ano e uma das grandes pautas era o recurso financeiro, considerado como fator limitador, para a estrutura necessária exigida nos concursos que ocorrem na cidade. Dançar bem, ter entrosamento não é suficiente para ganhar a competição. É necessário ter estrutura para garantir os primeiros lugares e isso eles não têm. Acompanhei conversas dos jovens pelo grupo do *WhatsApp*

cancelando apresentações, por não terem dinheiro nem para os acessórios utilizados nas coreografias. Em uma das conversas um dos jovens disse que não iria para a apresentação porque não tinha R\$ 4,00 (quatro reais) para comprar uma cartola. Nessas ocasiões eles se reuniam e juntavam tudo que tinham para ajudar e garantir todos na apresentação.

As atitudes de solidariedade diante de um contexto marcado pelos poucos recursos e escasso acesso aos circuitos culturais da cidade não estavam só no auxílio financeiro, mas eram demonstradas também quando algum integrante errava os passos nas apresentações e o grupo todo o motivava, reconhecendo que todos são passíveis de erros.

Os jovens estabelecem sociabilidades e encontram sentidos que se estendem para além do cotidiano escolar de provas, avaliações, cursos profissionalizantes. Eles encontram nesse compartilhar de experiências o sentido de se viver em sociedade, indo na contramão de valores individualistas, descobrindo uma efetiva coletividade.

A dinâmica das relações existentes, o exercício da razão comunicativa, a existência da confiança, a gratuidade das relações, sem outro sentido que não a própria relação, são aspectos que apontam para a centralidade da sociabilidade no processo de construção social desses jovens. Nesse sentido, os estilos podem ser vistos como respostas possíveis à despersonalização e à fragmentação do sistema social, possibilitando-lhes relações solidárias e a riqueza da descoberta e do encontro com os outros (DAYRELL, 2002, p. 134).

Nas relações estabelecidas dentro do grupo de pares os jovens encontram uma “instância de proteção das identidades individuais” (PAIS, 2003, p.115), como um escudo diante dos preconceitos sofridos e os valores impostos pelos espaços de socialização a que estão vinculados. Em virtude disso é no grupo que eles se sentem acolhidos, onde utilizam seu tempo livre e se doam para a realização das apresentações, “como um tempo apropriado como qualquer outro na realidade”.

A coesão interna do grupo que os faz estar juntos há quase dois anos em ensaios semanais, que não são interrompidos nem pelas festas de fins de ano, é compreendida a partir de traços de identificação que são compartilhados conjuntamente. Para Pais (2003) esses traços tem

a função de contribuir para um processo de formação e referência no estabelecimento de uma identidade grupal.

Essa “coerência interna” é distinguida a partir do uso dos símbolos desses jovens que se diferenciam dos demais grupos, adotando a dança pop e as roupas customizadas, dentro de uma aparência que lhes é peculiar e uma linguagem que os identifica como participantes de uma determinada cultura juvenil.

Os figurinos adotados pelo grupo nas apresentações não se diferenciam como sendo de homem ou mulher. Eles ousam no uso das gravatas, nos batons escuros e nas calças coladas. Customizam roupas velhas e usam blusas em estilo próprio da Cia Marshall. Também investem no uso de maquiagens que comunicam a sensualidade assumida quando dançam. Pais (2003, p.122) afirma que esses estilos adotados pelos grupos juvenis “apresentam um fenômeno de comunicação que envolve formas concretas de produção de um estilo. Hábitos, posturas, vestimentas e gestos combinam-se, de maneira intencional, numa lógica de significação”.

Os símbolos assumidos pelos jovens denunciam e satirizam a cultura hetero. Eles ousam na dança, se tratam por pronomes contrários ao seu sexo, invertendo a ordem, mudando os nomes do masculino para o feminino, se apropriando de adjetivos como “bicha louca” ou “viado escandaloso”. O que interessa são as “relações de identificação que se alcança, e a possibilidade de lograr ante os demais uma efetiva retórica” (PAIS 2006, p.18). A linguagem compõe a identidade dos jovens da Cia Marshall. Através de uma linguagem tida como “obscena” eles reinventam novas linguagens, fora dos padrões convencionais, legítimos e hegemônicos (PAIS, 2006).

No cotidiano do grupo os jovens delineiam suas realidades, a partir da abertura às novas linguagens, e trazem ao público a “infração” dos valores morais, vivendo na contramão de uma sociedade com fortes traços conservadores e heterossexuais. Os jovens se fortalecem enquanto grupo, se protegem do “mundo” que os coloca como pessoas tidas como inferiores, devido às diferenças sociais, culturais e sexuais.

A orientação sexual era uma pauta sempre colocada pelos jovens no grupo focal e nas entrevistas ou nas conversas cotidianas. Nenhuma das perguntas que fiz se voltava para a orientação sexual. Isso era uma demanda latente inscrita pelos jovens. Estes pareciam denunciar

injustiças ao me confidenciarem situações, segredos, limites e riscos. Hannah, ao final da entrevista, me abraçou e disse: “*nunca contei isso a ninguém*”; se referindo a tudo que me confidenciou na entrevista.

Soares (2004, p.142, grifo nosso) considera que “há uma fome mais funda que a fome, mais exigente e voraz que a física: a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; fome de ser, sabendo-se que **só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio** que nos reconhece e valoriza”. Os jovens se reconhecem uns nos outros, no olhar negado nas relações primárias de socialização e pela sociedade, que os vê sob a ótica da “anormalidade”, do caráter desviante que foge dos padrões heteronormativos. “Desejo que todo mundo me aceite do jeito que eu sou, que possa ver a homossexualidade não como uma opção sexual, mais como uma pessoa de verdade, porque tem gente que ver um homossexual, já acha que é uma coisa de outro mundo, já joga pedra, já faz coisas que não é pra fazer” (MAR).

Becker (2008) utiliza o termo *Outsiders* para se referir àquelas pessoas consideradas “desviantes”, situadas à margem do círculo dos membros “normais” do grupo estabelecido. De acordo com o autor as regras sociais são criações de grupos específicos. As sociedades tidas modernas não se formam por composições simples em que todos estão de comum acordo, principalmente quando isso se relaciona às regras e sua aplicação. Elas marcam sua diferenciação em linhas que as estratificam a partir da classe social, gênero, etnia, aspectos culturais ou mesmo ocupacionais. Os estabelecidos consideram que esses grupos não devem partilhar as mesmas regras e na realidade não o fazem. Os *outsiders* são detentores de uma “profecia autorealizadora”, pois são generalizados e reduzidos àquilo que demarca seu desvio, negando sua particularidade sendo moldada a partir da imagem que os outros têm dela (BECKER, 2008).

Mar requisita um olhar e este se inscreve para além das estratificações sexuais: o olhar totalitário que enxerga o humano, que necessita de respeito e reconhecimento, ferido e negado pelo preconceito que reduz o sujeito social aos valores morais de quem os vê. Sua identidade é vista pela ótica do “desvio”, pois foge dos padrões impostos.

Os jovens da Cia Marshall comunicam através de seus símbolos de pertencimento e resistência a existência de uma cultura, um modo específico de se viver a juventude dentro de determinado contexto. Nessa sociabilidade que se desenvolve através da dança, da ocupação do

tempo livre, permeando o cotidiano dos ensaios e as apresentações, afirmam uma identidade de grupo que comunica caminhos para se aprender, como num processo pedagógico em que as culturas juvenis são indicadores para se compreender os jovens na contemporaneidade.

Foi por esse caminho de aprendizagem, na empiricidade vivida no cotidiano dos jovens, traçando estratégias de encontro a partir dos elos de sentido que os identificam como parte de uma cultura, que me aproximei. O desprendimento da identidade de pesquisadora, adulta e heterossexual, me permitiu ser ensinada por outra cultura, na compreensão de que só pelas vias de sentido dos grupos juvenis poderia entender os significados atribuídos à saúde pelos jovens.

A saúde é um termo estranhado e silenciado sempre diante da pergunta: o que é saúde para você? Na verdade, a saúde foi interpretada no cotidiano dos jovens através das sociabilidades estabelecidas no grupo e na construção de identidades que se fortalecem resistindo a uma sociedade sexista e heteronormativa. Essas realidades têm relação direta com a saúde dos jovens e repercutem ora em seus processos de reconhecimento como pertencente a uma determinada cultura a partir do grupo, produzindo sentido na sua relação consigo e com o mundo, ora na negação desses sentidos pelos espaços de referência, representados pela família e pela sociedade, que os coloca como desviantes, produzindo adoecimento e riscos.

## **7 AS CULTURAS JUVENIS E A POLÍTICA DE SAÚDE: O CORPO, A ARTE E OS RISCOS SOB A PERSPECTIVA DE JOVENS NÃO HETEROSSEXUAIS.**

A discussão sobre juventude e saúde, na produção científica que obtive ao longo dos dois anos no mestrado, corriqueiramente concorda que as ações de saúde pública partem dos chamados problemas de jovens, como pressuposto. Compreender os símbolos e experiências que estes sujeitos compartilham quando vivenciam suas culturas juvenis me possibilitou a resignificação do meu olhar acerca daquilo que os jovens consideram saúde e não saúde.

Sobre a escassa procura desse público pela atenção primária, Queiroz (2011) afirma que as ações são limitadas a situações de agravo à saúde. Partimos do cotidiano e os modos como os jovens vivenciam este tempo, dando voz às suas experiências e àquilo que comunicam através dos processos de socialização.

Os contextos vivenciais dos jovens dão pistas para a superação dos “gargalos” que fragmentam e reduzem as juventudes aos “riscos”, ou quando não, colocam a saúde reprodutiva como principal caminho a ser percorrido pelos profissionais de saúde, que não obtêm êxito e não conseguem muitos resultados no trabalho com esse público (BOAS; CUNHA; CARVALHO, 2010; RAPOSO, 2009; HENRIQUES; ROCHA; MADEIRA, 2010; ROCHA *et al.*, 2012).

A discussão nesta pesquisa parte do que os jovens consideram saúde e o que eles chamam de riscos. Não tomei como parâmetro as indicações dos documentos governamentais. Segui a via percorrida pelos jovens que são os protagonistas desta saga, interpretando através de suas culturas juvenis aquilo que não foi explícito em seus discursos pelos instrumentos formais da pesquisa. Na pesquisa de Horta (2011) a autora afirma que através do reconhecimento dos modos de vida foi possível apreender a intrínseca relação destes com a saúde, pois as questões de saúde não são interpretadas com clareza pelos jovens, sendo reinterpretadas de modo indireto pela via de suas ações. No caso desta pesquisa foi pela via de suas culturas juvenis, a partir dos seus grupos de pertencimento, que analisamos a saúde em suas múltiplas dimensões.

O corpo tem pauta privilegiada ao se referir à saúde pelos jovens da Cia Marshall. De acordo com Ferreira (2011), o corpo e suas representações são uma das principais vias para se compreender as juventudes na contemporaneidade. Entre as várias concepções os critérios

ligados à ordem corporal mantêm uma “multiplicidade de imagens e desempenhos físicos simbolicamente correlacionados e atribuídos a uma dada condição etária” (FERREIRA, 2011, p.258).

O que identifica o início da adolescência é demarcado pelos “atributos corporais” representados pelos sinais pubertários, como o surgimento de espinhas, o crescimento dos pêlos, o começo do ciclo menstrual para as meninas e as primeiras ejaculações para os meninos. Para além dessas marcas “fenotípicas” existe uma imagem pública produzida sobre esse “ciclo de vida” juvenil, representado num emaranhado complexo de imagens e desenvolvimento corporal, em que vivê-los denota a aproximação ou o distanciamento da condição juvenil em relação à infância ou vida adulta (FERREIRA, 2011).

Pais (2012) concorda na referência ao corpo pela investida carga simbólica que o coloca no palco do mundo numa verdadeira “dramaturgia” existencial. Nas variadas e “múltiplas valências simbólicas, metafóricas e metonímias”, o corpo é caminho de inserção na cena pública, ao afirmar a relação consigo e com os outros, num “auto-encontro”, onde interagem autoestimas fragilizadas ou narcisistas, tendo como pano de fundo um “jogo de uma estética da aparência” (PAIS, 2012, p. 121).

Uma pessoa saudável é quando se sentir bem, com o corpo que tem, não precisar fazer mudanças. Saber comer coisas boas, e saber o que não faz bem para a saúde. E se cuidar, eu gasto muito energia. Como minha mãe fala, as vezes eu gasto muito energia e não quero repor essa energia, mas é porque meu corpo já está acostumado com essas coisas. Mas eu tenho a saúde muito boa (Ali).

Bem cheinho, quando eu entrei na Cia Marshall, eu comecei a emagrecer, eu não me sentia bem, eu sentia dores nas minhas partes... nas partes musculares, hoje eu não sinto, por conta da... por conta da dança, eu... eu em casa me alongo todos os dias pra mim poder... vir, né. Eu não sinto mais essas dores. A mãe fica olhando assim pra mim, e ela diz: quem dera eu poder fazer isso (Spencer).

A saúde é aqui compreendida no uso que os jovens fazem dos seus corpos em relação à dança. De acordo com Ferreira (2011, p. 260) “a apresentação do corpo surge com uma das representações mais marcantes da imagem juvenil”. Isso não está apenas numa dimensão ativa, como é representada pelo desempenho desmedido dos ensaios e apresentações, que exige flexibilidade e reposição de energias. Há também um forte componente simbólico, que está relacionado ao olhar do outro e de si mesmo sobre o corpo. As representações sociais alimentadas

pela publicização das imagens estampadas em redes sociais fazem do corpo um “alter ego” (ORTEGA, 2006).

Numa das apresentações da Cia Marshall, em conversa com Aria, fiz um elogio ao seu olho delineado com lápis preto que a diferenciava dos outros, e ela me revelou que fora uma amiga que havia feito e disse espontaneamente que se acha linda. Mencionou que já foi “gorda” e procurou alguém por perto para se comparar e dizer como era antes, mas não encontrou. Perguntei como conseguiu emagrecer e ela disse que tomava água com limão e gengibre antes do almoço e do jantar. A perda de apetite era resultado da receita que, segundo ela, aprendeu na internet. Hoje pesa 52 kg e considera que o cuidado com o corpo é constante em sua vida. Quando está comendo demais lembra como era antes e para de comer, voltando à receita. A preocupação com o corpo está muito relacionada à exibição pública em decorrência da dança, que exige bom desempenho físico, na exposição ao olhar alheio, imprimindo uma imagem “aceitável”. Aria demonstra uma boa relação com a estima, talvez associada ao seu corpo esbelto e carregada pela representação de uma beleza idealizada no corpo magro.

A saúde é aqui representada pelo “imperativo do cuidado e da vigilância”: um processo intrínseco aos ideais impostos pela ideologia denominada por Ortega (2006) de *healthism*, que pode ser traduzido como a ideologia ou a moralidade da saúde e do corpo adequado a moldes da perfeição, exprimindo uma tendência. Para Ferreira (2011, p. 261) esse modelo de corporeidade socialmente idealizado é compartilhado como uma “ambição social”. Nesse contexto o “corpo jovem adquire importante visibilidade e reconhecimento social enquanto corporeidade de referência e de reverência na sociedade contemporânea, protótipo glorificado, fetichizado, cobiçado, obstinadamente desejado e mercantilizado no espaço social”.

Os jovens da Cia Marshall acompanham essas tendências e reproduzem esses ideais valorizando os corpos e seus usos, através de regimes para se manterem em forma, exibindo a barriga “chapada” e na exposição de suas tatuagens e piercings. Investem na produção de uma auto-imagem que é compartilhada coletivamente no grupo e nas apresentações essa imagem ganha notoriedade no espaço público. Os jovens usam roupas e acessórios que expressam os símbolos que compartilham, criando moda e encontrando estratégias para atender essas necessidades e para acompanhar as tendências. Tudo isso os coloca dentro de um “modelo de produção corporal” (FERREIRA, 2011, p. 261).

De acordo com Pais (2012, p.124) “os investimentos que os jovens fazem nos seus corpos é parte de um processo de maturação, embora a preocupação com a imagem não desapareça com a idade. Porém podem surgir os conflitos de identidade”. O autor menciona que em casos extremos o narcisismo produz além do amor a si próprio a negação da “identidade sentimental” de cada um, em que os afetos são colocados de lado.

Isso não é o caso dos jovens aqui pesquisados que, dentro de um contexto de investimento corporal como processo simbólico de descoberta de si e de afirmação da identidade, vêm no compartilhamento de uma cultura a possibilidade de sociabilidades, que podem ser vistas como “locus de aprendizado e participação social” (NOVAES, 2006, p.118).

A saúde é interpretada a partir da dança e da experiência ligada ao grupo, em seus contextos vivenciais, e não relacionada apenas à ausência de doença. O bem-estar produzido pela expressão de suas individualidades nesse espaço de afirmação produz saúde, que se materializa em suas falas como expressão da liberdade.

É bom assim, por conta que tem a saúde, a saúde corporal, a saúde mental, saúde depressiva, pessoas que passam por alguma dificuldade em casa e vem aqui pra dançar. Tem muita gente que eu sei que passa dificuldade em casa, com os pais, com irmão, vem pra cá pra se soltar, pra se sentir livre. Aqui ninguém vai lhe prender, aqui ninguém vai falar: Ah, você nasceu homem, vai ter que dançar que nem homem, você não vai poder dançar como uma mulher. Aqui a pessoa tem que se sentir livre, se soltar. (Spencer).

A saúde é indiretamente relacionada por Spencer a esse espaço de aceitação, de afirmação, diante daqueles espaços de não reconhecimento, que aparecem na sua fala como o outro lado, o avesso, o da não saúde, espaço de negação de suas escolhas e individualidades. A saúde é relacionada dentro do campo de possibilidades de afirmação de sua identidade e isso é vivenciado dentro das relações com seus pares. A saúde é vivida em sua plenitude quando favorece o fortalecimento de sua autonomia e o reconhecimento de si diante do outro e a via, nessa realidade, é possibilitada pela dança.

Durante as pautas relacionadas a saúde nas entrevistas e no grupo focal as falas eram direcionadas sempre a esse espaço de aceitação e reconhecimento, ligado à dança como atividade e ao grupo como rede de sociabilidade, dotado de sentido e afeto. Os jovens trouxeram as pautas que se colocam como avesso a esta discussão, às experiências de não saúde, os riscos que são

compartilhados em seus cotidianos, colocando à margem os problemas tão relacionados à juventude pelo setor saúde, como por exemplo: doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência ou mesmo drogas.

O preconceito é relatado como fonte de adoecimento e limite de sua saúde, principalmente quando acontece em espaços de idealização de afetos primários. Hannah em sua narrativa, na entrevista individual, relatou uma experiência que segundo ela nunca havia confidenciado a ninguém:

Era porque assim, eu estava no momento da minha vida que eu estava amadurecendo e tudo mais, conhecendo as coisas e era muita coisa para uma pessoa só, era briga em casa, era preconceito no meio da rua, acho que o preconceito vem dentro de casa né? Eu estava começando a gostar de um garoto, entendeu? Aí eu estava sofrendo muito e tudo mais aí tinha a parte de eu gostar dele, tinha a parte dos preconceitos que eu teria que aturar, entendeu? Aí eu só jogando nas minhas costas, aí com tudo isso eu fui ligando muito, fui tentando ser melhor. Aí eu comecei a fazer besteiras, a besteira que eu falo é tipo a automutilação. Eu me cortava, eu dava soco na minha cara, eu achava que isso adiantava, entendeu? Sabe quando tu tá com raiva aí tem gente que se alivia quebrando alguma coisa, entendeu? Aí eu me aliviava me machucando. (Hannah).

Em reportagem exibida no dia 20/11/2016, o Fantástico (Rede Globo) trouxe uma matéria sobre a automutilação, afirmando que o Brasil não tem estatísticas oficiais sobre esse fenômeno, mas alertou, a partir de estudos internacionais, que 20% dos jovens brasileiros se mutilam, indicando ser um problema que afeta mais que as drogas. No estudo de Braga (2014), que tem como tema “Redes de depressão e *cutting* no cenário jovem alternativo: uma contribuição sociológica acerca da automutilação”, o autor afirma que quem se mutila lida com um tipo de dor, uma “privação afetiva relacionada à pobreza de autenticidade e segurança primária que o sujeito recebe daqueles indivíduos que são responsáveis pelo seu cuidado e proteção (BRAGA, 2014, p.7).

Essa realidade é relatada por Hannah em sua entrevista, que afirma ter-se mutilado durante 01 ano e mostra com receio as incontáveis marcas de riscos brancos no pulso. O esvaziamento das relações de sentido, que os enxergam a partir da sua orientação sexual, tida como desvio, leva os jovens à fuga através da prática da autolesão. Essa realidade é compartilhada por outros amigos do ciclo de Hannah e de Spencer e as causas envolvem muitos determinantes, que necessitam de estudos para aprofundamento da questão, mas são reveladoras do sofrimento psíquico enfrentado por jovens não heterossexuais.

Apesar de no Brasil existirem poucos estudos sobre o suicídio na comunidade LGBT, em 2012 realizou-se um estudo na Universidade de Columbia nos Estados Unidos para avaliar a relação entre orientação sexual e o suicídio de pessoas jovens, com cerca de 32.000 participantes anônimos, alunos de escola pública entre 13 e 17 anos. Os resultados foram gritantes: adolescentes lésbicas, gays, bissexuais e transexuais estão cinco vezes mais propensos a tentar suicídio que heterossexuais. A pesquisa também concluiu que o ambiente tem forte influência, quando este proporciona receptividade são menores as taxas de suicídio (PHILLIPE, 2016).

Em outra pesquisa realizada na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 2013, com 1.600 participantes, entre 12 e 60 anos, sendo 72% de homossexuais e 28% de bissexuais, 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino, os resultados também chamaram a atenção. De acordo com o estudo, 78% dos entrevistados já tiveram a sensação de “sumir”, enquanto que 49% disseram já ter desejado não viver mais. Paralelo a isso, 15% dos entrevistados revelaram ter coragem de tirar a própria vida e 10% já tiveram vontade ou até mesmo tentaram tirar a própria vida, mas acham que hoje não conseguiriam mais realizar o ato. Os entrevistados apontaram que o que poderia levá-los a tirar a própria vida seria a falta de apoio espiritual, seguida de sentimentos gerados por outros dois outros motivos: indiferença e preconceito (PEREIRA, 2013).

No caso de Hannah a automutilação serviu para encarar os problemas afetivos não correspondidos ou mesmo para fugir das ausências dos vínculos que deveriam ser de cuidado e compreensão. Mora com os avós, seus pais são separados e apenas a visitam. É homossexual e admite que esse período em que praticou a autolesão foi um dos piores da sua vida, pois o corte tem uma conexão com a invisibilidade e a negação de sua identidade. Braga (2014) afirma que o corte possui uma ligação com “o esvaziamento afetivo”, que é representado pela escassez das relações sociais no ambiente externo. O depoimento dos jovens evidencia que eles veem na autolesão a possibilidade de lidar com a dor física, ao invés de ter que enfrentar a dor emocional. “Exatamente por isso que a automutilação é encarada aqui como um problema da ordem da interação, e não tanto como distúrbio psicológico. A ideia de que os cortes é uma saída viável diante de um mundo opressor ou excessivamente incompreensível” (BRAGA, 2014, p.9).

Hannah considera ter mudado de atitude a partir da interação, através de um processo de sociabilidades, quando ela se dispôs a se aproximar do seu grupo de pares: foi um “remédio” para aquele mal-estar. Associado a procura por vínculos fora daqueles espaços tidos como referência,

Hannah relatou um fato que também a ajudou na superação desse comportamento considerado por ela como de risco.

Acho que eu procurei mais para com isso. Eu procurei mais meus amigos, procurei mais a Cia Marshall. Aí eu hoje, acho que sempre eu tive vontade de falar para alguém sabe eu sempre tive vontade. É tanto que na minha escola tem um projeto de vida e eu sempre estava tentando uma oportunidade para falar. Porque semana passada mesmo eu vi um braço de um menino na minha escola todo cortado, tipo eu fiquei, eu já passei por isso eu posso ajudar, entendeu? (Hannah).

Hoje, depois desse processo, Hannah fala sobre o desejo de auxiliar outros jovens que passam pela mesma experiência, afirmando que conhece outros casos que se repetem em seu cotidiano escolar, evidenciando um problema que deve ser considerado pela saúde pública. O processo de reconhecimento social através do aprofundamento das relações que se deram no grupo de pares possibilitou a Hannah a reflexão e o desejo em tornar sua experiência conhecida por aqueles que como ela sofrem com a automutilação. Isso revela que a experiência advinda com as sociabilidades estabelecidas através do grupo pop favorece a participação social dos jovens, “alavancando um sentido para a vida” e que se estende aos outros (NOVAES, 2006, p.118).

A orientação sexual é uma questão latente colocada pelos jovens em todo o processo da pesquisa e a não saúde é representada na fala dos jovens pelos riscos que disso decorre. O mal-estar gerado neles pela negação dos outros os faz estabelecer laços de afeto com profundidade em seu grupo de pares. A Cia Marshall é considerada pelos jovens nas suas falas como uma “família”, pois lá há sentido, aceitação e respeito pelas suas individualidades, compartilhamento de símbolos de pertencimento que se traduzem numa identidade de grupo.

Durante o grupo focal os jovens da Cia Marshall trouxeram na pauta da saúde o que consideram riscos nas suas experiências, sempre trazendo para o centro da questão a invisibilidade sofrida nos espaços fora dos vínculos estabelecidos no grupo. As notícias relacionadas ao público LGBT interessam e inquietam os jovens, pois se relacionam com suas próprias realidades. O caso da travesti Dandara dos Santos, que foi espancada até a morte em Fortaleza-Ce, no dia 15 de fevereiro de 2017, foi mencionado em suas narrativas.

A gente pode ser espancado a qualquer momento, pode levar um tiro na cabeça. Teve uma travesti agora que ela foi recentemente assassinada (Pablo).

Espancando gay, matando travesti, tem o vídeo, tu assistiu? Eu chorei. Não precisa ser travesti, pode gay também, tipo afeminado (Spencer).

Pode ser esfaqueado. A gente se põe no lugar dela, imagina como se fosse com a gente (Hannah).

Acho que é o que pesa mais, em relação a todos os sentidos, em todos os argumentos. Acho que você deve ter notado que a gente sempre levou pro lado (Ali).

A saúde da população LGBT revela índices que indicam caminhos para compreender os fatores de riscos indicados pelos jovens aqui pesquisados. De acordo com o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), o ano de 2016 bateu recorde de número de ocorrências envolvendo pessoas LGBTs que terminaram em mortes, segundo o antropólogo Luiz Mott, responsável pelo site “Quem a Homofobia Matou Hoje“, que faz a tabulação dos casos de violência que acontecem contra os LGBTs através de matérias e recortes de jornais e sites do Brasil, já que não há estatística oficial sobre esse tipo de crime. Nunca antes na história brasileira registraram-se tantos homicídios, desde 1970, quando o GGB começou a fazer as estatísticas.

De acordo com o GGB esses dados são apenas a ponta de um *iceberg* de violência e sangue, pois como não há estatísticas governamentais sobre crimes de ódio tais números são sempre subnotificados, já que o banco de dados se baseia em notícias publicadas na mídia, internet e informações pessoais. Dos 343 assassinatos registrados em 2016, 173 das vítimas eram homens gays (50%), 144 (42%) trans (travestis e transexuais), 10 lésbicas (3%) e 4 bissexuais (1%). Faziam parte da lista também 12 heterossexuais, como os amantes de transexuais (T-lovers), além de parentes ou conhecidos de LGBT, que foram assassinados por algum envolvimento com a vítima, como foi o caso do vendedor Luís Carlos Ruas, 54 anos, que foi morto ao defender travestis no metrô de São Paulo (MOTT; MICHELS; PAULINHO, 2016).

Os jovens não heterossexuais vêm na notícia da morte da travesti o reconhecimento dos riscos inerentes à população LGBT. Eles se incluem nesse grupo, sob constante ameaça desse olhar que os vê como lixo social, escória do mundo, tidos como inferiores por não se igualarem à mesma condição sua. A violência é o caminho oferecido pelo “mundo”, por estes outros que fazem parte de uma massa que reduzem a sua humanidade ao “desvio” associado à orientação sexual, numa violência escancarada que cada vez mais se intensifica com os “gays” e “afeminados”.

O reconhecimento de alguém como “gay” deslegitima o sujeito e permite o abuso e o assédio declarado conduzindo a demonstrações viris de afronta e de escárnio. A alegada feminilidade destes torna-se na brecha pela qual a violência pode ser estimulada pois a contrarreação será, à partida, débil. Mais do que ser mulher ou lésbica, ser gay (e sobretudo efeminado) é atentar contra o patriarcado (SANTOS, 2013, p.75).

A discussão sobre a saúde dos jovens não heterossexuais imprime uma necessidade urgente que não está apenas no campo das informações sobre os fatores de riscos que envolvem as juventudes pela política de saúde. A questão deve ser problematizada, dialogada pela via das culturas juvenis, construindo pontes de reencontro com as juventudes a partir de suas realidades cotidianas, na compreensão dos usos do corpo, na consideração de seus desejos e não apenas na massificação e no engessamento de ações que se voltam para o controle. As demandas e necessidades dos jovens refletem em pautas ainda não discutidas pelo campo da saúde pública.

Nas Diretrizes Nacionais para a atenção integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde (2010) não há uma só pauta em seus capítulos sobre a saúde dos jovens não heterossexuais. Apesar de existir uma política específica<sup>40</sup> no Ministério da Saúde para essa população, reconhecer as juventudes e suas pluralidades são parte de um mesmo movimento que deveria compor essa política voltada a esse público.

As ações que são direcionadas aos jovens dentro dos territórios através das equipes de saúde da família não estão atentas à diversidade das culturas juvenis que cotidianamente perpassam pelos serviços de saúde, pois as orientações técnicas se voltam para determinado tipo de juventude. O reconhecimento dessa pluralidade deve ir além do conceito expresso nos documentos governamentais, para se materializar pelo fortalecimento de uma política construída a partir da realidade dos jovens, de suas culturas e do desprendimento dos profissionais aos modelos impressos em manuais que engessam a prática.

Em contrapartida há sérios indícios de que essa pauta está longe de amenizar os índices de violência envolvendo a população LBGT. Em 2011 os deputados da chamada bancada religiosa e o governo decidiram suspender todas as produções que estavam sendo editadas pelos ministérios

---

<sup>40</sup> O Ministério da Saúde em 2011 criou a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), instituída pela **Portaria nº 2.836 de 1º de dezembro**. Tem por objetivo promover a saúde integral LGBT eliminando qualquer forma de discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuindo para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo.

da Saúde e da Educação sobre a questão da homofobia. O kit anti-homofobia do Ministério da Educação (MEC) causou polêmica no Congresso. O material tratava de homossexualidade, era composto por uma cartilha e três vídeos e deviria ser distribuído em turmas do ensino médio de 6 mil escolas.

Enquanto a diversidade sexual e a homofobia decorrente da negação dessa população não heterossexual não forem pauta prioritária pelo Governo Federal, Estadual e Municipal, atrelando essa discussão aos conteúdos escolares como parte de uma política educacional, muitos jovens não heterossexuais se mutilarão e morrerão vítimas da violência. Se o diálogo dentro de uma perspectiva intersetorial não se fortalecer, dificilmente isso deixará de ser um problema e continuaremos a ser expectadores de uma violência subnotificada. O ponto de partida dessa questão envolve uma frente de resistência a uma cultura machista e heteronormativa, que produz e continuará a produzir índices alarmantes de violência, suicídio e homicídio.

O suicídio é uma pauta sempre requisitada pelos jovens. Particpei de um momento em que um grupo de enfermeiros questionou sobre quais temas gostariam que fosse abordado e o suicídio estava sempre em primeiro lugar. Na realização do grupo focal o suicídio também apareceu na pauta sobre saúde, acompanhado por silêncios e a exposição dos devaneios cotidianos dos jovens.

Eu já pensei, assim, eu vou fazer isso, mas eu pensei se eu fizesse as conseqüências, porque foi uma vez que eu vi um vídeo de uma menina que ela falava né, ela contava se tudo que ela fizesse, se ela se matasse, o que que ia acontecer com a melhor amiga dela, o que que ia acontecer com a família dela. E eu já cheguei a pensar isso, num momento na minha vida que eu tava muito triste e eu ficava pensando se valia a pena eu continuar aqui, aí eu comecei a pensar como minha família ia reagir com isso, como o pessoal da Marshall, que eu considero muito, ia reagir com isso. Eu já tentei assim, eu já tentei imaginar como seria e a Marshall foi uma das primeiras coisas que vem na minha cabeça, eu fiquei me perguntando como é que ia ser pro pessoal aqui, eu já pensei (ALI).

Ali coloca dentro da discussão sobre suicídio os vínculos estabelecidos na família e na Cia, invocando as relações para se manter vivo e não ceder aos pensamentos que lhe assaltam. A vida é mediada pelas relações estabelecidas dentro de um contexto marcado pela imposição de valores e o grupo de pares proporciona verdadeiros elos existenciais de sentido.

Quando os questioneei sobre as pautas que os profissionais de saúde tecem nos territórios, os jovens afirmaram elas tratam de realidades que parecem ir na contramão de suas demandas e

necessidades. As ações que lhes são direcionadas causam estranhamento, pois estão desconectadas dos cotidianos e colocam no palco os preconceitos, gerando um mal-estar desencadeador de processos de adoecimento, não compreendidos pelas equipes instaladas em seus territórios.

Não, nunca participei não, já fui chamado, mais nunca participei, porque eu vejo assim, a... ação a saúde, eu entendo um pouco, né, mais eu não vejo muito a minha cara, assim, para mim ir coisa de saúde, não vejo muito minha cara, gosto mais da... coisa tratada da juventude, certo que saúde também é tratada da juventude, mais eu me vejo mais cultural que é a dança, que é o teatro, a música, e tal... nunca participei não, não tenho muita... (SPENCER).

Contra dengue, gente sempre participa dessas coisas, contra HIV (ALI).

Gravidez na adolescência... (PABLLO).

Os jovens falam com desinteresse sobre as pautas que lhes são colocadas pelo setor saúde, aqui representadas pela equipe de Estratégia Saúde da Família no território do Recanto. As campanhas direcionadas à promoção da saúde não fazem sentido diante de um contexto marcado pela negação de suas identidades. A arte como espaço de fruição de sentido parece se dissociar das ações e da própria compreensão de saúde que se distanciam e perdem oportunidades de se comunicar com os jovens pelas vias de suas culturas e modos de afirmação identitária.

Eu acho assim, que as pessoas que estão ministrando as palestras não sabem chegar no jovem, acho que esse é o grande problema, não sabe conversar com o jovem. Não precisa ser jovem pra falar com o jovem (CHELL).

Eu acho que pra chegar no jovem, é mais uma coisa dinâmica, porque se você chegar, botar um slide, botar várias cadeiras aqui atrás e começar a explicar, ninguém vai ligar, todo mundo vai ficar com sono (ALI).

Quando tinha palestra assim, que era slide e as cadeiras aqui, nós ia embora, a palestra ia ser duas horas, ficava só meia hora e ia embora (TONY).

Santiago et al. (2012) destaca que os jovens dificilmente comparecem aos serviços de saúde e que os profissionais da ESF precisam ter estratégias de aproximação. A participação dos jovens no planejamento e no desenvolvimento das ações se coloca como principal estratégia para a promoção da saúde. Compreender os contextos vivenciais, suas reais necessidades e de que

modo eles se constituem desconstrói as representações sociais ligadas às juventudes e os riscos sociais que lhes atribuem (PAIS, 1993).

O autor considera esse processo como educativo e emancipatório, não se limitando à mera repetição dos conceitos tão discutidos no âmbito do SUS. Isso requer o reconhecimento de um processo que elucida, uma aprendizagem capaz de aprender com as tessituras que compõem as culturas juvenis, indo além de uma concepção técnica, científica, que se sobrepõe aos sujeitos. Os jovens devem ser considerados os principais autores desse processo. Suas vivências, construções sociais e contextos são os elementos orientadores dessa ação.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desejo, a partir dessas considerações, mais do que finalizar um trabalho, apontar e levantar reflexões a partir dos achados que compõem essa realidade que provisoriamente se coloca. Pretendo indicar caminhos pelas vias das culturas juvenis, tecidas cotidianamente dentro dos territórios das equipes da estratégia saúde da família, com o objetivo de estabelecer processos de aprendizagens sobre a saúde dos jovens.

O percurso árduo alimentado pela sede da aproximação do grupo juvenil aqui pesquisado foi inicialmente marcado pela elaboração de um projeto de pesquisa *sem o campo*, devido à submissão pós qualificação ao comitê de ética e só então à *permissão* para realização do estudo. A clareza dos objetivos e da metodologia foi desenhada ao longo da imersão no cotidiano dos jovens, dificultando assim, devido ao escasso tempo, uma permanência prolongada que pudesse aprofundar os resultados aqui mencionados ou mesmo encontrar outros.

Pelas vias traçadas pelos jovens e seus grupos de pertencimento se deu a “escolha” do grupo na qual a pesquisa se realizou. Aqui menciono que na verdade “eu fui a escolhida”. Os símbolos de pertencimento compartilhados pela Cia Marshall a todo momento me comunicavam a expressão de uma cultura. As estratégias de aproximação foram delineadas a partir dos elos de sentido do grupo e isso favoreceu minha aproximação e o estabelecimento de vínculos afetivos, que não estiveram presos à frieza da obtenção dos dados para fins científicos.

Esse processo que aqui cito como de aprendizagem de uma cultura, me possibilitou o estranhamento e o questionamento das minhas vias de sentido, que se alargaram na empatia conduzida pelas realidades dos jovens aqui pesquisados. Nessa perspectiva o estudo partiu da pesquisa exploratória realizada ao longo do mestrado sobre a política de saúde voltada aos jovens. Os resultados indicavam gargalos que longe de serem superados revelavam as dificuldades no diálogo, na execução das ações pelos profissionais e na própria compreensão acerca dos problemas relacionados à sua saúde.

O estudo se propôs desde o início a percorrer os significados que os jovens atribuem a sua saúde, através dos símbolos compartilhados em seus grupos de pertencimento, e como isso produz saúde; compreender, a partir de suas experiências, como vivenciam a saúde e os riscos que a ela atribuem.

Caminhei na contramão de grande parte da produção bibliográfica sobre o tema, que se delimita em reescrever e a reproduzir um discurso hegemônico sobre os problemas da juventude, dentro do campo da saúde. Este estudo contribui para o alargamento da compreensão dos modos de vida dos jovens a partir dos seus contextos vivenciais, que transitam entre os *espaços estriados*, onde se dão as relações com a família, escola e a projeção futurística do mercado de trabalho, e os *espaços lisos e performativos*, que encontram na arte fruição de sentido na construção de suas identidades.

A apreensão dos dados se deu no cruzamento das técnicas, advindas de uma primeira fase mais etnográfica, que teve no diário de campo a materialidade expressa no cotidiano, e na segunda fase, a partir de entrevistas e grupo focal. O campo indicou as técnicas que melhor se adequavam e como seriam aplicadas, a partir da realidade dos sujeitos, suas formas de organização e a ocupação dos espaços no acontecer cotidiano em que se inscrevem.

Vale destacar a disponibilidade dos jovens em querer se deixar ser “visto”. O desejo que a história do grupo virasse escritos de uma dissertação de mestrado facilitou a abertura e a aproximação. A comunicação daquilo que os faz ser um grupo, a propagação da identidade que assumem, o bem que a dança lhes proporciona e a “família” com quem estabelecem laços de afeto diante da negação dos vínculos primários de pertencimento: tudo isso tinha um grande valor simbólico.

Os jovens da Cia Marshall significam a saúde a partir do compartilhamento de uma cultura que estabelece elos de sentido diante da negação de suas identidades sexuais advindas de processos de não reconhecimento daqueles que “deveriam” ser expressão primária de atenção e afeto. É no grupo que os jovens estabelecem códigos de linguagem, estilos, afirmam sua orientação sexual e exprimem através da dança a liberdade almejada. É nesse compartilhar de experiências que encontram nos pares o reconhecimento de si a partir do resgate do olhar alheio, produzindo um *algo mais*, que aqui numa perspectiva *interpretativista* denomino de saúde (PAIS, 2003).

Os riscos indicados pelos jovens não heterossexuais estão relacionados a uma cultura machista e heteronormativa que aparece como pano de fundo do acontecer histórico de suas vidas. Resistir está intrinsecamente ligado à expressão da liberdade em assumir suas identidades sexuais e a arte proporciona a mais viva expressão de suas individualidades. Esses jovens

compõem um contexto marcado pela violência representada nos dados subnotificados dos crimes, suicídios e homicídios envolvendo a população LGBT, grupo no qual estes se reconhecem.

As ações de saúde que lhes são direcionadas são descontextualizadas e não dialogam com aquilo que faz sentido aos jovens, não atendendo suas necessidades. São tratadas por estes com desinteresse, pois não se reconhecem nos processos educativos dirigidos pelas equipes de saúde da família em seus territórios. Longe de alcançar os jovens presos no silêncio dos processos de adoecimento, as ações profissionais voltadas às juventudes falam por ela, denominando-a, representando-a e pouco se aproximando de suas culturas.

Dentro desse contexto a promoção da saúde dos jovens deve ser problematizada a partir da atuação dos profissionais de saúde dentro de um processo formativo, educativo e emancipatório, que reverbere em ações e metodologias que dialoguem pela via de suas culturas. Devem ser construídas pontes de reencontro com a pluralidade das juventudes, a partir de uma perspectiva que os perceba através de seus símbolos de pertencimento, agrupamentos, estilos, nos usos que fazem do corpo, na consideração de seus desejos e não apenas na massificação e no engessamento das ações que se voltam para o controle. As demandas e necessidades dos jovens refletem em pautas ainda não discutidas pelo campo da saúde pública, que tem nas culturas juvenis possibilidades de orientar novos diálogos e redirecionar as ações e práticas de uma política pública.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. **Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALMEIDA, J. R. S. et al. Oficinas de Promoção de Saúde com Adolescentes: Relato de Experiência. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v.12, n.esp, p.1052-1058, 2010. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4450/3375> >. Acesso em: 09 abr 2017.

AMARAL, M.F. **Jovens de periferia a arte de construir a si mesmo: experiências de amizade, dança e morte**. 2015. 240p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117820/000968707.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 mai 2017.

ANDRADE, L.O.M.; BARRETO, I.C.H.C.; COELHO, L.C.A. **A estratégia Saúde da Família e o SUS**. ROUQUAYROL, M. Z.; GURGEL, M. Epidemiologia & Saúde. 7 ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2013.

ANDRADE, E.A.; BÓGUS, C.M.; Políticas públicas dirigidas à juventude e promoção da saúde: como a proposta de auxiliares da juventude foi traduzida em prática. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 14, n. 35, p. 853-866, Dec. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832010000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832010000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARREIRO, R.G. ; MALFITANO, A.P.S. **Retrato das Políticas Públicas Governamentais Brasileira para a Juventude nos anos 2000**. Última Década N°40, Proyecto Juventudes, Julio, p. 133-157, 2014.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BECKER, H. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOAS, C.C.; CUNHA, C.F.; CARVALHO, R. Por uma Política Efetiva de Atenção Integral à Saúde do Adolescente em Conflito com a Lei Privado de Liberdade. **RevistaMed**, Minas Gerais, v.20, n. 2, p. 225-233, 2010.

BOUER, J. O Estado de São Paulo. **Riscos entre os Jovens**. 2016. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,riscos-entre-jovens,10000051268>>. Acesso em: 01 jul 2017.

BOURDIEU, P. **Questões da Sociologia**. Rio de Janeiro: marco zero, 1983.

BRANDÃO, C.R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.

BRAGA, João Paulo Cavalcante. **Redes de depressão e cutting no cenário jovem alternativo: uma contribuição sociológica acerca da automutilação**. VIII Congresso Português de Sociologia 40 anos de democracias: progresso, contradições e perspectivas. Universidade de Évora 2014. Disponível em: [http://www.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0743.pdf](http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0743.pdf). Acesso em : 13/06/2017

BRASIL. Secretaria Nacional da Juventude. **Agenda da juventude Brasil: pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013**. Participatório, observatório participativo da juventude. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Estatuto da criança e do adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente** : lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação ; n. 83).

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: Promulgada em 05 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

\_\_\_\_\_. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010. p 132  
[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf)

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da República**, Brasília, 20 set. 1990.

\_\_\_\_\_. **Política de Atenção Integral de Adolescentes e Jovens**: orientações para a organização de serviços de saúde. Brasília. 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Pactos pela Saúde 2006; v. 7. Secretaria de Vigilância em Saúde.

Secretaria de Atenção à Saúde. 3. ed. Brasília.2010. 60 p. Disponível em:  
<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_promocao\\_saude\\_3ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf)>.  
Acesso em 12 Jan 2016.

\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde (1996). **Programa Saúde do Adolescente**. Bases Programáticas. 2ª ed. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. Brasília, DF. Recuperado em 25 de junho, 2012, de:  
[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_05.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf).

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 out. 1979. Sec. 1, p. 14945.

\_\_\_\_\_. PEC 138/2003. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal de 1988 que passa a ser: " Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso". PEC da Juventude. Altera a Constituição Federal de 1988. 20 ago 2003.

\_\_\_\_\_. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**:

promulgada em 5 de outubro de 1988, atualizada até a Emenda Constitucional nº 39, de 19 de dezembro de 2002. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nos 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jun 2005.

\_\_\_\_\_. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 20 set. 1990, p.18055.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 2.488, de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). **Diário Oficial da União**. Brasília, 2011.

BOMFIM. L.A. Grupos focais: conceitos, **procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de Saúde**. *Physis* [online]. vol.19, n.3, pp.777-796, 2009.

BUSS, P.M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p.163-177, 2000.

CALVO, E.G. **A roda da fortuna: viagem à temporalidade juvenil**. IN Pais, Machado; J. M., Ferreira, V. S., Bendit, René (Eds.). *Jovens e rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. (2011). p. 39-57.

CARRANO, P. JOVENS POBRES: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. **Ciências Hum. e Soc. em Revista**. Seropédica, RJ, EDUR, v. 30, n. 2, jul-dez., p. 62-70, 2008.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 July 2017.

\_\_\_\_\_. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Revista de Estudos Sobre Juventude**. Rio de Janeiro, 2005.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência. Gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

FARIAS, J.V.A.C. **Cuidado à Saúde das Gestantes Adolescentes no Contexto das Esf's no Município de Camocim de São Félix/PE**. Recife [s.n]2010. 38p. Disponível em: <http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010farias-jvac.pdf> Acesso em: 20 jun 2017.

FEIXA, C. los estúdios sobre culturas juveniles em Espana-1960-2004. **Revista de Estudios de Juventud**, Madrid, n.64, mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Nilan P. Una juventude global? Identidades híbridas, mundos plurales. **Revista d'Educació Social**, Barcelona, n. 43, 2009.

FERREIRA, V.S. **Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo**. J. M., FERREIRA, V. S., BENDIT, R. (Eds.). *Jovens e rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2011.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GASELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M.W.(orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. P.64-89.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 2008.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas 2002.

GROPPO, L.A. **A juventude como categoria social. Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. SP: Difel, p.07-27, 2000.

HENRIQUES, B.D; ROCHA, R.L.;MADEIRA, A.M.F. O atendimento e o acompanhamento de adolescentes na atenção primária à saúde: uma revisão de literatura. **Revista Min.Enfermagem**, v.14, n.2, p.251-256, abr/jun, 2010.

HORTA, N.C; SENA, R. R. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p. 475-495, 2010.

HORTA, N.C. **Modos de Vida Juvenis: Cotidiano, Espaços Sociais e Saúde**. 2011. 263p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

IBGE. **População Jovem no Brasil**. IBGE. Rio de Janeiro. (1999). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=26686&view=detalhes>>. Acesso em: 21.jun.2016.

JAGER, M. E. et al. O ADOLESCENTE NO CONTEXTO DA SAÚDE PÚBLICA BRASILEIRA: reflexões sobre o Prosad. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 211-221, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/05.pdf>>. Acesso em: 10/01/2017

LOPEZ, S.B.; MOREIRA, M.C.N. Quando uma proposição não se converte em política? O caso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens – PNAISAJ. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p.1179-1186, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232013000400031&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232013000400031&script=sci_abstract&tlng=es)>. Acesso em: 10/10/2016

KEHL. A juventude como sintoma da cultura. IN: NOVAES, Regina (org.) VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade Trabalho, educação, cultura e participação** Edição: 1ª Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KERBAUY, M. T. M. Políticas de Juventude: Políticas Públicas ou Políticas Governamentais? **Estudos de Sociologia**. n. 18/19.Araraquara, 2005.

MACHADO W. D. et al. Programa Saúde na Escola: Um Olhar Sobre a Avaliação dos Componentes. **SANARE**, Sobral, v.15 n.01, p.62-68, Jan./Jun., 2016. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/929/558>>. Acesso em:03/03/2017

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10/01/2017

\_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2015.

\_\_\_\_\_. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, São Paulo, n.1, p. 8-12, 1997.

\_\_\_\_\_. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Revista Tempo Social**, São Paulo, USP, abril/2009

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MILLS, W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MOTT, L.; MICHELS, E.; PAULINHO. **Relatório 2016: Assassinatos de LGBT no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://bancariospa.org.br/wp3/wp-content/uploads/2017/01/relatc3b3rio-20162.pdf> . Acesso em: 10 jun. 2017.

NETO, O.C.; MOREIRA, M.R.; SUCENA, L.F.M. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais. 2012 Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com\\_JUV\\_PO27\\_Neto\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf)> Acesso em: 22 de Jun de 2017.

NOVAES, R. **Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas**. Revista Sociologia Especial – Ciência e Vida, São Paulo, outubro de 2007.

\_\_\_\_\_. **Os jovens de hoje, contextos, diferenças e trajetórias**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs). **Culturas jovens: novos mapas de afetos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-120.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed, Brasília/São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ORTEGA, Francisco. **Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais**. Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAIS, J.M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 2003 a.

\_\_\_\_\_. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003 b.

\_\_\_\_\_. Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.3, p.371-381, 2009.

\_\_\_\_\_. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs). Culturas jovens: novos mapas de afetos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. Grupos e Afiliações Sociais. **Revista Teias Jovens Territórios e Práticas Educativas**. v.12, n.26, p. 247-286, Set/dez 2011.

\_\_\_\_\_. J. M., FERREIRA, V. S., BENDIT, R. (Eds.). **Jovens e rumos**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2011.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e afectos juvenis**. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PEREIRA, D. Universidade Federal de Alagoas. **Pesquisa revela número elevado de suicídios entre integrantes da comunidade LGBT em Maceió**. 2013. Disponível em:

<<http://www.ufal.edu.br/noticias/2013/11/pesquisa-revela-numero-elevado-de-suicidios-entre-integrantes-da-comunidade-lgbt-em-maceio>> Acesso em: 8 jun 2017.

PHILLIPE, H. Esquerda Online. **Suicídio LGBT: as manchas de sangue da discriminação**. 2016. Disponível em: <<http://esquerdaonline.com.br/2016/09/18/suicidio-lgbt-as-manchas-de-sangue-da-discriminacao/>> . Acesso em: 27 jun 2017.

QUEIROZ, M.V.O.; LUCENA, N.B.F.; BRASIL, E.G.M.B.; GOMES, I.L.V.G. **Cuidado ao adolescente na atenção primária: discurso dos profissionais sobre o enfoque da integralidade**. Revista Rene, Fortaleza v.12 p. 1036-44 Set. 2011.

RAPOSO, C. A. Política de Atenção Integral à Saúde do Adolescente e Jovem: uma perspectiva de garantia de direito à saúde? **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 23, p.117-138, Julho, 2009. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/450/548>> Acesso em: 10/02/2016

RIZZINI, I. **A Criança e a Lei no Brasil Revisitando a História (1822- 2000)** – Brasília, DF: UNICEF; Rio de Janeiro: USU Ed. Universitária, 2000.

ROCHA, F. A. A. et al. Programa de Saúde da Família: percepção de adolescentes de um município do Estado do Ceará. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 7-13, abr/jun 2012. Disponível em: < [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=310](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=310)>. Acesso em: 10/02/2017

SANTIAGO L. M.; RODRIGUES M. T. P.; JÚNIOR A. D. O.; MOREIRA T.M. M. **Implantação do Programa Saúde na Escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família**. Rev. bras. Enferm., vol.6, 2012.

SANTOS, H.M.R. Um desvio na corrente Que(er)stionando as margens: percursos escolares e culturas juvenis de rapazes não-heterossexuais. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto. 2013. Disponível em:

[https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=30173](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=30173). Acesso em: 08 mai. 2017.

SARAIVA, J.B.C. **Adolescente em conflito com a lei: da indiferença à proteção integral: uma abordagem sobre a responsabilização penal juvenil**. 3. ed. rev. atual. - Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2009.

SARTI. O jovem na família o outro necessário. IN:NOVAES, Regina (org) VANNUCHI, Paulo(org.) **A Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 115-29.

SILVA et al. Análise do Sistema Municipal de Saúde de Sobral/CE sob a ótica do VER-SUS Brasil. **R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.4, Dez., 2013.

SOARES. Juventude e violência no Brasil contemporâneo.IN: NOVAES, Regina (org.) VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade Trabalho, educação, cultura e participação** Edição:1ª.Editora: Fundação Perseu Abramo. 2004.

SOARES, G. **Jornal da USP. Suicídio entre jovens é um problema de saúde pública no Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/atualidades/suicidio-entre-jovens-e-um-problema-de-saude-publica-no-brasil/>>. Acesso em: 1 Jul. 2017.

STECANELA, N. **Jovens e cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 397f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SPÓSITO, M.; CARRANO, P. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. In Osmar Fávero, Marília Spósito, Paulo Carrano& Regina Novaes (Orgs.), **Juventude e contemporaneidade** (pp. 179-215). Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2003.

SPOSITO, M. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SILVA, R.S.; SILVA, V.R. **POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE: trajetória e desafios. CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.

TRAD, L.B. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.777-796, 2009.  
Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300013&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 05/05/2017

UNICEF. **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

VOLPI, M. **Sem liberdade, Sem direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei**. São Paulo: Cortez, 2001.

## APÊNDICE

### **APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE PARA JOVENS ACOMPANHADOS PELA ESTAÇÃO DA JUVENTUDE DO NOVO RECANTO**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

O(a) Senhor(a) está sendo convidado a participar da pesquisa "**OS JOVENS E SEUS OUTROS: a saúde em suas múltiplas expressões a partir do cotidiano de grupos juvenis em Sobral-CE**", de responsabilidade de Isabelle Melo Rocha Lima, discente do Mestrado acadêmico em saúde da Família da Universidade Federal do Ceará. O objetivo de sua participação nesta pesquisa é perceber a vivência dos grupos juvenis como caminhos para a promoção da sua saúde. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Todos os esclarecimentos que necessite serão informados antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Todos os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa. Será garantida a manutenção do sigilo, confidencialidade e privacidade dos dados, antes, durante e após o término da pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio entrevista semiestruturada realizada pelo entrevistador. O tempo estimado é de 25 minutos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Espera-se que com esta pesquisa possamos favorecer o diálogo entre as equipes de saúde bem como outros serviços e equipamentos públicos acerca das culturas juvenis expressas nos grupos em que estes participam. Sua participação é voluntária e livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Responder a esta entrevista não trará nenhum risco para você. Entretanto, caso se sinta constrangido (a) em responder alguma pergunta, interromperemos a mesma.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone (88) 999661429 ou pelo e-mail belmrocha2@hotmail.com.

Os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma apresentação da dissertação na Estação da Juventude no Vila Recanto, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Este projeto será revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale do Acaraú. CEP/UVA.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante. Estaremos disponíveis para qualquer outro esclarecimento no Endereço: Avenida Comandante Maurocélvio Rocha Pontes, nº. 186, Derby, Sobral - CE, telefone: (88) 3677- 4242.

Atenciosamente,

---

Pesquisador

### **CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO**

Declaro que tomei conhecimento do estudo que pretende perceber a vivência dos grupos juvenis como caminhos para a promoção da sua saúde realizado pelas pesquisadoras Isabelle Melo Rocha Lima (mestrando) e Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva (Orientadora). Compreendi seus propósitos, concordo em participar da pesquisa.

Sobral, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

---

Assinatura do Participante

## **APÊNDICE B: TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

### **TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **OS JOVENS E SEUS OUTROS: a saúde em suas múltiplas expressões a partir do cotidiano de grupos juvenis em Sobral-CE**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como as questões de promoção da saúde se expressam no cotidiano das vivências em grupo. Os jovens que irão participar dessa pesquisa têm de 12 a 14 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir. A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada realizada pelo entrevistador. O tempo estimado é de 25 minutos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Espera-se que com esta pesquisa possamos favorecer o diálogo entre as equipes de saúde bem como outros serviços e equipamentos públicos acerca das culturas juvenis expressas nos grupos em que participam. Sua participação é voluntária e livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Responder a esta entrevista não trará nenhum risco para você. Entretanto, caso se sinta constrangido (a) em responder alguma pergunta, interromperemos a mesma.

Qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar por meio do telefone (88) 999661429 ou pelo e-mail [belmrocha2@hotmail.com](mailto:belmrocha2@hotmail.com). Os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma apresentação da dissertação na Estação da Juventude no Vila Recanto, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Este projeto será revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale do Acaraú. CEP/UVA.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o participante. Estaremos disponíveis para qualquer outro esclarecimento no Endereço: Avenida Comandante Maurocéllo Rocha Pontes, nº. 186, Derby, Sobral - CE, telefone: (88) 3677- 4242.

Atenciosamente,

---

Pesquisador

### **CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO**

Declaro que tomei conhecimento do estudo que pretende perceber a vivência dos grupos juvenis como caminhos para a promoção da sua saúde realizado pelas pesquisadoras Isabelle Melo Rocha Lima (mestrando) e Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva (Orientadora). Compreendi seus propósitos, concordo em participar da pesquisa.

Sobral, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

---

Assinatura do Responsável

**APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1) Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

2) Endereço: \_\_\_\_\_

3) Apelido: \_\_\_\_\_

4) Renda Familiar: \_\_\_\_\_

5) Estuda? Onde? Série: \_\_\_\_\_

6) Orientação Sexual: \_\_\_\_\_

7) Raça: \_\_\_\_\_

8) Há quanto tempo está na Cia Marshall? Como foi sua entrada?

---

---

---

9) Como é fazer parte desse grupo?

---

---

---

10) Sobre sua família?

---

---

---

11) Sobre o lugar onde mora? Bairro? Como é viver aqui?

---

---

---

12) Acessibilidade aos equipamentos públicos?

---

---

---

13) Mobilidade urbana?

---

---

---

---

14) Como percebe as Políticas públicas para as juventudes? Ex: Saúde, Educação, Lazer, Esporte, Cultura:

---

---

---

---

15) O que é saúde para você?

---

---

---

---

16) Como percebe as ações de saúde direcionadas aos jovens? Já participou de alguma ação destinada aos jovens. Fale sobre isso.

---

---

---

---

17) O que é juventude?

---

---

---

---

## APÊNDICE D: ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

### ROTEIRO

Hoje vamos discutir um assunto que afeta todos vocês. Antes de entrarmos em nossa discussão, deixe-me fazer alguns pedidos a vocês. Primeiro vocês devem saber que estamos gravando a sessão, de modo que eu possa voltar a nossa discussão quando eu for escrever meu relatório. Se alguém aqui se sentir constrangido com a gravação, por favor, o diga, e é claro tem toda liberdade de sair. Vamos tentar falar um de cada vez, se sintam à vontade para expressar suas opiniões e não se preocupem com o que eu penso e com o que o outro pensa. Vamos ter cuidado para não tirar o foco das discussões que estarão em pauta e evitar o domínio da discussão por parte de um dos integrantes. Estamos aqui para trocar opiniões e para nos divertir enquanto fazemos isso.

**1) Me falem como foi o início da Cia Marshall? (15 min)**

- 1.1 Como foi a escolha dos líderes?
- 1.2 A escolha do tipo de música?
- 1.3 A escolha dos locais dos ensaios?
- 1.4 Existe algum perfil para entrar?

**2) Como é fazer parte do grupo? (20 min)**

- 2.1 O que motiva?
- 2.2 As relações estabelecidas?
- 2.3 Relação com a dança?
- 2.4 Relação com sua estima?
- 2.4 Relação com outros grupos de dança?
- 2.5 O preparo para as competições?
- 2.6 Há uma identidade no grupo?
- 2.7 Há conflitos no grupo?
- 2.8 A sua vida após a entrada no grupo?

**3) Como vivenciam a juventude? (20min)**

- 3.1 Relações com a Família?
- 3.2 Relações com a escola?
- 3.3 Já foram acompanhados ou atendidos em projetos sociais? Como foi a experiência?
- 3.4 Como é ser jovem no bairro onde mora?
- 3.4 O que considera risco? Se sente exposto a algum risco?
- 3.5 Como vivencia os problemas?
- 3.6 Situações que causam dor?

**4) O que é ter saúde? (20 min)**

4.1 Já participou de alguma ação de saúde? Se sim qual?

4.2 Como percebe as ações de saúde voltadas aos jovens?

4.3 Quando se fala em política de saúde voltada aos jovens? A que relaciona?

## ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ - UVA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** OS JOVENS E SEUS OUTROS: a saúde em suas múltiplas expressões a partir do cotidiano de grupos juvenis em Sobral-CE.

**Pesquisador:** isabelle melo rocha lima

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 61360616.0.0000.5053

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.811.591

#### Apresentação do Projeto:

Estudo de caráter etnográfico com abordagem qualitativa a ser realizado com os grupos juvenis situados no Bairro Vila Recanto em Sobral-CE, por meio de entrevistas e observação participante as quais serão trianguladas para fins de análise e discussão. O trabalho terá como cenário de estudo a Estação da Juventude por ser este um espaço de sociabilidade dos próprios jovens, possibilitando a transversalidade das políticas públicas e aproximação com esse público.

#### Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa tem como objetivo principal compreender os significados e sentidos que os grupos juvenis dão à saúde em suas vivências coletivas. Como objetivos secundários citamos: •Mapear os grupos juvenis existentes no Bairro Vila Recanto em Sobral-CE;•Conhecer como as questões de promoção da saúde se expressam no cotidiano das vivências em grupo;•Compreender como os jovens percebem as ações de promoção de saúde a eles direcionadas.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora destaca a possibilidade de riscos mínimos uma vez que envolve uma população de risco social. Os resultados da pesquisa auxiliarão as políticas públicas no setor saúde no trabalho com as juventudes, principalmente na promoção da saúde dos jovens, que a partir do cotidiano

**Endereço:** Av Comandante Maurocéllo Rocha Ponte, 150

**Bairro:** Derby

**CEP:** 62.041-040

**UF:** CE

**Município:** SOBRAL

**Telefone:** (88)3677-4255

**Fax:** (88)3677-4242

**E-mail:** uva\_comitedeetica@hotmail.com



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ - UVA



Continuação do Parecer: 1.811.591

dos grupos juvenis e dos significados que eles atribuem a saúde indicarão caminhos a serem percorridos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de grande relevância para a discussão de políticas públicas voltadas para este público em situações de vulnerabilidade social.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos obrigatórios estão apresentados adequadamente.

**Recomendações:**

Recomendamos a aprovação do projeto de pesquisa. Salienta-se ainda, a recomendação de devolutiva dos resultados da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UVA) por meio do envio do Relatório Final de Pesquisa na aba Notificações da Plataforma Brasil.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto não apresenta pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Colegiado do CEP considerou o projeto de pesquisa APROVADO.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_803499.pdf	18/10/2016 11:39:52		Aceito
Outros	anuencia.pdf	18/10/2016 11:39:00	isabelle melo rocha lima	Aceito
Folha de Rosto	Doc.pdf	03/10/2016 11:39:02	isabelle melo rocha lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	03/10/2016 11:38:37	isabelle melo rocha lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/10/2016 20:00:39	isabelle melo rocha lima	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

**Endereço:** Av Comandante Maurocélvio Rocha Ponte, 150

**Bairro:** Derby **CEP:** 62.041-040

**UF:** CE **Município:** SOBRAL

**Telefone:** (88)3677-4255 - **Fax:** (88)3677-4242

**E-mail:** uva\_comitedeetica@hotmail.com

## ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



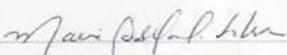
Pedimos autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada: "**OS JOVENS E SEUS OUTROS: a saúde em suas múltiplas expressões a partir do cotidiano de grupos juvenis em Sobral-CE**". O estudo tem como objetivo compreender os significados e sentidos que os grupos juvenis dão à saúde em suas vivências coletivas. A pesquisa é de responsabilidade de Isabelle Melo Rocha Lima, discente do Mestrado acadêmico em saúde da Família da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Professora Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva.

A pesquisa de campo será um estudo de caráter etnográfico de abordagem qualitativa e será realizada com os grupos juvenis situados no Bairro Vila Recanto, a porta de entrada para o conhecimento desses grupos será a Estação da Juventude deste território em Sobral-CE.

A entrevista semi estruturada, o diário do participante e a observação com o diário de campo farão parte das técnicas utilizadas na pesquisa, numa triangulação que tem como objetivo conhecer aspectos mais específicos da "dimensão singular e particular da realidade objetiva dos jovens." (HORTA 2011, p.81) A 1º fase da pesquisa de cunho exploratório será realizado o mapeamento dos grupos juvenis e o segundo momento da pesquisa consiste em sua fase interpretativa, em que será realizada a imersão no cotidiano dos grupos mapeados, na observação dos cenários selecionados a partir da participação das atividades dos grupos.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12 que trata a pesquisa envolvendo seres humanos. Enfatizamos que tais dados serão utilizados somente para realização deste estudo. Na certeza de contarmos com a colaboração e o empenho deste serviço, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Sobral 17 de outubro de 2016



Dra. Maria Adelane Monteiro da Silva

(Orientadora do projeto)

Concordamos com a solicitação      ( ) Não concordamos com a solicitação



Coordenador(a) da Estação da Juventude do Bairro Vila Recanto